

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO

CURSO DE HISTÓRIA

NATÁLIA SITNIEVSKI

A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA CHAQUENHA DO SÉCULO XVIII NA  
OBRA DO MISSIONÁRIO FLORIÁN PAUCKE

São Leopoldo

2023

NATÁLIA SITNIEVSKI

**A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA CHAQUENHA DO SÉCULO XVIII NA  
OBRA DO MISSIONÁRIO FLORIÁN PAUCKE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História, pelo Curso de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cristina Bohn Martins

**São Leopoldo**

**2023**

Aos meus pais, Andréa e Natalio, por tudo que fizeram e fazem por mim. Sem vocês, nada disso seria possível! Amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho encerra um ciclo bastante significativo na minha vida: minha primeira formação. A Natália de 18 anos, que resolveu cursar História e se aventurar pelos caminhos da docência, não imaginava o quanto essa escolha poderia lhe trazer felicidade e amadurecimento. Olhar para trás e rememorar esses quatro anos de graduação me emociona profundamente e me faz querer agradecer!

Agradeço àquela que esteve ao meu lado durante o processo de escrita desta monografia: minha orientadora Maria Cristina ou, como gosto de chamar, Macris. Obrigada pela dedicação, apoio e afeto, por embarcar comigo nessa jornada e me incentivar sempre!

Agradeço também aos professores e professoras do curso de Licenciatura em História da Unisinos. Todos foram importantes e marcaram a minha formação. Agradeço especialmente à professora Eliane C. D. Fleck que, ainda durante a Iniciação Científica, me presenteou com a possibilidade de estudar o manuscrito que, hoje, é objeto de análise deste trabalho. Sou grata pelos teus ensinamentos valiosos, por compartilhar tantos materiais, mas sobretudo pela amizade, carinho e cuidado que sempre teve comigo.

Ao professor Jairo Henrique Rogge, coordenador do curso, obrigada por aceitar ler minha monografia e por participar da banca de avaliação que marca o encerramento deste ciclo.

Ao Miquéias H. Mugge, que encontrou a edição de 1944 do manuscrito do Florián Paucke na Biblioteca de Princeton e que generosamente fotografou e disponibilizou os três tomos para que eu pudesse ter acesso à todas as aquarelas do missionário.

Ao historiador argentino Carlos Daniel Paz, por me incentivar a seguir neste tema e pela generosidade em partilhar alguns livros e artigos de difícil localização.

À Luciana L. X. Nunes, pela parceria e momentos de afeto construídos desde o primeiro semestre e, em nome dela, aos demais colegas com quem tive a oportunidade de conviver.

À Laura D. Baggio, minha amiga há mais de dez anos. Obrigada pelo incentivo, pelas conversas intermináveis e por estar presente em mais essa etapa da minha vida.

Ao Emanuel, meu companheiro, minha eterna gratidão pelo encorajamento, pelos sorrisos e por todo o apoio durante esse processo de escrita.

Por fim, às pessoas mais importantes. Aos meus pais, Andréa e Natalio, por serem ouvidos, amor e companheirismo. Essa conquista é nossa. É por mim, por vocês, por nós. Por tudo que nós três sempre fomos uns para os outros. Mil vezes obrigada. Vocês são a minha maior inspiração!

“Canto a la madre naturaleza, a tu misterio invisible.  
Canto a la fuerza que alimenta, nuestra danza para esta vida.  
Canto a la fuerza que va abriendo el camino de nuestros sueños”.  
(Naturaleza – Danit Treubig)

## RESUMO

Este trabalho procurou analisar de que forma a natureza do Gran Chaco Setecentista foi descrita e representada ao longo da sexta e última parte do manuscrito do jesuíta Florián Paucke, intitulado *Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios Mocobíes 1749-1767*. A obra foi produzida durante o seu exílio, após a expulsão dos jesuítas da América, em 1767, e conta com diversas edições sendo que, para este trabalho, utilizamos duas delas: a de 1944 e a de 2010. A distância temporal e espacial entre o momento da escrita do relato e a experiência vivida foi marcada pela necessidade de validação do trabalho missionário por meio da prática de escrita característica da Companhia de Jesus, frente ao contexto da Polêmica do Novo Mundo da segunda metade do século XVIII. Nesse sentido, primeiramente, inserimos o manuscrito em seu contexto de produção, para, posteriormente, analisarmos quais foram as percepções de natureza, bem como os usos que dela poderiam ser feitos, retratadas pelo jesuíta. Para isso, realizamos um estudo da classificação e das categorias criadas pelo missionário para tratar a natureza chaquenha, bem como das relações entre os conhecimentos europeus e os conhecimentos indígenas dessa região, a fim de compreender como essas descrições se relacionam com os saberes científicos em voga nesse período. Na continuidade, optamos por pensar a produção iconográfica da parte analisada a partir da perspectiva fornecida pelo conceito de representação, de Roger Chartier.

**Palavras-chave:** Florián Paucke. Gran Chaco. Natureza. Representação. XVIII.

## RESUMEN

Este trabajo busca analizar cómo fue descrita y representada la naturaleza del Gran Chaco del siglo XVIII a lo largo de la sexta y última parte del manuscrito del jesuita Florián Paucke, titulado *Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes 1749-1767*. La obra fue escrita durante su exilio, tras la expulsión de dos jesuitas de América en 1767, y cuenta con varias ediciones; para esta ocasión analizamos las ediciones de 1944 y 2010. La forma de escribir la historia y la experiencia vivida estuvo marcada por la necesidad de validar la labor misionera a través de la práctica de la escritura propia de la Compañía de Jesús, en el contexto de la Disputa por Nuevo Mundo, durante la segunda mitad del siglo XVIII. En este sentido, primero, insertamos el manuscrito en su contexto de producción, para, luego analizar sus percepciones sobre la naturaleza, así como los usos de la misma que pudieron ser fielmente retratados por el jesuita. Para ello, llevamos a cabo un estudio de las clasificaciones y categorías misioneras creadas para abordar la naturaleza del lugar, así como las relaciones entre el conocimiento europeo y el conocimiento indígena de la región, con el fin de comprender cómo se relacionan estas descripciones con el conocimiento científico en boga durante este período. A continuación, optamos por pensar la producción iconográfica de la pieza analizada desde la perspectiva que brinda el concepto de representación de Roger Chartier.

**Palabras clave:** Florian Paucke. Gran Chaco. Naturaleza. Representación. XVIII.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Nicolas Sanson. L’Amerique meridionale divisee en ses principales [...]</i> .....	19
Figura 2 – Trajeto até a Redução de San Javier (Lâmina XI).....	22
Figura 3 – Mapa da localização do Gran Chaco na Argentina.....	23
Figura 4 – Missões do Gran Chaco.....	28
Figura 5 – Ervas comestíveis e medicinais (Lâmina XLV).....	54
Figura 6 – Tipos de porongos encontrados no Chaco (Lâmina XLVIII).....	55
Figura 7 – Classes de abóboras e melões (Lâmina XLIX).....	56
Figura 8 – <i>Higueras Indias</i> (Lâmina LII).....	57
Figura 9 – Tipos de palmeiras (Lâmina LXI).....	59
Figura 10 – Classes de patos e gansos (Lâmina LXVI).....	61
Figura 11 – Avestruz/ <i>Amanic</i> (Lâmina LXXII).....	62
Figura 12 – Cervos (Lâmina LXXVII).....	64
Figura 13 – Cobras (Lâmina LXXXIV).....	65
Figura 14 – Classes de peixes (Lâmina XXXII).....	68
Figura 15 – <i>Índice de las láminas de botânica I</i> .....	76
Figura 16 – <i>Índice de las láminas de botânica II</i> .....	77
Figura 17 – <i>Índice de las láminas de botânica III</i> .....	78
Figura 18 – <i>Apagquic</i> (Lâmina LVIII).....	80
Figura 19 – <i>Amapic</i> (Lâmina LIX).....	81
Figura 20 – <i>Apigni</i> (Lâmina CIV).....	83
Figura 21 - <i>Clagye locoic</i> (Lâmina XCVII).....	85
Figura 22 – <i>Nainic</i> (Lâmina XCVI).....	86
Figura 23 – <i>Doic e Sangre de drago</i> (Lâmina LXXXIX).....	87



**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Capítulos Sexta Parte da obra de Florián Paucke - “ <i>Descripcion del gran chaco em Paracuaria</i> ”.....	51
Tabela 2 - Representações da natureza por Florián Paucke.....	88

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 UM JESUÍTA BOÊMIO EM TERRAS CHAQUENHAS.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Florián Paucke: o missionário dos Mocoví.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Gran Chaco Setecentista.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 A atuação do missionário na primeira redução Mocoví.....</b>	<b>26</b>
<b>3 ESCRITA, ILUSTRAÇÃO E EXÍLIO: A PRÁTICA JESUÍTA NO SÉCULO DAS LUZES.....</b>	<b>31</b>
<b>3.1 A tradição da escrita na Companhia de Jesus.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2 Natureza Ilustrada: a adequação da escrita jesuíta à práxis do século XVIII.....</b>	<b>35</b>
<b>3.3 <i>Hacia Allá Y Para Acá</i>: entre a experiência americana e o exílio.....</b>	<b>42</b>
<b>4. A NATUREZA DO GRAN CHACO NA OBRA DE FLORIÁN PAUCKE.....</b>	<b>47</b>
<b>4.1 <i>Descripcion del Gran Chaco en Paracuaría</i>.....</b>	<b>48</b>
<b>4.2 Percepções e usos que poderiam ser feitos da natureza do Chaco.....</b>	<b>52</b>
<b>4.3 As aquarelas como representação.....</b>	<b>70</b>
<b>4.4 “De los árboles” e a representação da natureza chaquenha.....</b>	<b>75</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha do presente tema para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso em História se deu em função de minha participação, do ano de 2021 à 2022, como bolsista de Iniciação Científica, na modalidade PIBIC-Cnpq, no projeto intitulado "A natureza americana, por seus usos e percepções: Ciência e História em obras manuscritas e impressas de Botânica Médica e História Natural (América Meridional, século XVIII)", coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane C. D. Fleck. Esse projeto tinha por objetivo a identificação e discussão das percepções da natureza americana (envolvendo flora, fauna, hidrografia, geografia, clima, etc), bem como os usos que poderiam dela ser feitos, considerando uma lógica utilitarista própria dos tempos do Iluminismo.

Como bolsista, estudei o manuscrito do jesuíta Florián Paucke que trata sobre a natureza da região chaquenha setecentista a partir de descrições e ilustrações acerca, principalmente, da flora, fauna e hidrografia daquele ambiente. Esses aspectos estão intrinsecamente associados ao contexto da segunda metade do século XVIII – marcado pela Ilustração –, no qual as obras de missionários que atuaram na América tornaram-se importantes para que concepções acerca da debilidade da natureza americana, defendidas por naturalistas do período, fossem refutadas. Outros jesuítas exilados também produziram obras com descrições acerca da natureza americana, como Martin Dobrizhoffer, Tomás Falkner e José Sánchez Labrador.

A partir da leitura e análise da obra *Hacia allá y para acá. Una estada entre los índios Mocobíes 1749-1767*, escrita por Florián Paucke, verificou-se a presença de um rico material descritivo e iconográfico acerca dos indígenas Mocoví e da natureza da região do Gran Chaco, onde Paucke esteve atuando na Redução de San Javier. Esse manuscrito de História Natural, escrito, originalmente, em alemão, é dividido em seis grandes partes e conta com cerca de 150 ilustrações que revelam aspectos importantes das práticas sociais e culturais dos indígenas, bem como da flora, fauna e hidrografia da região em que o jesuíta se encontrava missionando.

O diferencial desta obra, se comparada a outras publicadas no mesmo contexto e período, é que, para além das descrições, o autor produziu uma rica iconografia que complementa a sua narrativa. Ou seja, o relato do jesuíta é um dos poucos trabalhos que apresenta aquarelas que ilustram o cotidiano das missões e os aspectos naturais do Chaco, sendo elas utilizadas para ilustrar várias obras (Silva, 2013, p. 85). Nesse sentido, podemos conceber essas ilustrações como textos que também podem ser lidos e que, sobretudo, auxiliam na construção do ponto de vista que o missionário deseja construir.

A obra de Paucke foi escrita durante o seu exílio, após a expulsão dos jesuítas da América, em 1767. No entanto, a densidade de detalhes e a descrição recorrente de datas e locais específicos nos levam a crer que ele tenha mantido uma espécie de diário de anotações no decorrer da viagem à América e durante sua estada entre os Mocoví. Evidentemente, a distância temporal e espacial entre o momento da escrita do relato e a experiência vivida, foi marcada pela necessidade de validação do trabalho missionário por meio da prática de escrita característica da Companhia de Jesus, frente ao contexto da Disputa e da Polêmica do Novo Mundo próprio da segunda metade do século XVIII.

Na primeira parte do manuscrito, intitulada *Partida desde Europa hacia las Indias Occidentales de América*, composta por 15 capítulos, Paucke descreve a saída da Europa até a chegada, em 1749, na redução de San Javíer. As condições de alimentação, da água oferecida à tripulação, as tormentas, as dificuldades em atravessar o Estreito de Gíbaltrar, e as características de algumas cidades foram alguns dos aspectos descritos pelo jesuíta.

Na segunda parte, *Mi estada y trabajo en Paracuaria*, composta por 16 capítulos, Paucke narra a fundação da redução de San Javíer em 1743. Além disso, relata sobre o processo de sedentarização dos indígenas, das instalações de oficinas de música, carpintaria, tecelagem, entre outras, do trabalho realizado pelos nativos na agricultura e da aceitação do batismo pelo cacique Nalangain.

Na terceira parte, intitulada *De la manera de vivir, usos y costumbres de los índios americanos en el paganismo*, constituída por 20 capítulos, o missionário atenta, sobretudo, para as maneiras de ser e viver dos indígenas, bem como da adoção do cavalo por eles. Descreve as tatuagens e os adereços corporais utilizados pelos nativos, as técnicas e pigmentações na pele. Além disso, reserva um capítulo específico para descrever sobre sua dificuldade em aprender o idioma Mocoví.

Na quarta parte, *Del cristianismo de los indios*, composta por 10 capítulos, Paucke trata sobre o projeto de evangelização, bem como a aceitação ou resistência dos indígenas com relação ao batismo. Nesse sentido, o missionário relata as suas estratégias de cristianização e as reações dos Mocoví frente a elas. Conta, também, sobre a fundação da redução de San Pedro, que não chegou a ser concluída por conta da expulsão dos jesuítas.

Na quinta parte, intitulada *Los jesuitas expulsados de Paracuaria*, com 7 capítulos, o missionário descreve sobre a viagem de retorno à Europa e se questiona acerca do motivo da expulsão. Paucke reitera a importância do trabalho dos jesuítas realizado junto aos diferentes grupos indígenas, evidenciando os constantes desafios outrora enfrentados, e a capacidade intelectual dos Mocoví.

Na sexta e última parte, *Descripción del Gran Chaco en Paracuaria*, composta por 23 capítulos, Paucke revela-se um exímio observador. Descreve os rios, o espaço geográfico, o solo do Chaco, os tipos de plantas, os diferentes animais, o clima, os ventos e as temidas tormentas. As ilustrações e os textos ricos em detalhes evidenciam a originalidade e intensidade contida na escrita do jesuíta acerca dos nativos e da própria região natural na qual se encontrava missionando.

Por meio de uma revisão historiográfica encontrei diversas produções que me permitiram conceber o que foi e vem sendo produzido a partir desse manuscrito. O artigo escrito por Eduardo F Bajo, “La obra del Padre Florian Paucke S.J”, em 1995, apresenta informações sobre o jesuíta. Para isso, o autor baseia-se no trabalho do historiador tchecoslovaco Padre José Vastril, e também em obras especializadas escritas por G. Furlong, R.W Staudt, Edmundo Wernicke, C. Leonhardt, Vicente Sierra, entre outros. Além disso, Bajo estabelece o percurso que a obra do Paucke percorreu, considerando as traduções feitas ao longo do tempo. A primeira tradução da edição completa, contendo o texto e todos os desenhos, foi feita por Edmundo Wernike e publicada entre 1942 e 1944 em castelhano, sendo dividida em três grandes volumes.

O livro de Bringman (2005) traz os três primeiros capítulos do manuscrito original de Paucke, traduzidos para o português. O autor atenta para a generalização do termo “jesuítas espanhóis”, uma vez que houve uma contribuição significativa de jesuítas estrangeiros nas missões, como é o caso de Paucke, vindo da Europa Central. Por outro lado, o artigo escrito por Susana Zanetti (2013) evidencia a importância da crônica de Paucke para que o cotidiano, o trabalho e a natureza da redução de San Javier pudessem ser conhecidos nos dias de hoje.

Na dissertação “A produção iconográfica do jesuíta Florian Paucke: um registro visual dos mocoví no século XVIII”, Scheilla Guimarães da Silva (2019) realiza uma pesquisa bibliográfica e documental tendo a obra de Florián Paucke como fonte para os seus estudos. A problemática que perpassa seu trabalho é a de avaliar o valor histórico e etnográfico das aquarelas pintadas por Paucke que, na sua opinião, foram produzidas a partir da memória do autor, sete anos após sua saída do continente americano.

No artigo “Lenguajes, taxonomías e ilustraciones en la obra del naturalista jesuita Florián Paucke”, escrito por Matías Aimino, as memórias de Paucke são utilizadas para investigar a diversidade de linguagens e modelos taxonômicos envolvidos nas histórias dos jesuítas. Além disso, são examinados os modos de produção e circulação das ilustrações com as quais o missionário procurou registrar ou representar as espécies naturais do novo continente.

Ainda, no trabalho de María Victoria Roca (2020) “El jardín de los jesuitas desde la obra del padre Florián Paucke: Análisis, similitudes y diferencias con las misiones de guaraníes”, a horta dos padres jesuítas é estudada a partir das descrições e representações contidas na obra do Paucke. Por outro lado, Rosso e Cargnel (2012), no artigo "Historiadores y etnógrafos': escrituras jesuíticas en el siglo XVIII. Los casos de Lozano y Paucke" analisam as construções dos discursos com relação ao espaço nas obras dos dois jesuítas, enquadrando-as no campo de uma história social da historiografia.

Há também outros trabalhos que utilizam o manuscrito de Paucke para pensar questões relacionadas ao Chaco Setecentista, cito alguns: Felipe (2016), Paz (2017), Paz e Cargnel (2012), Roca (2020), Rodrigues (2019), Rosso (2013, 2017), Rosso e Scarpa (2011, 2022), Rosso e Medrano (2016), Vitar (2001, 2004, 2015). Não obstante, existem produções que utilizam a obra do missionário para tratar sobre a escrita dos jesuítas, trago alguns exemplos: Cargnel e Paz (2012), Felipe e Paz (2019), Fleck (2016) e Penhos (2011).

Considerando a diversidade de produções que utilizam o manuscrito do missionário para refletir sobre diferentes aspectos e, também, a partir da leitura da obra do jesuíta, optei por pensar na forma com que Paucke representa a natureza da região descrita e, também, quais são as relações que ele estabelece nesse ambiente natural. Paucke possui uma narrativa atenta aos detalhes e extremamente rica em pormenores. Um aspecto interessante diz respeito à forma com que classifica essa natureza para, posteriormente, analisá-la, o que nos dá pistas sobre os naturalistas e obras por ele lidos e com os quais dialogou para produzir seu relato.

Portanto, o problema de pesquisa deste trabalho se traduz no seguinte questionamento: Quais as percepções/representações da natureza chaquenha do século XVIII, bem como os usos que dela poderiam ser feitos, presentes na sexta e última parte da obra *Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios Mocabies 1749-1767*, escrita pelo missionário Florián Paucke? Os objetivos específicos dessa pesquisa abrangem: a inserção do manuscrito em seu contexto de produção e, também, no contexto das reduções da Companhia de Jesus na América Platina do século XVIII; a caracterização do Gran Chaco Setecentista; e a análise das descrições e ilustrações do missionário sobre a natureza chaquenha relacionadas a práxis do Século das Luzes. Para tanto, utilizo a edição de 2010, publicada em espanhol pelo Governo da Província de Santa Fé, disponível de forma online apenas com o texto, e a edição de 1944, também publicada em espanhol pela Universidad de Tucumán, que contém todas as aquarelas produzidas por Paucke.

Para a análise das aquarelas e das descrições textuais que as acompanham, é fundamental a consulta a Chartier (1990), que, por meio do conceito de representações, adverte

sobre as construções sociais das experiências históricas, em que os indivíduos projetam a sua visão de mundo. Burke (2017) afirma que ao utilizarmos as imagens como evidência histórica precisamos, necessariamente, estarmos conscientes das suas fragilidades e, também, salienta a importância de recolocarmos as imagens nos contextos originais de sua produção. Além disso, Cosgrove (2003) traz observações importantes acerca do “sentido europeo de la vista”, em que as formas de enxergar uma mesma paisagem podem ser diferentes de acordo com as identidades sociais e individuais.

Sendo assim, a fim responder ao que se propõe, o presente trabalho é dividido em quatro capítulos. No primeiro, consideramos necessário apresentar a vida de Florián Paucke e sua trajetória até chegar no Chaco, a partir das descrições contidas na primeira parte da sua obra intitulada *Partida desde Europa hacia las Indias Occidentales de América*. Também, evidenciamos as principais características do Chaco Setecentista, sobretudo a partir das considerações trazidas pelas autoras Nesis (2005) e Cypriano (2000). Por fim, reservamos um espaço para pensar na atuação do missionário junto à primeira redução Mocoví, a de San Javier.

Ao longo do segundo capítulo, realizamos uma análise acerca da tradição de escrita característica da Companhia de Jesus. Isso se deu, sobretudo, a partir dos seguintes autores(as) Cargnel (2009), Fernandes (2013), Fleck (2014), Justo (2013), Oliveira (2011) e Rosso e Cargnel (2012). Na sequência, pensamos sobre a adequação da escrita jesuíta à práxis do século XVIII, perpassando pela chamada Polêmica do Novo Mundo e Ilustração Católica. Autoras como Conceição (2016), Domingues (2010), Oliveira (2011) e Soledad (2013) foram fundamentais para esse estudo. Também, nos debruçamos, com o apoio de Fleck (2020), sobre a experiência do exílio vivenciada pelos missionários após a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios americanos.

No terceiro capítulo analisamos quais as percepções da natureza chaquenha do século XVIII, bem como os usos que dela poderiam ser feitos, presentes na sexta e última parte da obra de Paucke, a partir do conceito de representações proposto por Roger Chartier. Para isso, realizamos um estudo da classificação e das categorias criadas pelo jesuíta para tratar sobre a natureza desse local, bem como das relações entre os conhecimentos europeus e os conhecimentos indígenas dessa região, a fim de compreender como essas descrições se relacionam com os saberes científicos em voga nesse período.

## 2 UM JESUÍTA BOÊMIO EM TERRAS CHAQUENHAS

Nesse capítulo apresentamos a vida e a trajetória do jesuíta Florián Paucke nos territórios das Índias de Castela, mais especificamente na Província do Paraguai/Paraquaria, onde a Companhia de Jesus vai levar adiante um trabalho que pretendia ser de civilização e evangelização dos nativos por meio de sua concentração em povoados chamados de “missões” ou “reduções”. Foi nesta condição que este religioso viveu por quinze anos entre os indígenas Mocoví.

### 2.1 Florián Paucke: o missionário dos Mocoví

Afinal, quem foi Florián Paucke? Um missionário jesuíta do século XVIII, oriundo da Europa Central, que ingressou na Ordem Inaciana e, sem demora, solicitou sua ida para os territórios hispano-americanos. Missionou e conviveu com os Mocoví quase duas décadas consecutivas até a expulsão da Companhia de Jesus em 1767. De acordo com Eduardo F. Bajo,

Posiblemente la más exacta síntesis cronológica de la vida de Florian Paucke es la que nos ha llegado por intermedio del Padre Guillermo Furlong S.J.: *Entre los Mocobíes de Santa Fe. (Según las noticias de los Misioneros Jesuitas Joaquín Camano, Manuel Canelas, Francisco Burgés, Romáll Arto, Antonio Bustillo y Florian Baucke)*, Buenos Aires, 1938. Los datos fueron extraídos del trabajo del "[...] Padre José Vrastil, historiador checoslovaco, algunas noticias interesantes [...] Archivos de Austria y publicados en la revista mensual *Dobroslav* (1922-1923) [...]" (pág. 208, in fine). A la información básica de J. Vrastil, se le pueden incorporar los datos obtenidos por investigaciones especializadas, las de G. Furlong, R.W. Staudt, Edmundo Wernicke, C. Leonhardt, Vicente Sierra, etc (1995, p.226, grifos do autor).

A partir da sistematização dos dados coletados pelos autores supracitados, Bajo construiu uma cronologia que nos permite conhecer a vida de Florián Paucke. Ele nasceu em 24 de setembro de 1719, em Winzig (Wiskó), na Silésia, região que pertencia ao Império Austríaco. Atualmente, Winzig é uma vila localizada a 48 km de Wroclaw, na Baixa Silésia, sudoeste da Polônia. No século XVIII, a região da Silésia pertencia ao reino da Boêmia e a Casa da Áustria. No entanto, após algumas guerras, Frederico II, Rei da Prússia, apossou-se da Silésia e de toda a Áustria.

Em 9 de outubro de 1736, com 17 anos, Paucke ingressou na Companhia de Jesus<sup>1</sup> em Brün, capital da Morávia (atualmente a parte oriental da Tchécua). Entre os anos de 1739 e

---

<sup>1</sup> A formação teológico-filosófica dos membros da Ordem Jesuíta se iniciava através do que Ignacio de Loyola chamou de Exercício do Reino, que faz parte da segunda semana dos Exercícios Espirituais, e consistia na resposta dada à convocação feita por Jesus Cristo aos bons súditos, constituindo-se em um dos momentos mais importantes desta caminhada espiritual e de autoconhecimento. Após o término da Primeira Provação, durante a qual eram realizados os Exercícios Espirituais, conforme as Constituições, iniciava-se a segunda experiência, que consistia em passar um mês prestando serviços a doentes e sãos dentro dos hospitais. A terceira seria reservada à peregrinação [...] a quarta, após ingressar na residência destinada aos que foram aceitos na Companhia,



1741 estudou filosofia em Praga, capital da Boêmia (atualmente a parte ocidental da Tchécua), e de 1743 a 1744 ensinou letras em Breslau, capital da Silésia, e em Neisse, na Alta Silésia, onde lecionou a disciplina de gramática também. No ano seguinte, foi professor de Sintaxes e ajudante do regente do colégio. Nos anos de 1746 a 1748, estudou Teologia em Breslau e em Olmütz (Olomuc).

No ano de 1747, obteve permissão do Vaticano para viajar à América. Ordenou-se sacerdote em Brün, em 6 de janeiro de 1748. No dia 20 do mesmo mês, ainda devendo seis meses de curso, recebeu a permissão de partir para a província de Paraquaria<sup>2</sup>, nome dado a atual república do Paraguai, ao norte da província de Santa Fé e ao Chaco Austral, no atual território argentino. Viajou com ele o missionário Martín Dobrizhoffer, autor da obra *História de Los Abipones*<sup>3</sup>.

O desejo profundo de missionar em terras hispano-americanas é evidenciado, tão logo, no primeiro parágrafo da parte inicial do seu manuscrito:

En el año 1748, después de empeñosa presentación de mi pedido, durante once años, llegó desde Roma el permiso para que yo partiera a Las Indias o sea a América, hacia los paracuarios. Yo no pensé en el viaje tan lejano, en mar alguno, en ningún peligro de muerte, en ningún martirio aunque fuere el más ultrajante. Mi corazón estaba tan lleno de gozo que despidió de mis ojos la lágrima más dulce y alegre (Paucke, [1774], 2010, p.13).

O ano de 1549 marcou a chegada do primeiro grupo de jesuítas ao Novo Mundo, sob a direção do padre Manuel de Nóbrega, para estabelecer-se no Brasil. No entanto, na América Espanhola os jesuítas só receberam a autorização real para fixarem suas missões duas décadas

---

compreendia em se exercitarem em ofícios tidos como humildes e baixos. A quinta referia-se ao ensino do Evangelho às crianças e para as pessoas incultas, enquanto que a sexta baseava-se em pregar ou confessar, conforme os lugares, tempo ou a própria capacidade dos ingressantes na Ordem. Com relação aos estudos de formação escolástica, baseados no Ratio Studiorum, eles eram desenvolvidos durante os dois anos de noviciado, que era finalizado com os votos do biênio; esse período era considerado a Segunda Provação. O frater (irmão), passava por um período que totalizava dez anos de estudos, dedicados, inicialmente, aos Estudos Inferiores, e, posteriormente, às artes liberais ou *studia humanitatis* (estudos da humanidade). Essas artes eram divididas em dois grupos o *Trivium* (Linguística/Gramática, Retórica e Dialética/Lógica<sup>63</sup>), voltado para o conhecimento nas letras, e, o *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música), destinado às ciências (Moura, 2019, p.56-58).

<sup>2</sup> Em 1601, o Superior Geral da Companhia de Jesus decidiu reunir as regiões do Rio da Prata, Tucumã e Chile, numa província desvinculada da Província do Peru, com sob o nome de “Província do Paraguay”, para o qual foram definidas diretrizes em 1609 e 1610. O 1º Concílio do Rio da Prata, realizado em Assunção, em 1603, tem, nesse contexto, uma importância fundamental, pois estabeleceu as metas a serem alcançadas pelos missionários [...] (Fleck, 2014, p.25).

<sup>3</sup> O padre Martín Dobrizhoffer nasceu em 5 de setembro de 1718, em Frymburk, na Boêmia, atual República Tcheca. Ingressou na Ordem Jesuíta em 1736 e integrou o grupo de missionários que chegou à América em 1º de janeiro de 1749. Após terminar seus estudos em Córdoba, em 1750, foi destinado, para a redução de Concepción, onde permaneceu até 1754. Foi na redução de San Joaquín que recebeu a ordem de expulsão. Por conta da sua frágil saúde foi enviado à Itália e, em 1769, se transferiu para Viena, onde escreveu sua *Historia de los Abipones* (1783). Tanto em suas cartas, quanto na obra referida, Dobrizhoffer refere os saberes e as práticas curativas indígenas. Faleceu em 17 de julho de 1791, em Viena, Áustria (Fleck, 2014).

mais tarde. É importante ressaltar que as missões jesuíticas não irão aparecer no princípio da colonização espanhola, mas só meio século depois por conta dos conflitos gerados entre os espanhóis e os indígenas. O historiador Erneldo Schallenger afirma que, “as reduções não foram invenções dos jesuítas, mas a expressão dos interesses do Império Espanhol, cuja legislação prescrevia a forma pela qual os índios deveriam ser integrados ao mundo hispano-cristão” (1984, p. 73); ou seja, as reduções foram responsáveis pela educação religiosa e, também, pelo próprio futuro colonial da Espanha.

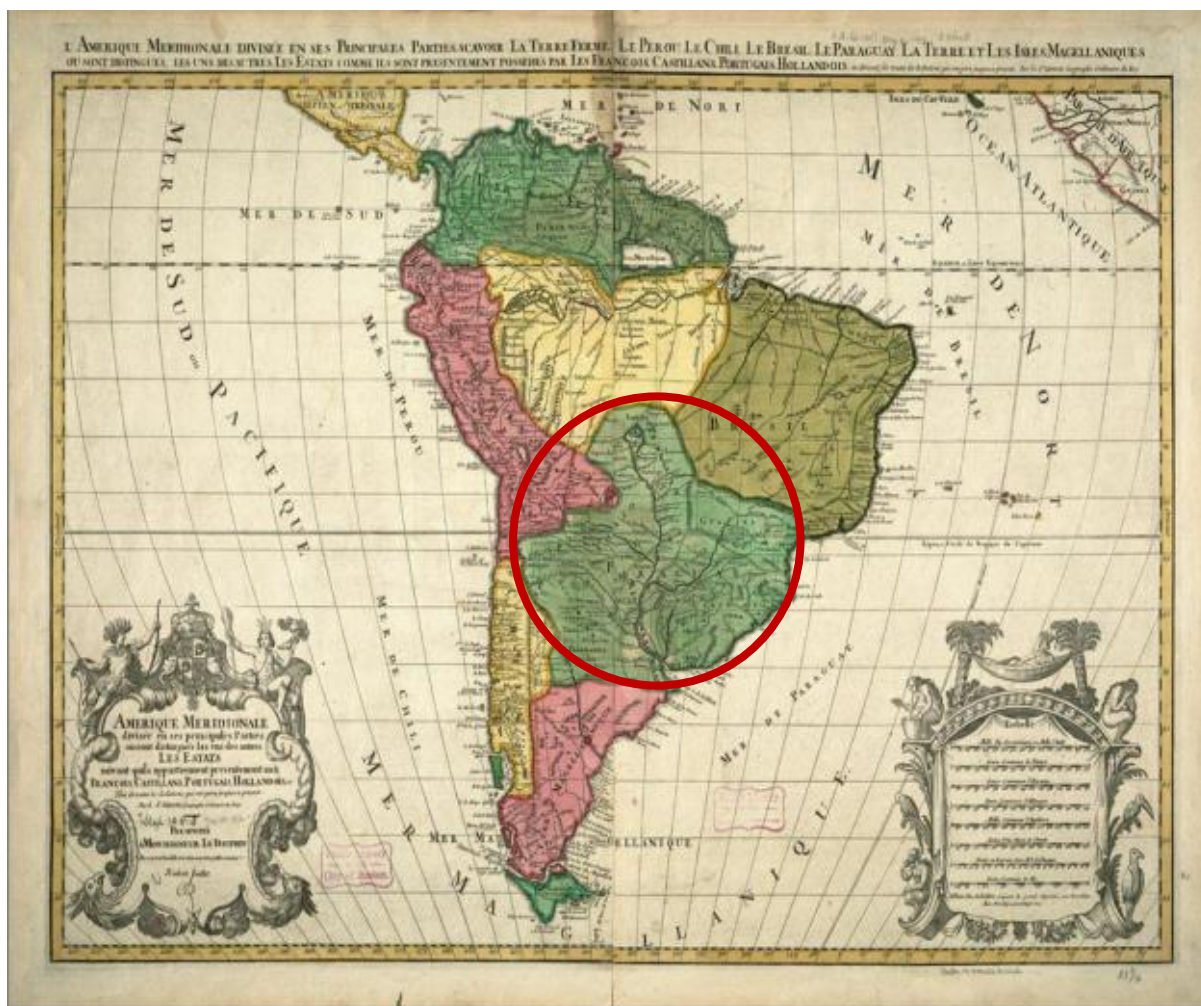
De acordo com Sievernich (1996, p.15-17 *apud* Pereira, 2016, p.113) na época colonial formaram-se seis províncias jesuíticas hispano-americanas, sendo elas:

Perú. La primera provincia de la orden fue fundada en el virreinato Perú, en 1568 (...). El crecimiento rápido en las próximas décadas facilitó la separación de cuatro provincias más (...) Quito, Chile, Nueva Granada y en región de La Plata. (...) A las misiones de esta provincia pertenecían las del alto Marañón (Maynas) al norte (...) como también la misión de los Moxos en la actual Bolivia (...). 2. México. La segunda provincia de la orden en Hispano-América se fundó en 1572 en el virreinato de Nueva España (México). 3. Bogota y 4. Quito. En 1604 la viceprovincia Nuevo Reino y Quito fue separada de la provincia madre Perú. Ella abarcaba las audiencias de Santa Fé de Bogotá (Nueva Granada) y Quito, el territorio actual de Colombia y Ecuador. 5. Paraguay. De la provincia madre Perú, los jesuitas avanzaron hacia el sureste a la región de La Plata, donde se fundó en 1607 la Provincia Paraguay bajo la dirección de Diego de Torres (...) El proyecto misionero más famoso fue, sin embargo, la Misión Guaraní en la cuenca alta de los ríos Paraná y Uruguay que pasó a la historia como ‘estado jesuítico’. (...) De importancia igual pero no tan conocida fue la Misión Chiquitana en la actual Bolivia, que se fundó hacia las postrimerías del siglo XVII (...). 6. Chile, a donde llegaron los primeros jesuitas en 1593, fue en 1624 una provincia dependiente y en 1683 independiente, después de haber sido separada de la provincia madre Perú junto con Paraguay en 1607.

Na sua dissertação, intitulada “No solo regado a sangue e suor: A cartografia da Província Jesuítica do Paraguai (século XVIII)”, Newton da Rocha Xavier busca evidenciar como se constituiu a tradição cartográfica dessa província desde a sua fundação, em 1609, até a expulsão dos jesuítas do território americano, em 1767. O autor afirma que o que se chamou de “Paraguai” naquela época “era a área de toda a porção meridional do continente sul-americano [...] desde o oeste paulista e norte do Paraná (Guairá), estendendo-se pelo Mato Grosso (Xaraies) e abarcando todo o cone sul (desde Buenos Aires até Tucumã)” (2012, p.53). As primeiras incursões dessa região foram sistemáticas e se deram, sobretudo, em quatro direções: entre os rios Paraná e Paraguai, Guairá, Tape e Itatim. Evidentemente que “o avanço da evangelização pressupunha ‘sedentarização’ das populações indígenas e do reconhecimento das terras” (*Ibid.*, p.57). No entanto, o controle da região, que correspondia a uma área de setenta mil quilômetros quadrados, não foi atingido. Na figura 1, o mapa de Nicolas Sanson,

um cartógrafo francês do século XVII, utilizado por Xavier em seu trabalho, evidencia a representação de um Paraguai grandioso, sem considerar as limitações da atuação jesuítica na região.

Figura 1 – Nicolas Sanson. *L’Amerique meridionale divisée en ses principales parties ou sont distingués les vns des autres les stats suivant qu’ils appartiennent presentement aux François, Castellans, Portugais, Hollandois, &c.* Paris. H. Jaillot. 1961.



Fonte: Xavier (2012, p.58, grifo nosso).

Na primeira parte do seu relato, intitulada *Partida desde Europa hacia las Indias Occidentales*, Paucke, ao longo de quinze capítulos, descreve a saída da Europa até a chegada, em 1749, na redução de San Javier. O missionário chegou ao porto de Livorno, na Toscana, na Itália, no dia 11 de fevereiro de 1748, e ali embarcou em um buque mercante sueco com destino a Portugal. Suas descrições são cheias de detalhes e permeadas por emoções ao contar sobre os perigos das viagens, a beleza dos portos marítimos e das igrejas, os tipos de comida, as procissões religiosas que estavam ocorrendo por conta da quaresma e, também, as minúcias que compunham a arquitetura das cidades. A análise que faz sobre a cidade de Málaga, na

Espanha, por exemplo, rendeu um comentário que nos permite perceber o seu olhar atento e crítico: “La ciudad no es grande en su circunferência ni alta em sus edificios pero sin embargo es ordenada e igual a las ciudades menores, pero no las más chicas en Europa” (Paucke, [1774], 2010, p.25).

Do dia 12 ao 17 de abril de 1748, Paucke ficou em Lisboa à espera do barco que os levaria para a Colônia do Sacramento. O missionário escreve que o Rei D. João V de Portugal não era tão sociável quanto a rainha Maria Ana de Áustria, uma vez que ela teria demonstrado um afeto especial pelos missionários. O jesuíta deixa clara sua admiração pela monarca, afinal ela era austríaca e ele boêmio, principalmente quando escreve que,

Durante el tiempo que nosotros los jesuitas alemanes permanecemos en Lisboa, fuimos invitados a la corte frecuentes veces en conjunto, por esta amabilísima reina; otras veces tuvimos la alta merced de hablar con la reina cada uno por separado junto con nuestro P. Procurator. Era un consuelo cordial para cada uno el platicar con esta pía y santa reina. Demostraba la mayor alegría cuando oía que nosotros éramos vassalos de la Casa de Austria; preguntaba a cada uno por su patria, su nombre, su edad en la orden sacerdotal; todo quería saber. Lo que yo admiré mucho fue que en su gabinete hablando con nosotros, se quedara parada frecuentemente al lado de su sillón; tampoco quiso que un sacerdote besara la real mano. Pues nos decía: —Mis queridos sacerdotes, otros aprecian besar mi mano como una merced pero yo estimo que al besar mi mano un sacerdote, se concede a éste una merced escasa (Paucke, [1774], 2010, p.44).

Finalmente, no dia 18 de setembro, depois de meses de espera e ansiedade, Paucke e seus companheiros embarcam no buque S. Ana y de las Almas. O missionário descreve a frota que se dirigia à Colônia do Sacramento, dizendo que ela “se componía de cincuenta y três buques que fueron acompañados por la Almiranta, Capitana y otros dos buques de guerra hasta las Ínsulas Canarias pues hasta allá hay el mayor peligro de moros y piratas” (*Ibid.*, p.52). Três meses depois, após muitos altos e baixos, e considerando as dificuldades da presença de um vento favorável para o movimento do buque, enfim chegam na Colônia.

Foram quatro meses sobre o mar até a chegada na Colônia do Sacramento, além da viagem por rio até Buenos Aires, onde Paucke residiu por quatro meses. Na sequência, partiu em direção à cidade de Córdoba, por terra a cavalo ou em carretas puxadas por bois, onde permaneceu no *Collegium maximum* para finalizar seus estudos em teologia. O jesuíta coloca que “no había terminado aún todo el cuarto año de teología, me preparaba a rendir el último examen escolar y después de éste, cumplir mi tercer año de prueba o terciorado” (*Ibid.*, p.128).

Após todo esse percurso e tempo de espera, Paucke, finalmente poderia realizar seu maior desejo<sup>4</sup>: o de missionar junto aos indígenas. O jesuíta escreve que, “El día veintiséis de marzo fue para mí como el sol del 20 de febrero en Ollmütz cuando supe que yo partiría a Las Indias y el ocho de enero cuando en Brünn en Moravia fui ordenado como sacerdote por su Eminencia cardenal von Troyer en el convento real. Pues ese día yo recibí noticia de partir a las misiones” (*Ibid.*, p.135).

Florián Paucke percorreu 100 léguas até chegar na cidade de Santa Fé, onde permaneceu até 10 de junho. O jesuíta relata que “El 9 de junio me visitaron mis futuras ovejitas y deseados indios de la población del Santo Xaverij que acompañaban a un comisionero P. Emanuel Noble Canelas para conducirme a su población y apresurarme” (*Ibid.*, p.139). Com a intensidade que o caracteriza, completou escrevendo que “Yo experimenté un gran placer en ver estos selváticos, a mi tan agradables en la mayor esperanza de permanecer a su lado por el tiempo de mi vida” (*Ibid.*). O trajeto até a redução de San Javier contou com a travessia do rio Saladillo, nela o missionário foi transportado sobre um barco de couro, denominado “embarcación índia”. Esse momento foi ilustrado pelo próprio missionário em uma de suas aquarelas (Figura 2), na qual conseguimos vislumbrar a travessia do rio com os cavalos, os bois e as carretas e, na parte superior, o missionário sendo puxado por um indígena na embarcação citada anteriormente. A imagem mostra, também, como os chaquenhos haviam se apropriado de elementos ocidentais, como o gado bovino e equino, assim como o cavalo.

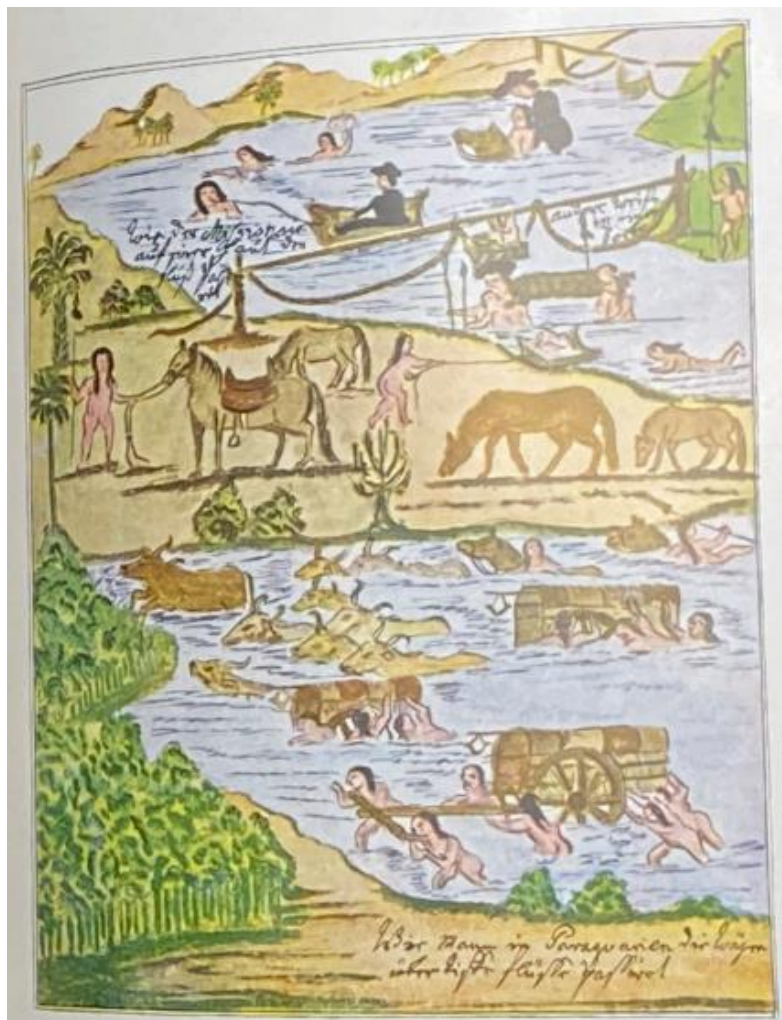
Ao chegar na redução de San Javier, o missionário descreve a sua recepção: “[...] muchos índios e índias vinieron a mi encuentro y me saludaron amablemente [...] Yo no pude responder a sus saludos con nada mejor que con una cara amable como ellos también me mostraron” (*Ibid.*, p.145). Paucke missionou durante quinze anos na redução de San Javier,

---

<sup>4</sup> A ordem jesuíta, fundada por Inácio de Loyola em 1540, não tardou a se dispersar pela Europa, Ásia, América e África. No entanto, de acordo com Arenz “As Missões do Oriente tornaram-se, desde a partida de Francisco Xavier para Goa em 1542, as preferidas dos jesuítas. A este apego emocional às primeiras missões se junta à suposta superioridade dos povos na Índia, China e Japão. O fato de eles disporem de uma escrita, literatura, filosofia, religiões com um clero hierarquizado e estruturas imperiais eficientes só aumentou a popularidade destas regiões junto aos jovens jesuítas. De fato, influenciados pela leitura das cartas e dos relatos de missionários do Oriente nos refeitórios dos colégios, muitos pediram, ainda estudantes, para serem enviados para a Ásia. Já as Missões do Ocidente, isto é, as das Américas, sofreram as consequências da fama de serem habitadas por pessoas rudes com um nível cultural supostamente baixo. Esta distinção entre as duas Missões se deve, em grande parte, ao Pe. José de Acosta, que, em 1588, publicou uma classificação dos povos não-europeus. Ele aplicou o critério da complexidade cultural como fator decisivo para a capacidade de acolher o Evangelho e, por conseguinte, para o sucesso do missionário. Se indianos, chineses e japoneses se encontram na primeira categoria, os índios dos planaltos, isto é, incas e astecas, estão na segunda. Já os povos das planícies – para Acosta, os africanos e os ameríndios da zona tropical –, eles se viram relegados à terceira e última categoria”. ARENZ, Karl-Heinz. Missões jesuíticas no Maranhão e Grão-Pará. *IHU – On-Line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, RS, ano X, edição 348, p.30, out.2010.

entre os anos de 1752 e 1767 e, durante esse período, participou também da fundação da redução de San Pedro, em 1765.

Figura 2 – Trajeto até a Redução de San Javier (Lâmina XI)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocoibés, 1749-1767. Volumen I, II y III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

## 2.2 Gran Chaco Setecentista

O Chaco é uma região geográfica localizada na América do Sul. Se estende por uma extensa planície, sendo que a oeste limita-se com as serras sub-andinas, a leste com os rios Paraná e Paraguai, ao sul com o rio Salado, e ao norte estende-se além do rio Pilcomayo. De acordo com Nesis (2005, p.13),

Os rios que cruzam esta região longitudinalmente delimitam três zonas diferenciadas por sua vegetação. O Chaco Boreal há o predomínio de bosques cerrados; o Chaco Central tem mais florestas abertas; o Chaco Austral com predominância de estepe. O extremo oeste apresenta bacias fluviais de grande profundidade dada a força com que os rios descem das montanhas. No extremo leste é mais seco, baixo e úmido. O clima

é quente e as estações seca e chuvosa são bem definidas. Em relação aos recursos, o Chaco apresenta uma grande variedade de fauna e flora.

Percebe-se que a região chaquenha é multifacetada e extremamente plural em termos naturais. Por ali, diferentes grupos indígenas coexistiram com suas práticas e costumes particulares, sobretudo o grupo linguístico Guaicuru, formado pelos indígenas Mocoví, Toba, Payaguá, Abipone e Mbayas-Guaycurú (a figura 3 mostra, no mapa, a distribuição de alguns grupos indígenas na região).

Figura 3 – Mapa da localização do Gran Chaco na Argentina



FONTE: Rosso & Medrano (2016).

A autora Marta Penhos afirma que “durante el periodo colonial, el Gran Chaco, o Chaco Gualamba se mantuvo al margen de un dominio efectivo por parte de la corona” (2011, p.237). As tentativas de conquista foram complicadas, já que se tratava de uma região de grande extensão, de difícil acesso para os europeus e, também, com a presença de uma população indígena que apresentava forte resistência diante das tentativas de colonização. Essas características contribuíram para reforçar a visão de um Chaco selvagem e feroz, refletido em mitos e lendas que povoaram o imaginário da época. Em contrapartida, os relatos, crônicas e descrições jesuíticas foram importantes para evidenciar os “[...]diversos recursos para dar a conocer la geografía chaqueña y las características de sus habitantes, así como para poner de

relieve la tarea evangelizadora de la orden” (*Ibid.*). No entanto, precisamos atentar para o fato de que, ainda assim,

Muchas de estas representaciones están atravesadas por tensiones entre ideas y concepciones negativas y positivas: se presenta en ellas una región impenetrable y peligrosa paralelamente a un espacio vasto, fértil y rico, y los chaqueños aparecen como seres condenados por su paganismo a la vez que como inocentes neófitos o nobles caballeros (*Ibid.*).

Na dissertação intitulada “Os Toba: missão e identidade – Séculos XVI, XVII e XVIII”, Doris Cristina Castilhos de Araújo Cypriano traz um panorama sobre o ambiente do Chaco, considerando aspectos como: espaço, clima, rios, recursos vegetais e animais, vegetação, fauna, entre outros. Nesse sentido, a autora coloca que,

Realmente, com frequência, algumas fontes primárias descrevem esta região como uma área de difícil acesso e habitação. Contudo, é preciso lembrar que estes relatos estavam mergulhados na percepção europeia do meio ambiente e de seu emprego, e refletiam somente a impossibilidade prática de implantar o modelo de colonização da América no Chaco (2000, p.20).

O Chaco é caracterizado como uma zona de depressão, de solo argiloso, que se apresenta como uma bacia sedimentar formada a partir da erosão das unidades geomorfológicas que acabaram por estabelecer seus limites naturais. A principal característica do seu relevo se dá pelo fato de constituir-se numa planície estendida ao longo de aproximadamente 600 quilômetros. O clima da região é caracterizado por ser quente e seco, mas com um período de chuvas intensas, que provocam as cheias nos rios.

Seus rios despertaram grande interesse dos espanhóis, já que “poderiam facilmente permitir a exploração de grandes áreas e garantir a comunicação e subsistência dos grupos populacionais assentados em suas margens. Estas explorações resultaram em um grande número de descrições sobre estes cursos d’água [...]” (Cypriano, 2000, p. 31). Não é por acaso que foram implantadas nas margens dos maiores rios - o Pilcomayo, o Bermejo, o Salado, o Paraguay e o Paraná – as cidades e os fortes.

No artigo “De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico”, a autora Maria de Fátima Costa estuda o mito geográfico da Laguna de los Xarayes, que caracterizou o interior sul-americano de 1600 até o final do século XVIII. Costa afirma que

De fato, a história de Xarayes está intimamente ligada à história do rio Paraguai. Suas águas foram o eixo da penetração e colonização da região e, mais ainda, acreditou-se durante muito tempo que a lagoa fosse a própria nascente do Paraguai, conforme os missionários jesuítas sugeriram em seus textos e mapas (2007, p.23).



Após a instalação das suas missões, alguns religiosos inacianos começaram a cartografar a Província Jesuítica do Paraguai e, também, o espaço do Chaco em que atuavam. Mesmo que não tenham sido os jesuítas os criadores do mito geográfico da Laguna de los Xarayes, os mapas por eles construídos foram seus grandes difusores (Costa, 2007, p.36). O mapa feito pelo missionário Sánchez Labrador, contemporâneo de Paucke, foi o que “fez o Paraguai romper o antigo limite de Xarayes, desenhando seu curso superior e dando-lhe as suas verdadeiras nascentes” (*Ibid.*, p.35). Esse e tantos outros mitos permearam a experiência dos missionários e viajantes que estiveram na América, inclusive a própria percepção do Chaco.

As narrativas que traduziram o Chaco como sendo um espaço indômito, selvagem, pueril e, praticamente, irredutível, acabaram por contribuir para a construção da concepção de que os indígenas seriam a

[...] prolongación de un medio ambiente feroz que, a su vez los tornaba em sujetos proclives a toda clase de perversiones como la sodomía, el canibalismo, la gula, un placer desmedido por las bebidas embriagantes y como manifestación sobresaliente de este racimo de virtudes nefandas: la guerra (Cargnel; Paz, 2012, p.11).

Desta forma, diante desse imaginário negativo e considerando, principalmente, os objetivos evangelizadores da coroa espanhola e a importância estratégica dessa região, “[...] el Chaco fue siempre un objetivo por conquistar; en este contexto sacar al Chaco de las tinieblas de la gentilidad fue uno de los objetivos de la Compañía de Jesús” (*Ibid.*).

Em seu livro<sup>5</sup> Carina P. Lucaioli busca desvendar as ações e as interações políticas dos abipones, grupo nômade de caçadores e coletores que, assim como os Mocoví, pertencem a família linguística Guaicuru, com os agentes coloniais, iluminando as dinâmicas das fronteiras e as redes do Chaco no século XVIII. Lucaioli (2011, p.25) escreve que

En 1589, se registró por primera vez el rótulo de Chaco Gualambo y, desde ese momento, el nombre de Chaco sirvió para designar la enorme planicie territorial que se extendía hacia el este del Tucumán (Tissera 1972). Acerca del significado de su nombre, existe cierta unanimidad entre los cronistas respecto de que se trataría de un derivado del vocablo quechua chacú (Del Techo [1673] 2005; Lozano [1733] 1941; Dobrizhoffer [1784] 1967; Jolís [1789] 1972) [...].

Nesse sentido, o termo Chaco designava “[...] un enorme espacio de geografías complejas y recursos poco conocidos, poblado por numerosos grupos indígenas que no estaban dispuestos a ceder sus territorios a los recién llegados” (*Ibid.*, p.26). Ainda, com relação à delimitação desse espaço chaquenho podemos afirmar que “[...] fue el resultado de distintas

---

<sup>5</sup> LUCAIOLI, Carina P. Abipones en las fronteras del Chaco. Una etnografía histórica sobre el siglo XVIII. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 2011. 352 p.

corrientes de población que fueron delineando los espacios de frontera, entendidos como áreas que propiciaron la interacción y la comunicación entre el mundo indígena y el colonial” (*Ibid.*).

O processo de conquista do Chaco pelos espanhóis esteve acompanhado por um fluxo crescente de ocupação nessa região. Desde as primeiras expedições, uma das políticas mais significativas consistiu na construção de fortes, em locais estratégicos, a fim de monitorar os territórios recém descobertos. Essas incursões representaram as primeiras aproximações e esforços de exploração do espaço chaquenho, ou seja, “Las posibilidades concretas de conocer el Chaco y de pensar y ensayar proyectos de colonización del espacio y sus habitantes llegarían con los primeros asentamientos hispanocriollos en estas tierras” (*Ibid.*, p.27).

A partir dessa perspectiva podemos considerar que

El Chaco constituyó un enorme espacio de interacción definido y atravesado por múltiples relaciones interétnicas – entre grupos indígenas y entre ellos y los hispanocriollos –, así como por numerosas pujas al interior de los grupos étnicos que se tejían a través de las alianzas y los enfrentamientos entre grupos de liderazgo tanto en la población nativa – litigios entre caciques– como en el ámbito hispanocriollo – miembros de diferentes sectores coloniales: religiosos, políticos, militares, hacendados – y, también, entre distintas jurisdicciones y ciudades. El Chaco del período colonial ofrece un terreno fértil para el estudio de estos procesos ya que, al constituir un territorio indígena rodeado por diferentes emplazamientos hispanocriollos, este enorme territorio puede leerse, en conjunto, como un gran espacio de interacción (*Ibid.*, p.28).

### 2.3 A atuação do missionário na primeira redução Mocoví

No ano de 2005, Florencia Sol Nesis publicou “Los grupos Mocoví en el siglo XVIII”, resultado da sua tese em licenciatura pela Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires en Ciencias Antropológicas. A autora identificou que, até então, a etnografia clássica classificava os numerosos grupos étnicos da região do Chaco Austral por famílias linguísticas ou, até mesmo, por “pueblos del Chaco”. No entanto, Nesis afirmou que

Dentro de esta amplia zona convivieron grupos con prácticas y costumbres diferentes. Encontramos grupos con prácticas agrícolas como los lules y vilelas y grupos cazadores recolectores como los mocoví, abipones, tobas, payaguás y mbayás-guaycurú, actualmente reconocidos como pertenecientes a la familia lingüística guaycurú (2005, p.13).

No início do século XVIII os grupos Mocoví estavam estabelecidos na região oeste do Chaco, entre os rios Pilcomayo e Bermejo. Praticavam incursões principalmente nas fazendas coloniais da fronteira de Tucumán. Porém, em 1710, alguns grupos Mocoví foram expulsos dessa região e se alojaram perto das cidades de Santa Fé e Assunção, no Chaco oriental, e logo passaram invadir a cidade também. Paucke, em seu manuscrito, relata os conflitos constantes na região:

Estos indios que llevan el nombre amocovit y por los españoles son llamados también mocovíes aunque también se quiere llamarlos guaicurru, vivían en la extremidad del gran valle llamado Chaco, distante quinientas leguas de la ciudad de Santa Fe. Pero esta distancia no les impedía asaltar frecuentemente la ciudad, matar a maza y lanza varios vecinos, y llevar consigo los niños como esclavos. Si bien estos mocovíes eran muy numerosos, se aliaban con otros indios colindantes, a saber con los abipones, cuyo verdadero nombre es acallagaec y con los tobas que en realidad se llaman natocovit. Así marchaban a hostilizar los contornos de la ciudad de Santa Fe y a asesinar cuantos llegaban a su alcance (Paucke, [1774], 2010, p. 152).

Nesse contexto, “Las paces, los acuerdos y las reducciones fueron recursos utilizados por la sociedad hispanocriolla para contener los avances y malones” (Nesis, 2005, p. 14). Os jesuítas, à frente das reduções, teriam a tarefa de pacificar os indígenas do Chaco, mantendo-os distantes da vida nômade. Desta forma, o estabelecimento das reduções implicou num acordo entre diferentes agentes: os grupos indígenas deveriam manter os acordos de paz, fornecendo ajuda militar contra os grupos de índios não reduzidos, os moradores das cidades deveriam fornecer as provisões necessárias, e os jesuítas teriam a tarefa de converter os “bárbaros” e manter a subsistência das reduções por meio das práticas agrícolas (*Ibid.*, p.16).

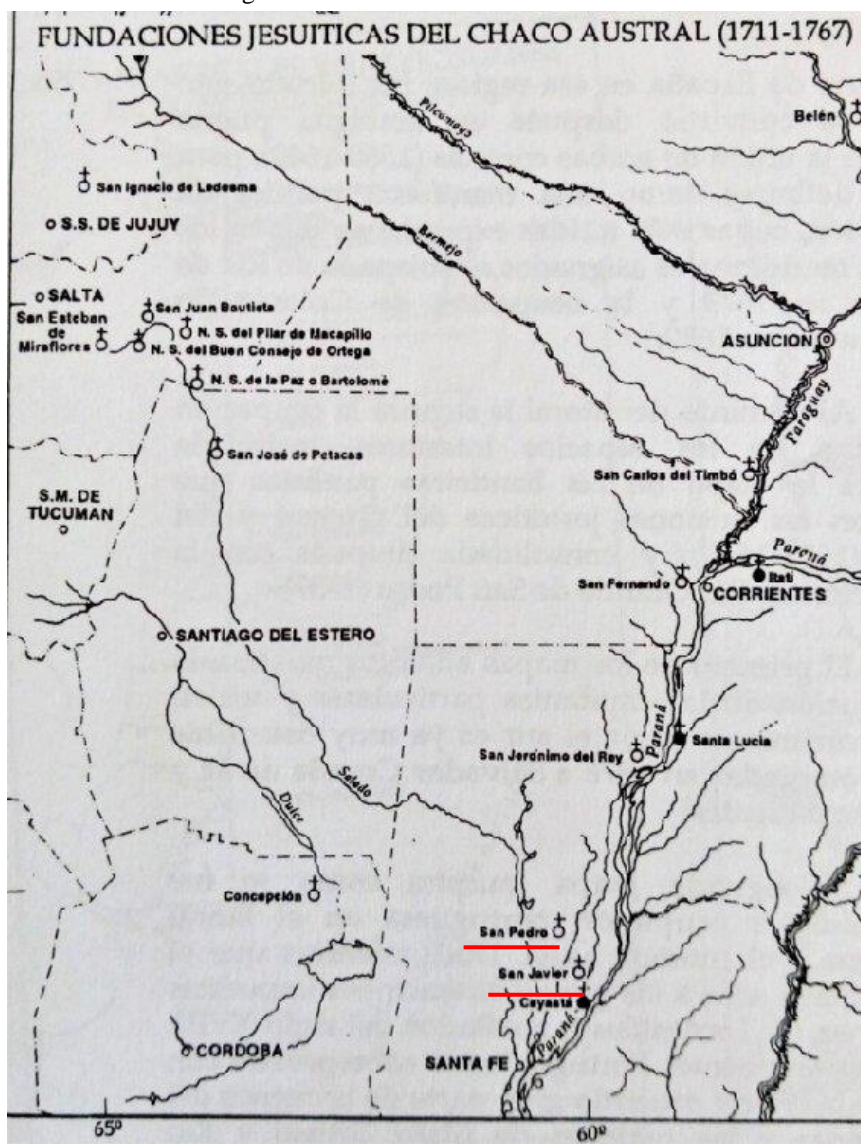
Sendo assim, em 1743, foi fundada a redução de San Javier, ao norte da província de Santa Fé, região sul do Chaco argentino (figura 4). Em 1765, a redução Mocoví de San Pedro foi incorporada à essa redução, ambas pertencentes à província jesuíta de Paracuaria. Florián Paucke chegou em 1750, quando a redução de San Javier estava terminando de ser estabelecida. Ele iniciou a fundação da redução de San Pedro, mas não a conseguiu concluir por conta da ordem do rei Carlos III, que determinava a expulsão da Companhia de Jesus da América, em 1767, bem como o retorno de todos os jesuítas para a Europa.

Na segunda parte do seu relato, intitulada *Mi estada y trabajo em Paracuaria*, Paucke nos apresenta, ao longo dos capítulos, descrições importantes que permitem conceber como se deu a fundação da redução de San Javier antes da sua chegada, quais as estratégias empregadas pelo missionário para que os indígenas trabalhassem, os problemas relacionados à embriaguez, o processo de batismo dos caciques, a dificuldade do jesuíta em aprender o idioma e, também, a forma com que Paucke se relacionou com os indígenas.

De acordo com as descrições do missionário, a redução de San Javier foi a primeira de índios Mocoví. Esses indígenas viviam na extremidade do Chaco, a cerca de 500 léguas da cidade de Santa Fé, e representavam perigo aos espanhóis. Desta forma, por intermédio do cacique Cithaalin, os acordos são iniciados para que a redução seja fundada. Quem assume essa movimentação é o comandante Franciso Antonio de Vera Muxica. Em 1743 é fundada, então, a redução de São Francisco Javier, tendo como primeiro sacerdote o Pe. Francisco Burges. A

missão acaba sendo transladada alguns meses depois a pedido dos indígenas, que gostariam de estar mais perto da “terra selvagem”.

Figura 4 – Missões do Gran Chaco.



FONTE: Maeder & Gutiérrez (2009). Grifos nossos.

Três meses depois, Florián Paucke chega na redução. O missionário fica encarregado de construir a igreja e outro edifício no jardim, e logo nesses primeiros contatos constata que alguns indígenas davam desculpas para não trabalhar: “Yo invité a uno que otro que probara y ayudara, pero siempre recibí la repuesta: Yo soy haragán. Otro se disculpó: que él no se animaba a ayudar por no saber aún cómo se manejaba el asunto; en caso que él no lo hacía bien, no sería de mi agrado y él tendría que avergonzarse” (Paucke, [1774], 2010, p. 186). O jesuíta, diante de tal situação, pensa em estratégias “Hice todo para incitarlos, en parte por la amabilidad, en parte por regalos, para que ellos vencieren por lo menos la primera dificultad” (*Ibid.*).

Paucke também relata sobre a grande dificuldade em compreender a língua Mocoví: “Nada me fue más duro que comprender la lengua de la que hasta entonces había aprendido poco si bien en frecuentes ocasiones me mortificaba hasta la media noche” (*Ibid.*, p.191). A ansiedade em aprender o idioma dos indígenas estava associada à necessidade do missionário iniciar, o quanto antes, o processo de conversão. Os indígenas advertiam os erros cometidos por Paucke, o que para ele era algo positivo “[...] pero para mí una gran utilidad de ser advertido pues en el segundo año ya pude enseñar a los niños en la doctrina cristiana y en el tercer año ya subí al púlpito” (*Ibid.*, p.192).

O missionário ainda argumenta sobre a importância que a música teve no processo de conversão dos indígenas e participação deles na fé cristã:

Tuve bastante ejercicio en aprender [el idioma] indio junto a los niños a los cuales instruía en leer, escribir y en la música. En todo tuve éxito y en tres años cuando los tuve en el aprendizaje musical conseguí de veinte muchachos que ellos fueren útiles en la misa y vísperas con los precisos instrumentos para una música eclesiástica completa para el asombro de los indios y aún mayor de los españoles (*Ibid.*, p.193).

No capítulo VIII, intitulado “Tumulto originado por la borrachera”, o jesuíta coloca que nas assembleias e encontros dos indígenas Mocoví, havia uma bebida que causava grande embriaguez e que ele mesmo estava tentando compreender como era feita:

¿Qué bebida será ésta que sin embargo emborracha tanto? Por ahora yo callo sobre esta arte de destilación hasta la ocasión en que yo daré noticia más expresa de las bebidas indias. Pero adelanto que estas bebidas embriagadoras no son ni vino ni aguardiente y mucho menos cerveza (*Ibid.*, p.208).

A autora Cíntia Natalia Rosso analisou em seu artigo o papel que as bebidas fermentadas tiveram nas celebrações indígenas, por meio da etnobotânica histórica; ou seja, ela buscou compreender, a partir da obra de Paucke e Manuel Canelas, como os indígenas Mocoví se relacionavam com as espécies vegetais ao seu redor e, também, como elas eram utilizadas e concebidas durante as festas. Esses festejos foram denominados de “borracheras” nas fontes escritas por cronistas, viajantes e missionários. No entanto, Rosso destaca que

Estas fiestas constituyeron uno de los puntos clave de las costumbres indígenas que los jesuitas intentaron erradicar; eran conceptuadas por los sacerdotes como momentos donde los “vicios” como la promiscuidad y la violencia de los indios se hacían más evidentes a causa de los efectos de las bebidas fermentadas que consumían durante las mismas (2015, p.645).

Além disso, Paucke relata a dificuldade em convencer um dos caciques, Cithalín, a se batizar. O argumento do cacique era que ele teria “[...] oído siempre de sus padres que el agua que los Padres vertían sobre la cabeza de los niños, era un veneno fabricado por los Patribus

para matar los niños para que su nación jamás pudiera aumentarse y acrecer” ([1774], 2010, p.221). Frente a isso, o missionário acredita que

Es cierto que Cithaalin no había oído estas perjudiciales pláticas y enseñanzas de [boca de] los españoles nobles sino del populacho ordinario y de las gentes holgazanes pero sin embargo él creyó que todo esto era cierto y justo. Para poner fin a estas malas pláticas me quejé ante el Comandante y le expuse que todo nuestro empeño y trabajo quedaría perdido si los españoles no cesaran en tales enseñanzas perjudiciales (*Ibid.*, p.221-222).

Na terceira parte do seu relato, intitulada *De la manera de vivir, usos y costumbres de los indios americanos en el paganismo*, o missionário jesuíta descreve aspectos bastante pontuais sobre os indígenas Mocoví, trazendo detalhes sobre a sua fisionomia, tatuagens, vestimentas. Além disso, fala sobre os trabalhos manuais, cerimônias, matrimônio, cuidado com os defuntos, entre outras questões.

Paucke vai deixar muito clara sua contrariedade com relação as práticas dos chamados “hechiceros”, tanto que em uma passagem escreve que

Quienes se declaran hechiceros o hechiceras son muy temidos por todos y son entre ellos los únicos médicos que pueden curar todas las enfermedades pero no saben ayudarse a sí mismos cuando están enfermos. Ellos curan poco mediante hierbas u otros remedios, la cura más general es chupar el mal la que se realiza de este modo: el enfermo debe acostarse a lo largo en tierra (*Ibid.*, p.348).

O combate aos referidos "feiticeiros" fazia parte do processo de evangelização adotado pelos missionários da Companhia e, portanto, estava em consonância com os preceitos cristãos da época. De acordo com Rosso (2012, p. 163),

Los religiosos intentaron limitar las prácticas de estos personajes, que veían colmados de características negativas, así como “concientizar” sobre sus malas acciones al resto de los misionados demostrando sus mentiras y argucias. Los sacerdotes competían con los hechiceros ya que ambos eran “especialistas de lo sobrenatural.

Sendo assim, percebemos o quanto o manuscrito de Paucke é multifacetado. Ao longo das suas partes conseguimos vislumbrar como seu deu a atuação do missionário na primeira redução Mocoví, sempre lembrando que o seu relato foi escrito aproximadamente sete anos após o seu regresso à Europa, ou seja, trata-se de um testemunho da sua memória<sup>6</sup>. A partir desta primeira aproximação, estamos em melhores condições para pensarmos na tradição de escrita da Companhia de Jesus e, evidentemente, em como as aquarelas relacionadas à natureza do Chaco se inserem nesse contexto, temas que trataremos na sequência.

---

<sup>6</sup> Esse tema será aprofundado a partir da discussão da escrita do exílio ao longo do tópico 3.3 do capítulo intitulado “Escrita, Ilustração e Exílio: a prática jesuítica no século das luzes”, levando em consideração autores como Felipe e Paz (2019), Fleck (2021), Justo e Zubizarreta (2017) e Page (2019).

### 3 ESCRITA, ILUSTRAÇÃO E EXÍLIO: A PRÁTICA JESUÍTA NO SÉCULO DAS LUZES

Não há como analisar de que forma o missionário jesuíta Florián Paucke apresenta a natureza americana, especificamente da região do Chaco, em sua obra *Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767*, sem compreendermos, em certa medida, alguns contextos dos quais ele esteve inserido. A começar pela tradição de escrita da Companhia de Jesus, mantida desde os primórdios da Ordem, bem como sua inserção na literatura religiosa da época moderna e a construção de uma Ilustração Católica. É essencial, também, o entendimento das mudanças epistemológicas que começam a ocorrer no final do século XVII e ganham efervescência no XVIII, principalmente, nesse caso, pensando em como a transformação da mentalidade afetou a forma com que se apreendia a natureza.

O conhecimento do que foi a Polêmica do Novo Mundo, assim como a forma com que esse debate ilustrado de inferioridade da América foi assimilado pelos inacianos, são igualmente aspectos importantes a serem destacados. Ademais, o estudo do processo de expulsão da Companhia de Jesus dos territórios americanos, em 1767, é fundamental, uma vez que a obra de Paucke foi produzida enquanto o jesuíta esteve exilado em um mosteiro na Boêmia.

A partir da construção dessa linha de raciocínio, será mais fácil vislumbrarmos Florián Paucke não apenas como um missionário, mas também como um investigador e produtor de conhecimento do mundo colonial em que viveu. A descrição detalhada realizada pelo inaciano, sobretudo na sexta e última parte do seu relato, em defesa do mundo natural americano e suas potencialidades, e em contraposição à interpretação científica europeia em voga no Setecentos que detratava a natureza do Novo Mundo, evidencia a inserção/adequação da prática jesuítica aos pressupostos do século das luzes. O seu escrito revela aspectos não só da práxis escrituraria da Companhia de Jesus, como também das características que entram em cena com a transformação da *epistémê*, sobretudo, no século XVIII.

#### 3.1 A tradição da escrita na Companhia de Jesus

A Companhia de Jesus foi uma ordem fundada no século XVI, mais especificamente no ano de 1540, por um grupo de estudantes da Universidade de Paris liderados por Inácio de Loyola<sup>7</sup>. Desde o princípio, as práticas regulares de escrita e circulação de informações foram

---

<sup>7</sup> Ignacio de Loyola nació en Guipúzcoa en 1491 y falleció en Roma en 1556. Su primera ocupación fue militar, pero pronto abandonó estas tareas y se dedicó a los estudios y a la oración. En España fue sospechoso de

tarefas fundamentais a serem realizadas pelos membros da Ordem Jesuíta. De acordo com Eunícia Fernandes, ao estudarmos sobre a Companhia devemos sempre nos lembrar “[...] das exigências formativas para os jesuítas – as mais rígidas da Igreja – e do controle de suas ações através da escrita, das visitas e etc; juntas, tais cobranças representavam uma força unificadora da Companhia, garantindo preceitos comuns ao conjunto de religiosos” (2013, p.9). Nessa perspectiva,

[...] se desarrolló un estricto círculo de correspondencia e informes que se elevaban a Roma, así como también se alentó la escritura de historias que debían narrar las tareas que la Orden realizaba en las distintas provincias. Con el paso del tiempo esta actividad se convirtió en obligatoria, y se estableció la frecuencia y los aspectos sobre los que debía informarse, para mantener la unión de una orden religiosa nueva que crecía rápidamente; así, la escritura fue el elemento que nucleaba a los jesuitas y permitía que la sede generalicia en Roma pudiera estar enterada y ser partícipe de las actividades y decisiones que se tomaban en cada provincia (Rosso; Cargnel, 2012, p. 63).

De acordo com Justo (2013, p. 2) “[...] Ignacio de Loyola junto a la primeira generación de jesuitas, enviaron a los padres provinciales de la expandida Compañía directivas precisas sobre las fórmulas de escritura adecuada [...]”. No entanto, somente durante a gestão de Diego Laínez, o segundo Superior Geral da Companhia de Jesus, que a *ratio escribiendi*<sup>8</sup> será finalmente estabelecida no documento *Regulae Societatis Iesu* de 1580. Logo, a expansão dos jesuítas aos quatro continentes se dará sob o domínio da escrita.

Na oitava parte das *Constituições*<sup>9</sup> da Companhia de Jesus, intitulada “Fomento da União entre os membros da Companhia”, são tratadas justamente as normas que regem as correspondências<sup>10</sup> dos membros da Ordem. Quando nos referimos a essas cartas não podemos deixar de percebê-las “[...] como importante estratégia de produção literária, de fortalecimento

---

heterodoxia por sus Ejercicios Espirituales, pero en Paris los pudo desarrollar en compañía de algunos seguidores como Diego de Laínez, Francisco de Borja y Mateo Ricci con los que se formó la Compañía de Jesús en 1534 (Rosso; Cargnel, 2012, p. 63).

<sup>8</sup> “En 1547, Juan de Polanco elaboró la llamada fórmula o ratio scribendi, que definía quién debía escribir las cartas, cuándo y cómo, estableciéndose así intensos flujos de intercambio de noticias entre los misioneros y los provinciales, y entre éstos y el centro en Roma, este documento también muestra una diferencia en la tipología de registros escritos conocidos como cartas anuales, catálogos de personas y correspondência” (Justo, 2013, p.6).

<sup>9</sup> Logo após a fundação da Companhia, foi preciso concretizar e solidificar suas linhas mestras. Sendo assim, iniciou-se a escrita das *Constituições*. O trabalho de redação se dividiu em três etapas: I - (1539-1541) - Inácio trabalhou em união com seus companheiros, em especial com João Codure, até a morte deste em 29 de agosto de 1541. II - (1541-1547) - Inácio trabalhou sozinho. III - (1547-1550) - Inácio trabalhou com o auxílio de João Afonso de Polanco. O texto das *Constituições* é essencial para a compreensão desses ideais iniciais, além de nos fornecer informações a respeito da própria organização e estruturação da Ordem (Arnaut; Ruckstadter, 2002).

<sup>10</sup> O século XVI será marcado, sobretudo, pela escrita das cartas jesuítas. De acordo com Márcia Campos (2014, p.68) “[...] as cartas refletem o pensamento dos membros da *Companhia de Jesus* em relação ao trabalho missionário, aos índios aldeados e aos que não aceitaram o aldeamento, ao processo de conquista e à atuação das monarquias católicas no espaço ultramarino, em momento de grande efervescência cultural, política, social e religiosa pelo qual passava a sociedade” (Grifos da autora).



e disseminação do pensamento jesuítico e das atividades desenvolvidas pela Companhia de Jesus, no âmbito da Monarquia Católica portuguesa e dos avanços da Reforma protestante” (Campos, 2014, p.70). Ou seja, “é preciso observar que as epístolas jesuíticas não são apenas uma descrição da ação missionária, mas a sua principal estratégia de atuação, com um forte caráter retórico e teológico-político” (*Ibid.*, p.71).

Nesse sentido, percebemos que “a legislação jesuítica tem uma enorme importância no funcionamento da Ordem: as Constituições completam os Exercícios Espirituais, uma vez que estes, cuidam da parte espiritual e individual e aquelas cuidam da vida em grupo, isto é, organizam a Companhia de Jesus e a vida de seus membros” (Arnaut; Ruckstadter, 2002, p.107).

Ao conteúdo edificante das correspondências epistolares, somaram-se notícias sobre as adaptações das regras gerais às condições locais de cada missionário. Os jesuítas enviavam descrições vivas, que permitiam seus superiores vislumbrarem as situações que lhes ocorriam, e esperavam o retorno com as instruções a serem feitas de acordo com a especificidade de cada local. Por mais que o ideal missionário tenha se baseado, sobretudo, no sentido evangelizador e educacional, é importante sinalizar que, para além dessas questões, os jesuítas desempenharam outros papéis, destacando-se em funções como as de arquitetos, cozinheiros, astrônomos, enfermeiros, cirurgiões, boticários, entre outros ofícios. Disso nasceu um novo tipo de escrita que ultrapassou os limites do espaço religioso: a redação de manuscritos/crônicas passou a tratar, por exemplo, desde elementos da flora e da fauna, bem como suas qualidades medicinais, até questões referentes à língua local e as especificidades de cada grupo indígena<sup>11</sup>.

De acordo com Josefina Cargnel há uma diferença bastante importante entre as correspondências e as crônicas, já que “[...] en el primer caso, en líneas generales, es la propia comunidad jesuita a diferencia de las crônicas que son textos que tienen como objetivo final un público más amplio” (2009, p. 5). O manuscrito de Paucke é um exemplo dessa nova literatura, uma vez que, ao ultrapassar os limites de uma epístola, oferece uma descrição ampla e detalhada acerca do meio natural em que esteve inserido, bem como das populações com quem conviveu. Além disso, veremos na sequência como a sua escrita é, de fato, destinada a

---

<sup>11</sup> José de Acosta, en su Historia natural y Moral fue indiscutiblemente el que fijó las pautas de cómo debían ser relatadas las historias de las misiones americanas. El modelo acostano fue cuidadoso en seguir las directivas de los fundadores de la orden y permitió que todas estas producciones dedicaran un espacio a la descripción de las características naturales y etnográficas de las regiones antes de la llegada de los europeos. La historia moral y natural de las Indias de José de Acosta fue guía y autoridad para los intelectuales de la orden y cita obligada en la mayoría de historias posteriores de autores jesuitas (Justo, 2012, p.44).

um público que ultrapassa os limites da Ordem, já que trata-se de uma crônica que tenta legitimar os saberes produzidos e observados pelo jesuíta frente ao contexto setecentista.

Para Cargnel (2009, p.5), a escrita realizada pelos jesuítas

[...] se inscribe en la idea de Martín Morales de *mostrar y encubrir*, donde remarca que todos los misioneros y especialmente los cronistas conocían la idea de decir lo que se puede mostrar y es edificante para la Compañía y ocultar las disidencias internas y los conflictos como todas aquellas cuestiones donde la Orden no sobresaliera (Grifos da autora).

Torna-se claro, mais uma vez, que escrever era tarefa fundamental para a Companhia, tanto para afirmar seu papel na Europa, como para justificar suas atividades nessas longínquas terras. Cargnel ao trabalhar com a escrita dos missionário nas Índias, faz referência à Inés Zupanov que realiza uma classificação da escrita dos jesuítas em quatro modalidades que obedecem os princípios estabelecidos inicialmente por Loyola: 1) *Teatral* (escrita edificante que busca realçar o ambiente adverso e as tarefas desempenhadas pelos jesuítas); 2) *Polêmica-dialógica* (expressa as disputas e desavenças entre os religiosos e governantes); 3) *Etnográfica* (acumulação e sistematização de informações sobre os povos e a região a ser evangelizada); 4) *Utópica* (aspirações espirituais do próprio sujeito) (*Ibid.*, p.14-15).

A dedicação ao reconhecimento da geografia, dos recursos naturais e das potencialidades econômicas da região em que os jesuítas se encontravam começam a aparecer “já nos trabalhos do Padre José de Acosta, no final do século XVI (1590)” (Barcelos, 2000, p.99). Nos séculos seguintes isso torna-se ainda mais evidente com a presença de obras mais abrangentes, que ultrapassam as dimensões das epístolas, e, muitas vezes, mesclam as modalidades propostas por Inés Zupanov. Alguns exemplos: Antonio Sepp, autor da “Relación de viaje a las misiones jesuíticas” (1696); Gaspar Suárez, que escreveu a obra “*Osservazioni Fitologiche*” (1789-1791), na qual sistematiza seus conhecimentos sobre as plantas medicinais americanas; José Sánchez Labrador, autor das obras “*El Paraguay Natural*” e “*El Paraguay Catholico*”, que realizou um dos trabalhos mais amplos sobre a natureza e as sociedades da região platina colonial; Martín Dobrizhoffer, autor da “*Historia de los Abipones*” (1783); Pedro Montenegro, autor das obras “*Materia Medica Misionera*” (1710) e “*Libro de Cirurgia*”; Thomas Falkner, que publicou em 1774 “*A description of Patagonia and adjoint parts of South America*”; e, finalmente, Florián Paucke, autor da obra “*Hacia allá y para acá – 1749-1767*”, objeto de estudo dessa monografia (Fleck, 2014).

Para Paulo Rogério Melo de Oliveira (2011, p. 267), “A abundância de relatos escritos, aliada à consciência histórica da Companhia, possibilitou o desenvolvimento de uma prodigiosa historiografia jesuítica empenhada em rememorar os ‘feitos notáveis’ e a obra

‘grandiosa’ de conversão nos quatro cantos do mundo”. Mesmo escrevendo em épocas distintas, os jesuítas constituem uma espécie de linhagem, já que estão ligados “por laços institucionais e devocionais a um passado em comum, cultivam uma reverência pela memória escrita e pelos santos e heróis da Companhia” (*Ibid.*, p. 268).

É importante assinalar, também, que

Os jesuítas encontraram na história um eficiente meio de defender-se dos ataques dos seus adversários. Travam-se, nos domínios da história, verdadeiras batalhas sobre o passado. Batalhas em que o que está em jogo é o domínio do passado, ou melhor, o poder de imprimir uma visão do passado no presente. Os soldados de Cristo empunham a escrita da história como arma contra uma extensa legião de inimigos notórios que ao longo de cinco séculos lhes devotam decidida oposição. Voltaram-se para o passado em busca dos exemplos de virtude e santidade dos seus pares e da obra grandiosa da Companhia no mundo. Este uso da história como panegírico dos seus próprios heróis é revelador da postura defensiva assumida pela Companhia em momentos em que a sua legitimidade institucional foi atacada (*Ibid.*, p.269).

A Companhia de Jesus deparou-se com diversas crises de legitimidade e, nessa conjuntura, a escrita foi utilizada pelos inicianos como uma forma de defender sua instituição e suas obras. Por isso, “Talvez resida no caráter defensivo da historiografia da Companhia a possibilidade de apreender um estilo jesuítico de escrita da história” (*Ibid.*, p. 270).

### **3.2 Natureza Ilustrada: a adequação da escrita jesuíta à práxis do século XVIII**

A passagem do século XV para o XVI trouxe ao europeu a figura do indígena. Evidentemente, nesse contexto, “o desconcerto causado pela novidade da existência do indígena americano engendrou a necessidade de os agentes europeus reformularem suas bases epistemológicas para lidar com o mundo” (Rodrigues, 2019, p.41). Têm-se, portanto, uma atualização e transformação nas formas de conhecer e contar o mundo, já que

[...] a curiosidade Renascentista jogou papel importante na alavanca das descobertas atlânticas e na composição das narrativas fantásticas, a criação literária do Novo Mundo obedeceu a um esquema de ordem econômica que fundiu a imagem de riquezas – sobretudo ouro e prata – e o desejo por conhecer estas novas gentes. A fenda criada pela expectativa das descobertas e o experienciado por elas vai dar origem ao *maravilhoso* americano<sup>12</sup>, uma forma de narrar e absorver estas novas realidades (*Ibid.*, p.43).

No entanto, as frustrações com relação ao maravilhoso somadas as insuficiências do repertório da antiguidade vão acabar causando uma crise da consciência europeia, a qual fará

---

<sup>12</sup> A representação da América como o maravilhoso remoto e insólito que abriga insondáveis riquezas e sintetiza a realização das fantasias do indivíduo ocidental é uma ferramenta que tem como função principal a mobilização de esperanças e desesperanças de uma sociedade, e, para tanto, faz uso da construção de uma alteridade sujeita, maleável e ficcional que possa cumprir estas expectativas (Rodrigues, 2019, p.44).

surgir uma nova concepção de mundo, relacionada à experimentação e à teorização. Nessa perspectiva,

Um dos processos que melhor evidencia as transformações nos modos de produzir conhecimento e nos usos políticos e econômicos destas narrativas foi a transformação dos gabinetes de curiosidades, comuns nos séculos XVI e XVII, em museus de História Natural no século XVIII, e que adquirem um caráter mais propriamente ligado a conhecer os recursos naturais e as paisagens para explorar o território [...] (*Ibid.*, p.46).

Ainda no século XVI, “sob a influência dos eventos desencadeados a partir das Grandes Navegações e do estabelecimento dos europeus em suas colônias no Novo Mundo, foram construídas, paulatinamente, novas perspectivas referentes à compreensão do Mundo Natural” (Conceição, 2016, p.142). Relatos sobre a fauna, flora, geografia, clima, mineralogia e as próprias comunidades autóctones já eram produzidos e compunham o universo da chamada Filosofia Natural<sup>13</sup>. Naquele momento as palavras “razão” e “natureza” eram harmônicas e inseparáveis, já que “Para se compreender o funcionamento do universo, os filósofos deveriam observar a natureza através do experimentalismo” (*Ibid.*, p. 143).

Entretanto, com o advento do iluminismo, “o conceito de ‘razão’, antes compreendido como uma ‘inteligência perfeita’, a partir das premissas iluministas, passará a ser designado razão como reconhecimento e compreensão das leis da natureza” (*Ibid.*). Essa revolução epistemológica acaba, inevitavelmente, refletindo nas práticas científicas<sup>14</sup>. De acordo com Conceição

A partir desde período, novas perspectivas e questionamentos se apresentaram aos que se dedicaram à observação do Mundo Natural, tanto na Europa, quanto nas colônias. Neste âmbito, a compreensão da natureza, com toda a sua diversidade e complexidade, ganhou novas perspectivas e o entendimento do que era o Mundo Natural baseado no pensamento aristotélico começou a ser questionado. No cruzamento entre as experiências derivadas dos eventos relacionados com as navegações interoceânicas; o contato dos europeus com o novo ambiente natural dos trópicos; e o turbilhão intelectual que culminou no Iluminismo do século XVIII, resultou uma mudança de paradigma científico. Em termos teológicos ou filosófico-naturais, virtualmente, nenhum dogma deixou de ser exaustivamente examinado, passando por uma reflexão crítica sobre os seus parâmetros (*Ibid.*).

Torna-se visível, então, que do século XV ao XVIII, processos como o Humanismo, a Revolução Científica e o Iluminismo buscaram sistematizar e ampliar o conhecimento

<sup>13</sup> Filosofia Natural é o estudo da natureza. Tal episteme buscava explicar o mundo natural englobando todos os aspectos possíveis, fossem relativos ao habitat, fisiologia, utilidade ou hábitos (Conceição, 2016, p.142).

<sup>14</sup> O que hoje compreendermos por ciência, era apontado ao longo do Iluminismo, como Filosofia Natural. Para os editores da *Encyclopédie* existia uma diferença relevante entre Filosofia natural e História Natural. A primeira era a faculdade da razão, e a segunda, a faculdade mental da memória. Ambas eram importantes e ajudavam os filósofos a compreender o Mundo Natural (Conceição, 2016, p. 162-163).

acumulado pela humanidade. Os Estados passaram a incorporar a investigação da natureza nas suas estratégias de poder, uma vez que isso era fundamental para a manutenção dos seus domínios. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que “Franciscanos, Agostinhos e Jesuítas participaram em larga escala em todo esse processo. Empreenderam uma extensa e intensa troca de saberes com os povos autóctones, tendo a expansão da fé como pano de fundo, mas o intercâmbio de saberes como resultado” (*Ibid.*, p.6).

Nos primeiros séculos de exploração, o continente americano e sua natureza foram vistos como um espaço de refúgio das forças malignas sobrenaturais. A terra em que os conquistadores e missionários iriam trabalhar teria sido “[...] sometida durante siglos al demonio: culebras, insectos, bestias, árboles asesinos, selvas sofocantes repletas de demonios, obedecían a la voluntad de los malos espíritus que intentaban detener la cruzada de los misioneros” (Soledad, 2013, p. 2). No entanto, o século ilustrado vai apresentar uma nova sensibilidade sobre os fenômenos naturais, fazendo com que as explicações sobrenaturais percam credibilidade. Flávia P. G. Oliveira afirma que “os novos paradigmas para a história natural no final do século XVIII permitiram a constituição de uma nova representação da natureza do Novo Mundo, diversa daquela existente até então” (2011, p.13).

De acordo com Bruno Campos Rodrigues,

Dentro dos pressupostos das Luzes, as viagens do maravilhoso se transformam em viagens filosóficas<sup>15</sup> que buscam dar explicações coevas e racionais aos fenômenos descobertos. Protagonistas imprescindíveis dos debates intelectuais sobre a América, os padres da Companhia de Jesus aportaram significativas contribuições no desenvolvimento da produção de conhecimento sobre a América e seus habitantes no século XVIII, adaptando-se às mudanças de fluxos das discussões, e, conseqüentemente, lutando pela manutenção de seus interesses dentro deste panorama intelectual (2019, p. 46).

Ao longo dos séculos XVI e XVII, as descrições e tratados sobre o ambiente natural tinham como principal objetivo o reconhecimento do território e suas potencialidades. No entanto, no século XVIII as viagens passaram a ser orientadas por um cunho científico, sendo que o “[...] objetivo não era apenas o de reconhecer o espaço geográfico e biogeográfico de maneira puramente utilitarista, mas também o de dominar os aspectos zoológicos, botânicos e minerais, na tentativa e empenho constante pela formação de conhecimento” (Conceição, 2016, p.144).

---

<sup>15</sup> Para Gisele Cristina da Conceição (2016, p. 144), as chamadas “viagens filosóficas” pretendiam conhecer, classificar e dominar o território e suas potencialidades. O Reino precisava e queria conhecer e reconhecer o universo de possibilidades que a colônia poderia lhe fornecer.

Para Jorge Cañizares-Esguerra, no Setecentos, o surgimento de novas formas de validação do conhecimento, originou “disputas epistemológicas” que passaram a questionar a autoridade e a confiabilidade das fontes (2011, p.17). Nesse contexto, “[...] os relatos do Novo mundo feitos nos séculos XVI e XVII começaram a perder a credibilidade quando passaram a ser comparados com os textos dos novos viajantes filósofos” (*Ibid.*, p.30). Diante disso,

Os Estados incorporaram a investigação da Natureza nas suas estratégias de poder, na clara compreensão de que isso era fundamental à expansão e manutenção dos seus domínios, e imprescindível na acirrada competição com as potências concorrentes. As potências envolvidas neste processo não pouparam recursos para fomentar o domínio da Natureza, desde logo através do seu reconhecimento e descrição. A Ciência emerge, assim, como uma ferramenta de Poder (Conceição, 2016, p.6).

Artur H. Barcelos atenta para uma questão fundamental: os relatos descritivos, que tratavam principalmente sobre as características naturais dos espaços, “[...] estavam em voga nos séculos XVII e XVIII e não são exclusivos dos membros de ordens religiosas. São característicos de um momento em que a História ainda mesclava-se à geografia e a história natural” (2000, p.100). Ou seja, os trabalhos dos membros da Companhia de Jesus refletem, também, a forma de produção de conhecimento daquele período.

A Companhia de Jesus, inserida no contexto da Europa moderna, deparou-se com o anticlericalismo iluminista que considerava os padres conservadores e reacionários. A Ordem encontrou na escrita uma forma de combater as investidas feitas à ela, por isso passou a organizar mecanismos capazes de validar seus relatos, a começar pela

[...] importancia de la fiabilidad de los testigos [...]. Para que pudiera funcionar eficazmente el recurso retórico yo vi, yo fui testigo se necesitaba un plus, este testigo además de ser testigo ocular, debía haber presenciado directamente lo que aparece en sus escritos, y también debía ser considerado una persona fiable (Justo, 2012, p.45).

Essa questão da confiabilidade é bastante reiterada por Florián Paucke em seu manuscrito. Ainda no prefácio da sua obra nos deparamos com passagens que buscam evidenciar questões de experiência, verdade, conhecimento e observação:

Pero a lo que yo me obligo especialmente durante el transcurso de este relato e información será a observar la sincera verdade de mi informe, la que no se basará sobre noticias ajenas recogidas sino sobre la experiencia própria (Paucke, [1774], 2010, p.9, grifos nossos).

Si acaso se incluyera algo que fuera conocido por informes extraños, será mi deber el no ocultarlo al lector y dejar establecida la verdad de aquellas cosas allí donde y por quien me han sido comunicadas (*Ibid.*, grifos nossos).

[...] lo que yo refiero aquí há de entenderse sólo de las costumbres y manera de vivir conocidas propriamente por mí y observadas por la experiencia referente a estos índios (*Ibid.*, grifos nossos).

[...] yo escribo sólo acerca del Paraguay y de la condición aquella circunscripción de la que he adquirido experiencia y conocimiento durante 18 años, todo lo demás lo dejo a los experimentados en los otros países (*Ibid.*, p.10, grifos nossos).

Si bien em ninguna cosa debo fiarme tanto a mi experiencia mientras outro quien, al igual mío, hubiere conocido el asunto por sus ojos pudiere dar una noticia mas verídica por su mejor perspicacia y el esmero en la investigación practicada de la verdad, por el mayor conocimiento y comprensión más clara, puedo aseverar asimismo que yo relato lo que he visto y experimentado en la forma como lo he conocido (*Ibid.*, grifos nossos).

Beatriz Helena Domingues, em seu trabalho intitulado “A Disputa Entre ‘Cientistas Jesuítas’ e ‘Cientistas Iluministas’ no Mundo Ibero-Americano” nos fornece uma ótima reflexão para pensar o combate, com relação as diferentes apropriações das proposições filosóficas em voga no Setecentos, existente entre os reformadores iluministas e os inacianos. Para a autora, “Os jesuítas, embora em constante atrito com o Despotismo Ilustrado Ibérico, eram uma variante do iluminismo católico característico do mundo ibérico” (2010, p.131). Ou seja, os religiosos produziram o que chamamos de Ilustração Católica, que nada mais foi do que a leitura que a Companhia fez da Ilustração, apropriando-se seletivamente de algumas bases do discurso iluminista.

Os jesuítas, enquanto um grupo religioso, político e ideológico, tentou manter-se em sintonia com as ideias que efervesciam no século XVIII, e “tal qual seus inimigos reformadores, deparavam-se com uma contradição central: conciliar a filosofia iluminista com o cristianismo” (*Ibid.*, p. 139). A assimilação de algumas ideias caras à Ilustração, mesmo que de forma seletiva e católica, nos fornece uma nova perspectiva que descredibiliza a concepção de que a Companhia de Jesus escrevia e agia de forma retrógrada, resistindo as mudanças e sendo associada à tradição medieval católica e barroca.

De acordo com Conceição (2016, p.146),

O Iluminismo, longe de ser um movimento homogêneo, produziu uma grande diversidade de ideias e abordagens acerca dos mais variados temas, e os conceitos centrais formulados pelos iluministas, foram aplicados de maneira diversa nos variados territórios europeus e coloniais. Em parte, por esse motivo, o século XVIII configurou-se como um período de grande difusão da Filosofia Natural e de outros campos do conhecimento.

Em consonância com a renovação e reformulação das antigas concepções epistemológicas nasce a *Encyclopédie*, conjunto de obras que irão promover “ataques contundentes às velhas ortodoxias e à cosmologia então hegemônica” (*Ibid.*). Com relação à compreensão do mundo natural, umas das contribuições mais importantes será advinda de George Louis-Leclerc (1707-1788), mais conhecido como Conde de Buffon, a quem foi entregue o tema das Ciências Naturais.

A importância do Conde de Buffon para a Filosofia Natural do século XVIII perpassa pela maneira como ele procurou estabelecer uma epistemologia que pudesse servir à compreensão e classificação das faunas, tanto da Europa, quanto da América, Ásia e África. O Conde de Buffon foi tão ou mais prestigiado em sua época quanto o sueco Karl Von Linaeus (1707-1778)<sup>16</sup>. Este último acabou por ser considerado o idealizador do sistema de classificação binominal das espécies<sup>16</sup>. A princípio, Buffon negou o sistema classificatório Lineano, e fez críticas contundentes quanto aos métodos aplicados por Lineu. Buffon era uma figura forte para ciência do período, seus trabalhos eram revolucionários e traziam consigo a marca de uma produção científica francesa, o que lhe concedia ainda mais prestígio. A verdade é que o trabalho desenvolvido por Buffon catapultou elevados processos de renovação e inovação no que se pode entender por Filosofia Natural e classificação de espécies. Sua importância para a História da Filosofia Natural é de extrema valia, e confirma, de certo modo, a tendência filosófica setecentista em buscar na natureza, através do experimentalismo, explicações para compreender o funcionamento do universo (*Ibid.*, p. 147).

O século XVIII será marcado, portanto, pelo nascimento do interesse do mundo natural, guiado pelos paradigmas iluministas. Nesse contexto, por meio da circulação de textos impressos, bem como da criação de academias de ciências, jardins botânicos, coleções particulares, irão surgir os gabinetes de História Natural. As investigações sistemáticas das colônias passa, então, a fazer parte das exigências dos governos nacionais, afinal tudo tornava-se passível de ser observado, descrito, classificado, analisado, experimentado e catalogado. Com isso passam a ocorrer as chamadas “viagens filosóficas”<sup>17</sup>. É nesse contexto que a produção científica será impulsionada ao longo deste século (*Ibid.*, p. 148).

Os princípios dessa nova racionalidade estenderam-se por toda a Europa e para as suas colônias. A Companhia de Jesus não ficou imune a esse fenômeno significativo e, sendo assim, a escrita jesuíta passou a desenvolver trabalhos ricos em descrições e classificações da fauna e flora das colônias. Podemos afirmar que “[...] a observação do Mundo natural nos trópicos e os trabalhos de catalogação, descrição e classificação foram influenciados pelo pensamento ilustrado, que estava, naquele momento, permeando todo o universo intelectual do Velho e Novo Mundo” (*Ibid.*, p. 159-160).

As mutações tanto nas formas de conceber quanto nas maneiras de valorar o mundo natural americano ao longo dos séculos XVII e XVIII afetaram na credibilidade das crônicas

---

<sup>16</sup> Criado por Carl von Linné, no século XVIII, o sistema taxonômico que classifica as coisas vivas em uma hierarquia: Reinos->Filos->Classes->Ordens->Famílias->Gêneros->Espécies.

<sup>17</sup> Viagens como as do capitão inglês James Cook (1728-1779), famoso por ter explorado o Oceano Pacífico, do francês Louis Antoine de Bougainville (1729-1811), autor de um tratado de cálculo de navegação e que empreendeu uma viagem ao redor do globo, ou como a expedição de Charles-Marie de La Condamine (1701-1774), lembrada por Mary Louise Pratt, como sendo a viagem pioneira e que marcou o início das viagens exploratórias, ou mesmo a Viagem Filosófica pela América portuguesa idealizada pelo naturalista italiano Domenico Vandelli, levada a cabo pelo luso brasileiro formado em Coimbra, Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) [...] (Conceição, 2016, p.148).



produzidas séculos antes por viajantes, conquistadores, religiosos e, até mesmo, funcionários da Coroa Espanhola. A mudança das representações da natureza e a fiabilidade das crônicas foram processos profundamente imbricados naquele momento. É diante desse cenário que ocorre o debate conhecido como Polêmica do Novo Mundo, sendo Antonello Gerbi o maior expoente nesses estudos com sua obra *La disputa del Nuovo Mondo: Storia di una polemica*, publicada em português, com o título “O Novo Mundo: História de uma Polêmica 1750-1900”, no ano de 1996. O trabalho de Gerbi

traça um panorama da polêmica iniciada em meados do século XVIII, na qual era atribuído à América o estado de imaturidade e inferioridade em relação à Europa. Autores como Conde de Buffon (Georges-Louis Leclerc), de Pauw, Abade Raynal e Hegel representariam um grupo de pensadores que defendeu a debilidade da natureza americana, evidenciada através de seus pequenos animais, especialmente os mamíferos, de sua umidade, da existência de uma grande quantidade de répteis, anfíbios e insetos (seres tidos como pestilentos e danosos), entre outros aspectos. Contudo, tais caracteres detratores não estariam restritos à natureza, definiriam os habitantes daquelas terras, vistos como débeis, impúberes, preguiçosos, em suma, degenerados (Oliveira, 2011, p.2).

Gerbi reconstruiu em sua obra os argumentos dos que depreciaram o Novo Mundo, ao mesmo tempo em que mostrou as defesas elaboradas por personalidades como Clavijero, Benjamin Franklin, Padre Molina e Humboldt, que apontavam para a “[...] benignidade do clima americano, a exuberância de sua natureza, a fartura e a grandeza e a ferocidade de seus animais etc. Recusavam também a imputação de covardia, preguiça, impubescência, fraqueza e inferioridade dos indígenas americanos” (*Ibid.*, p.3).

De acordo com Oliveira, Jorge Cañizares Esguerra em sua obra *Cómo Escribir la Historia del Nuevo Mundo* (2007) contesta os argumentos de Gerbi ampliando sua análise para além dos conteúdos das obras de Buffon, de Pauw e Raynal, ao investigar também “os pressupostos epistemológicos que fundamentavam as ideias desses autores [...]” (*Ibid.*, p.5). Se no século XVI era possível a expressão das maravilhas das Índias Ocidentais, no Setecentos o enaltecimento da natureza era concebido como inverdade ou invenção. Como substituta da representação de uma natureza exuberante e excessiva, houve o “[...] aparecimento de relatos que a detratavam, uma vez uma nova imagem de paisagem ideal também era criada segundo os padrões da história natural do período” (*Ibid.*, p.12).

Em suma, é preciso compreender que com o início da alteração na *epistémê* no final do século XVII, ocorrem mudanças na sensibilidade frente às crônicas escritas até então, determinando novas questões de credibilidade, o que vai automaticamente alterar o modo de conceber a natureza americana, pautadas agora nos novos paradigmas para a história natural. Nesse sentido, diante dessa nova forma de apreender o mundo, haverá a construção de uma

avaliação negativa das crônicas sobre América, já que essas “[...] não correspondiam mais aos critérios de verdade exigidos para se analisar a natureza” (*Ibid.*, p.13). Ou seja, “compreende-se que, para a transformação da representação da natureza e também da leitura das crônicas sobre o Novo Mundo, reabilitando-as, era necessária a alteração dos pressupostos que regiam a produção do conhecimento, ou seja, uma mudança na *epistémê*” (*Ibid.*, grifos do autor).

De acordo com Millones Figueroa e Ledzema (2005, p. 10-11) “El encuentro con una flora y fauna novedosa, y la necesidad para sus fines evangélicos de entender la historia y costumbres de los habitantes de las misiones, fueron para los jesuitas un estímulo intelectual que enriquecía su misión apostólica”. Para que os jesuítas pudessem empreender seus projetos educativos e missionários precisavam conhecer o local e a população com quem iriam estabelecer contato. Nesse sentido, torna-se claro que “Al tempo que los jesuitas refutaban la tesis de la inferioridad natural del Nuevo Mundo, del mismo modo enfatizaban su particular experiencia y control sobre la naturaleza americana y sus habitantes” (*Ibid.*, p. 22). Por meio da produção intelectual jesuítica, conseguimos compreender como se deu a atuação e as experiências vivenciadas por missionários da ordem em diferentes regiões do globo e, ainda, perceber como as teorias vigentes na Europa setecentista influenciam nos seus escritos e observações.

### **3.3 *Hacia Allá Y Para Acá*<sup>18</sup>: entre a experiência americana e o exílio**

A expulsão da Companhia de Jesus da América foi decretada no dia 27 de fevereiro de 1767 pelo rei Carlos III da Espanha. Essa decisão fazia parte de um conjunto de mudanças realizadas pela Coroa espanhola, conhecidas como Reformas Bourbônicas, que visavam aumentar o controle do poder real sobre os domínios coloniais. Oito anos antes, 1759, D. José I, rei de Portugal, já havia expulsado os jesuítas dos domínios portugueses a fim de subordinar o clero ao Estado (Fleck, 2021, p.116). Os jesuítas, além de terem sido acusados de tentar construir um Estado dentro do Estado e, também, de criar intrigas contra o governo espanhol, “eram pouco populares entre as demais ordens religiosas, sendo bastante vulneráveis em função de sua independência e de serem os menos enraizados na sociedade hispano-americana” (Fleck, 2015, p.30).

Os jesuítas do Paraguai, após uma longa e cansativa viagem de volta, aportaram na cidade de Faenza, na Itália, exceto os estrangeiros que regressaram aos seus países de origem,

---

<sup>18</sup> A frase que intitula a obra de Florián Paucke contrasta os sentimentos da ida (*Hacia Allá*) do missionário para as terras americanas, de felicidade e empolgação, com as sensações da volta imposta para a Europa (*Para Acá*), que trazia amargura e tristeza.

como é o caso de Florián Paucke que retornou à Boêmia. De acordo com Carlos A. Page “os jesuítas do norte da Europa tiveram uma visão particular do mundo americano, salientando as culturas originárias e a sua própria experiência missionária. Os seus exílios foram acomodados, pois não tiveram que se transladar aos Estados Pontifícios, mas regressaram aos seus países” (2019, p.406).

Dentre os estrangeiros que estiveram no Paraguai temos: Martin Dobrizhoffer (Frymburk, 1718-Viena, 1791), Tomás Falkner<sup>19</sup> (Manchester, 1707-Plowden-Hall, 1784), Nikola Plantich (Zagreb, 1719-Varaždin, 1777), José Brigniel (Klagenfurt, 1699-Wiener Neustadt, 1773), Bernardo Havestadt (Colónia, 1714-Münster, 1781) e, claro, Florián Paucke (Wiňsko, 1719-Neuhaus, 1779).<sup>20</sup>

Além disso, José Jolis (San Pedro de Torrelló, 1728-Bolonha, 1790) também é um nome importante, já que durante o exílio vai escrever e publicar, em 1789, o primeiro tomo da sua obra sobre a história natural do Gran Chaco. Não obstante, José Sánchez Labrador (La Guardia, 1717-Ravena, 1798) produziu uma obra enciclopédica, que traz aspectos relativos à Botânica, Zoologia, Linguística, Geografia, Etnografia e História do Paraguai. Há também o missionário navarro, Francisco Burgés (Pamplona, 1709 - Faenza, 1777), que “chegou ao Rio da Prata em 1729 e foi o primeiro fundador de uma redução mocovi, dominando amplamente a sua língua, deixando um dicionário incompleto sobre ela” (Page, 2019, p. 422). Antonio José Bustillo (Aloños, 1730-Faenza, 1796) também esteve entre os Mocoví juntamente com Paucke na redução de San Pedro. No exílio, escreveu uma relação sobre esse grupo indígena, publicada posteriormente por Furlong.

A descrição feita por Carlos A. Page sobre Florián Paucke e sua obra é bastante detalhada:

Da atual Polónia provém o missionário Florián Paucke (Wiňsko, 1719-Neuhaus, 1779), que, no momento da expulsão, trabalhava entre os mocovis e, regressando à Baixa Silésia, doou o seu famoso escrito ao mosteiro cisterciense de Zwettl, na Áustria. A sua obra é conhecida pelas suas cerca de 150 notáveis ilustrações, que têm uma correlação temporal com a do seu coetâneo jesuíta de México, o boémio Ignacio Tirsch. Plasma a memória dos lugares, personagens, flora, fauna e acontecimentos mencionados no texto. Os amenos relatos, precisamente, estão cheios de pormenorizadas informações sobre a sua chegada à América e regresso à Europa. Existem várias versões abreviadas, tanto do texto como, inclusivamente, das ilustrações, sendo a primeira a do monge cisterciense Johannes Frast, de 1829,

---

<sup>19</sup> Estudou Física e Matemática com Newton, sendo enviado para a América pela Royal Society de Londres para estudar as propriedades medicinais de plantas e águas. Ao chegar, não só se tornou católico, como ingressou na Companhia de Jesus, realizando múltiplas atividades, entre as quais a exploração da Patagônia, onde descobriu inclusivamente o primeiro fóssil pré-histórico. Regressou à sua pátria em 1771, incorporando a província jesuíta de Inglaterra (PAGE, 2019, p.407).

<sup>20</sup> (PAGE, 2019, p.406-416).

concentrada num extrato muito pequeno. Continuarão a editá-la os jesuítas Andrés Kobler (1870), Agustín Briggmann (1908) e outros mais. Mas foi o padre Furlong quem teve em mãos o original e procurou realizar a sua impressão castelhana, que surgiu em três tomos entre 1942 e 1944, com tradução do não menos meritório Edmundo Wernicke. Esta edição introduziu várias ilustrações coloridas. A extensa obra de Paucke apenas se publicaria na sua língua em 1959, com reproduções nas cores originais, ainda que o texto tenha sido alterado. Só dois tomos, copiados da edição argentina, foram publicados em 1999 e 2000, até à publicação da obra completa em 2010, composta pelas 141 ilustrações, que se conservaram, exceto uns rascunhos em lápis, junto com um CD dos textos da tradução de Wernicke (*Ibid.*, p.407- 408).

Eliane C. D. Fleck<sup>21</sup>, inspirada nas reflexões feitas por Peter Burke na obra *Perdas e ganhos. Exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas (1500-2000)*, discute as consequências do processo de expulsão dos jesuítas do continente americano. Se, por um lado, houve “singulares contribuições dos exilados e expatriados à criação e à disseminação do conhecimento”, por outro, devido às “carreiras interrompidas, os livros que talvez fossem escritos e as contribuições ao saber que poderiam ter ocorrido se não fosse o exílio, ainda que não consigamos calcular essas perdas” (Fleck, 2020, p.115-116 *apud* Burke, 2017, p. 23-24). Burke acredita que os jesuítas vivenciaram dois processos distintos: primeiro foram expatriados (escolheram deixar sua terra natal e se mudar para outro país), e, depois, foram exilados (com a expulsão da ordem da América).

Muitas obras foram produzidas pelos jesuítas durante seu exílio. Teriam eles sido movidos pela nostalgia, pelo tempo livre que dispunham ou pelo pedido de seus superiores? Será que esses missionários teriam escrito os mesmos livros caso a expulsão não tivesse ocorrido? Não temos como dimensionar ao certo o que poderia ter sido se as circunstâncias fossem outras, mas podemos tentar compreender como a escrita desses manuscritos durante o exílio refletiu a conjuntura daquele momento. No caso de Paucke, o missionário deixa bem claro, logo nas primeiras frases do seu manuscrito, os motivos que o levaram a escrever:

Hasta ahora no había tenido ningún impulso para tomar la pluma y dar a conocer a alguien mi viaje a la lejana América; pero después, a causa de las múltiples solicitudes de mis muy estimados y apreciados favorecedores, me he dejado animar a acceder a su pedido dentro de mis posibles y darles a conocer tanto mi viaje hecho por el Mar Mediterráneo y el Mar Grande [Océano Atlántico] como también por tierra en América Occidental hacia las provincias de Buenos Aires, Tucumán y Paraguay, pero principalmente para relatarles mi actitud durante diez y ocho años en las reducciones recién establecidas hacia el norte, junto con el retorno desde estos

---

<sup>21</sup> FLECK, Eliane D. El Paraguay Natural Ilustrado, de José Sánchez Labrados SJ: entre la experiencia americana y el exilio. In: Sociedades em movimento: Os impérios ibéricos e as reformas ilustradas (XVIII-XIX). Org: Marcia Amantino, Enrique Normando Cruz e Luisa Consuelo Soler Lizarazo. San Salvador de Jujuy: Editorial de la Universidad Nacional de Jujuy - EDIUNJU, 2020. 324p. 115-137.

países a España [y] desde ahí por el Mar del Norte hacia Holanda (Paucke, [1774], 2010, p.9, grifos nossos).

A obra de Paucke retrata desde sua partida da Europa, no ano de 1748, para a Província do Paraguai, até o seu retorno ao continente europeu no ano de 1769. Como já informado, a obra está dividida em seis partes, nas quais são descritos aspectos sobre a sua estadia entre os Mocoví, seu trabalho, o processo de evangelização, bem como características relacionadas ao ambiente natural do Gran Chaco. É na quinta parte do seu manuscrito, intitulada *Los Jesuitas expulsados de Paracuaria*, que Paucke dedica sete capítulos para descrever as dificuldades e a tristeza do regresso à Europa diante de um futuro cheio de incertezas.

Assim que o missionário ficou sabendo sobre a possibilidade da expulsão dos padres, tratou logo de convocar os seus caciques para lhes dizer:

Hijos míos; en caso fuera cierto que también nosotros debemos partir del lado de vosotros, no vais abandonarme de ningún modo antes del tempo; esperad aquí conmigo hasta que el asunto se produzca. Si también nosotros debemos partir, os aseguro que recibiréis algún otro Pater que cuidará de vosotros; permaneced aún a mi lado y no me hagáis tan difícil la despedida (Paucke, [1774], 2010, p.462).

Outras passagens mostram que ele questionava o motivo dessa decisão:

Nos era imposible creer que el rey así no más no tendría en cuenta cordialmente la espantosa pérdida de muchos miles y miles de almas, el gran peligro que se ocasionaría en Chile, en Perú como también en la misma Paracuaria para ejercer el comercio, las grandes rentas que por ello se perderían para el rey. Pero Dios cuyas disposiciones son inescrutables ha permitido sin embargo que tuvimos que salir sin esperanza alguna de un retorno (*Ibid.*, p.467).

Yo no puedo imaginarme que vuestro Rey haya ordenado esto de despojar de nuestros padres a nosotros infelices, mucho menos que nosotros ya no debemos hablar con ellos. Vosotros mismos lo habéis urdido tal vez entre vosotros; vuestra picardía que habéis mostrado contra nosotros y nuestros padres y aún queréis demostrar, es toda la causa que este mal ha venido tan inesperadamente sobre nosotros (*Ibid.*, p.475).

¿Cuál fue el motivo? No lo conocían ni ellos ni nosotros, mucho menos los que los habían hecho detener en esta forma; nosotros encontrábamos que sólo era una pura engañifa y que ésta se hacía para que en la ciudad supieren que algunos jesuitas estaban en arresto en el cuarto y por ello estaban guardados bajo doble guardia para que pudiera imaginarse ser reos de un gran crimen (*Ibid.*, p.482).

A escrita de Paucke, ao se inserir no contexto da escrita de exílio, teve a memória como a matriz da sua narrativa, isso porque os missionários, ao saírem dos territórios coloniais, teriam deixado tudo que era de sua propriedade. Em seu próprio manuscrito Paucke afirma: “[...] tuvimos que mostrar y entregarles todos los papeles que teníamos en el bolsillo. Tuvimos que entregarles todas las plumas y tintas, hasta las señas de nuestros breviarios sobre las cuales había algo escrito” (*Ibid.*, p.482). Considerando tal situação, Justo e Zubizarreta (2017, p.199)

afirmam que, de fato, “A los jesuitas expulsados no se les permitió llevar ningún escrito, por lo que es difícil determinar cómo fue el proceso de producción de sus obras y, en especial, de su numerosa producción iconográfica”. De acordo com Silva (2019, p.15),

A Paucke foi conferido, por seus superiores hierárquicos, o dever de não esquecer e fazer de suas memórias uma afirmação de unicidade dos processos civilizatórios prestados à coroa espanhola pela Ordem Jesuítica. Ele foi assim imbuído do dever moral da memória, a fim de fazer “justiça” aos trabalhos desenvolvidos pela Companhia de Jesus. As imposições retóricas da escrita de Paucke, presentes também em outros relatos jesuíticos, forneceu legibilidade ao seu texto e visibilidade aos eventos que narrou, por vezes em detrimento da complexidade e da opacidade do passado vivido por ele. Esse passado foi relatado de um modo pacífico, sem cólera, por mais doloroso que tenha sido para ele. Paucke assumiu o dever de não esquecer o passado vivido entre os mocoví exaltando sempre o trabalho missionário realizado por ele e seus colegas.

Além disso, Felipe e Paz (2019) definem a escrita dos jesuítas com sendo uma “escrita afetada”, já que os seus relatos “[...] são a consequência escrita da perturbação que a presença e a atuação dos índios exerceram sobre quem registrou”; logo “aqueles escritos tendem a revelar muito mais sobre as noções, conceitos, ideias, desejos e intenções de quem escreveu do que de quem foi descrito”. Nessa perspectiva, a escrita de Paucke reflete e evidencia sua postura frente ao que ele observou e tentou classificar estando inserido num contexto de renovação do conhecimento e da ciência que caracterizaram o século XVIII. Os pontos tratados durante esse capítulo são fundamentais para a análise que faremos na sequência, isso porque nos ajudarão na compreensão de como se deu a observação e classificação da natureza chaquenha por esse jesuíta.

#### 4 A NATUREZA DO GRAN CHACO NA OBRA DE FLORIÁN PAUCKE

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos ao leitor o jesuíta Florián Paucke. Oriundo da Europa Central, ele foi missionário junto aos Mocoví por um longo período (1749 até 1767), que se encerrou apenas com a expulsão da sua Ordem de todos os territórios da monarquia espanhola, pelo rei Carlos III. Na sequência, no capítulo dois, fizemos uma análise acerca da tradição de escrita característica da Companhia de Jesus, bem como dessa escrita jesuíta relativa à práxis do século XVIII, perpassando pela chamada Polêmica do Novo Mundo e Ilustração Católica. Tratamos, também, sobre a experiência do exílio vivenciada pelos missionários após a expulsão da Companhia de Jesus em 1767.

Sendo assim, ao longo deste terceiro capítulo, iremos analisar quais as percepções/representações da natureza chaquenha do século XVIII, bem como os usos que dela poderiam ser feitos, presentes na sexta e última parte da obra *Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios Mocobíes 1749-1767*. Para isso, faremos um estudo da classificação e das categorias criadas pelo jesuíta para tratar sobre a natureza desse local, bem como das relações entre os conhecimentos europeus e os conhecimentos indígenas dessa região, a fim de compreender como essas descrições se relacionam com os saberes científicos em voga nesse período.

Também serão sistematizadas as concepções de Paucke sobre os aspectos naturais da região em que ele esteve inserido, trazendo os principais pontos descritos em cada um dos vinte e quatro capítulos que compõem a sexta parte do seu manuscrito. Iremos perceber que suas descrições são feitas em defesa do mundo natural americano e suas potencialidades e, por outro lado, se contrapõem à interpretação científica europeia em voga no Setecentos, disseminada pelo Conde de Buffon entre outros representantes do pensamento ilustrado, que detravam a natureza do Novo Mundo.

Como dissemos no capítulo anterior, *Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios Mocobíes 1749-1767* se notabiliza, também, pelo rico conjunto de ilustrações que apresenta. Cerca de 70% das aquarelas de Florián Paucke ilustram a natureza chaquenha, caracterizada na última parte da sua obra. Nesse sentido, iremos pensar essa produção iconográfica a partir da perspectiva fornecida pelo conceito de representação, de Roger Chartier. Por representação, Chartier (1990) entende o modo como os indivíduos constroem intelectualmente seus mundos, sua realidade circundante, sendo que essa construção não é inocente, mas algo intencional e ligada a necessidades concretas. Nesse sentido, as aquarelas de Paucke não são um conjunto de imagens neutras, mas, sim, uma representação do mundo em que estava inserido construída

a partir das suas visões; logo, o debate com os ilustrados desse período pode ser pensado como ocorrendo dentro de um campo de “lutas de representações”.

#### **4.1 *Descripcion del Gran Chaco en Paracuaria***

Na sexta e última parte, intitulada *Descripcion del Gran Chaco en Paracuaria*, Paucke finaliza o relato descrevendo detalhadamente os aspectos naturais da região chaqueña. De acordo com Silva (2019, p.66-67),

Paucke mostrou ser em sua narrativa um pesquisador, amante das ciências naturais. Relatou sobre o rio Paraná, o rio da Prata, o espaço geográfico, e solo que compunha o Chaco. Os tipos de plantas que descreveu e desenhou: as terrestres, as silvestres. O jesuíta também descreveu e pintou as plantas comestíveis, as medicinais, as plantas que se encontravam nos campos, nas selvas e os frutos que ele encontrou no Chaco. Descreveu o clima, os ventos e as tormentas que o assustaram tanto. Quanto à fauna, criou uma série de ilustrações e um texto verbal rico em detalhes: os peixes, os répteis, os porcos, os animais de caça, as aves como a ema, que ele chamou de avestruz, e os louros.

Essas descrições e representações feitas pelo jesuíta foram resultado de observações intencionais. Segundo Capozzi (2021, p.166), “O ato de olhar, ou mesmo provar, escutar e cheirar os elementos dessas ‘novas’ naturezas também servia para dar sentido às suas qualidades, além de demonstrar de que maneira elas se encaixariam na explicação cristã e europeia do mundo pré-estabelecida”. Nesse sentido, a escrita de Paucke, sobretudo ao longo da sexta parte do seu relato, elaborado em defesa do mundo natural americano e suas potencialidades, além de se contrapor às interpretações científicas europeias em voga no Setecentos, que detratavam a natureza do Novo Mundo, evidencia a adequação da prática jesuítica aos pressupostos do século das luzes a partir do que se convencionou chamar como Ilustração Católica, questão abordada no capítulo anterior.

Somados aos registros textuais, as aquarelas produzidas pelo jesuíta foram essenciais para a construção de uma espécie de inventário da natureza chaqueña do século XVIII e, também, para a própria classificação desse ambiente natural. Foram poucos os missionários que acrescentaram aos seus escritos desenhos/pinturas, e os que o fizeram não justificam o motivo. No entanto, acreditamos que o uso de imagens fornecia mais credibilidade àquilo que estava sendo narrado, afinal se tratava de uma outra forma de testemunho ocular aas experiências vivenciadas e observadas pelo missionário. Nesse sentido, as representações do jesuíta retratam as suas impressões por meio de imagens, pelo sentido da visão e, também, pelas descrições textuais; desta forma, as sensações experimentadas poderiam ser vividas de algum modo pelo seu leitor por meio das suas descrições e ilustrações.



Como vimos no capítulo anterior, uma das contribuições mais importantes com relação à compreensão do mundo natural, no contexto de renovação epistemológica que caracterizou o século XVIII, adveio de George Louis-Leclerc (1707-1788), mais conhecido como Conde de Buffon, a quem foi entregue o tema das Ciências Naturais na *Encyclopédie*<sup>22</sup>. De acordo com Conceição (2016, p.147), a tendência filosófica setecentista estava “em buscar na natureza, através do experimentalismo, explicações para compreender o funcionamento do universo”.

Os jesuítas, ao virem para os territórios ultramarinos das monarquias ibéricas, tiveram que dar conta de um universo totalmente novo, de um “Novo Mundo”, com seus aspectos naturais e culturais inéditos. De acordo com Ásua (2018, p.54) “esse ‘falar de’, esse discurso, que em grande medida estava relacionado com o mundo natural (ainda que também houve um aspecto histórico e cultural, que é a outra metade deste discurso) é o que os jesuítas criaram: uma nova forma de falar sobre algo não visto”.

O século XVIII foi um período de grande difusão da História Natural por conta, também, de uma fomentação de viagens de reconhecimento dos novos territórios colonizados ou por colonizar<sup>23</sup>. No entanto, segundo Campos (2010, p. 1646), “a grande divulgação e popularidade que os mais variados livros sobre a natureza alcançaram, no século XVIII, não são comparáveis à popularidade que a obra *Histoire Naturelle*<sup>24</sup> do Conde Buffon obteve”. Além disso, é importante destacar que Buffon tecia críticas duras à Lineu, isso porque enquanto “os lineanos enfatizavam os procedimentos da taxonomia como facilitador da identificação, ele e a escola francesa enfatizavam o entendimento das diversidades naturais” (*Ibid.*).

---

<sup>22</sup> De acordo com Miguel de Asúa as obras dos jesuítas “Não são escritos ‘científicos’ para os parâmetros do século XVIII – a história natural desse século era a de Lineu e Buffon, e os jesuítas de nossas regiões não a usavam, e ainda mais, não queriam usá-la. Algum deles, inclusive, afirmam que o que eles fizeram não é história natural, mas um relato em linguagem cotidiana acerca das plantas que trouxeram e dos idiomas que conheceram. ASÚA, Miguel. A história natural e da ciência como valor missionário. *IHU – On-Line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, RS, ano XVIII, edição 530, p.54, out.2018.

<sup>23</sup> Na América Espanhola, a vinda de estrangeiros para estas viagens esteve praticamente proibida, com exceção da viagem de La Condamine, 1735-1745, e seu grupo que foi cuidadosamente acompanhado de dois militares espanhóis Jorge Juan y Santacília e Antonio de Ulloa (Martins, 2012). La Condamine foi enviado à América do Sul com outros membros da Academia das Ciências para resolver um dos maiores debates científicos do século XVIII: a forma do globo terrestre. De acordo com Neil Safier (2009, p.94) La Condamine “apoiou-se no conhecimento local e na assistência material de crioulos, jesuítas, ameríndios e escravos de origem africana. Mas, para dar a coerência e a autoridade de testemunha de primeira mão com as quais ele esperava impressionar os seus superiores na Academia das Ciências, suprimiu várias das fontes que utilizou e escondeu muito da ajuda recebida”.

<sup>24</sup> Buffon, em sua obra, não poupou críticas aos naturalistas da época, particularmente direcionadas ao sistemata sueco Carl von Lineu (1707-1778). A proposta do Conde de Buffon, em seu discurso inicial, era utilizar um método de classificação natural em defesa dos princípios de continuidade e de afinidade entre as espécies. Seu método estava em franca oposição ao método artificial proposto por Lineu, que se caracterizava pela descontinuidade e era muito bem aceito, diga-se de passagem, pelos pesquisadores da nascente ciência iluminista. Dentro de suas classificações levou em consideração a ideia de continuidade e de afinidade, com ênfase no histórico material das espécies, diferentemente de Lineu que tinha, dentro do seu método de classificação, a descontinuidade e a compreensão morfológica como aspecto principal para a taxonomia (Campos, 2010).

No entanto, as considerações e disputas teóricas de Buffon não se limitaram à natureza europeia, já que ele também trata sobre o ambiente natural dos domínios coloniais situados no Novo Mundo, afirmando que as espécies animais do Velho Mundo e a das Américas eram diferentes. Não só diferentes, mas, em alguns aspectos, as americanas seriam inferiores ou débeis. A teoria da inferioridade de Buffon foi justamente a que se tornou mais popular. Segundo Campos (2010, p. 1649-1650),

Em 1761, no volume IX de sua *Histoire Naturelle*, o Conde de Buffon estudou as espécies comuns ou semelhantes entre o Velho e o Novo Mundo. Chega, pois, a conclusão que os mamíferos originam-se [sic] de um único centro de dispersão situado no Velho Mundo, mais precisamente a Europa. Depois de detido exame das espécies conclui que, graças a um processo de degeneração, as espécies do Velho Mundo transformaram-se naquilo que é encontrado no Novo. Referindo-se a inerente inferioridade das Américas desfila, comparativamente, todos os animais do Velho e Novo Mundo; compara-os e conclui, sempre, pela debilidade dos animais da América. Afirma que no continente americano não encontraremos o grande rinoceronte ou o elefante, entre os felinos nenhum ostenta a juba e a força de um leão. Os animais da América são até, dez vezes, menores que os animais do Velho Mundo. O Conde de Buffon considera que, no Novo Mundo, existem alguns impedimentos ao crescimento da natureza viva. Qualquer animal que se transporte para a América irá, invariavelmente, se tornar menor e, aqueles que são comuns aos dois mundos, como os lobos, as raposas e os cervos, seguramente são muito menores que os pertencentes à Europa. O julgamento negativo que o naturalista aplica aos mamíferos quadrúpedes da América é repentinamente direcionado ao nativo americano. Acusados de selvagens débeis, pequenos nos órgãos de reprodução, sem ardor pela sua fêmea e de não domesticarem a natureza hostil em seu benefício, os nativos da América, no julgamento de Buffon, não diferiam das demais criaturas.

A visão depreciativa acerca do Novo Mundo esteve presente nas crônicas de religiosos e nas descrições de viajantes e naturalistas desde as primeiras incursões à América. No entanto, “obviamente que o Conde de Buffon não foi um mero continuador desta tradição teórica, suas conjecturas, acerca da degenerescência, eram sofisticadas o suficiente para alcançar o patamar de novo paradigma no que se referia a origem e dispersão das espécies do Novo Mundo” (*Ibid.*, p. 1651).

No ano de 1766, no volume XIV da sua grande obra *Histoire Naturelle*, o Conde de Buffon publicou o artigo *Dégénération des animaux*, ocupando-se da origem da fauna americana. Nesse âmbito, apresentou a teoria de que o continente sul americano esteve, no passado, unido ao continente africano, formando um único supercontinente.

O pensamento ilustrado do século XVIII influenciou na construção de trabalhos de catalogação, descrição e classificação do mundo natural. Todavia, diante da teoria de degenerescência do Mundo Novo, proposta por Buffon, mesmo sem nunca ter estado em terras americanas, alterou a credibilidade das crônicas escritas sobre a natureza desse lugar. Nesse

sentido, por meio da obra de Paucke, é possível ter uma ideia de como o debate ilustrado de inferioridade da América foi assimilado pelos inicianos. Por meio das suas descrições e representações o missionário busca mostrar em detalhes o quanto o “Gran Chaco” era rico em diversidade. A fim de visualizar a divisão e classificação da natureza do Chaco feita por Florián Paucke, compartilhamos a tabela abaixo com os títulos dos capítulos que compõem a sexta parte do seu relato:

Tabela 1 – Capítulos Sexta Parte da obra de Florián Paucke – *Descripcion del gran chaco em Paracuaria*

Cap. I – Del gran río Paraná y del Silberfluss [Río de la Plata]
Cap. II – De la calidad del terreno en el valle Chaco
Cap. III – De las hierbas que son comestibles o medicinales
Cap. IV – De las plantas terrestres y raíces [tubérculos]
Cap. V – De las frutas terrestres que crecen de por sí en la tierra terrestre
Cap. VI – De las plantas de bosques y de campo que dan frutos
Cap. VII – De otras plantas terrestres en el Paraguay
Cap. VIII – De los árboles frutales y de las plantas que se encuentran en Paracuaria al igual de Europa
Cap. IX – De los árboles que se encuentran desde el comienzo del valle Chaco de sus frutos, su uso y utilidad
Cap. X – De los árboles de selva que se encuentran en este valle hacia más allá al Norte
Cap. XI – De las palmeras y sus clases que yo he visto
Cap. XII – Del clima, vientos y tormentas en el Paraguay
Cap. XIII – De los animales que viven parcialmente en el agua, parcialmente sobre la tierra
Cap. XIV – De otros animales daninhos, serpientes y víboras en las aguas
Cap. XV – De aves y otra volatería que viven sobre y al lado de las aguas
Cap. XVI – De otras aves que se encuentran en los ríos y otras aguas
Cap. XVII – De las aves de rapiña en el país
Cap. XVIII – De otras aves de bosques y campos
Cap. XIX – De los loros, del ave tunca [tucán] y los avestruces
Cap. XX – De la volatería casera [europea]
Cap. XXI – De los animales silvestres que viven en este valle Gran Chaco
Cap. XXII – De otros animales de caza
Cap. XXIII – De los puercos monteses
Cap. XXIV – De la sabandija reptante

As informações sobre a natureza do Chaco divulgadas no manuscrito certamente tiveram contribuições dos nativos, que auxiliaram o europeu na compreensão desse novo ambiente. No livro “Representações da Fauna no Brasil, séculos XVI-XX”, Lorelai Kury (1969, p.175) afirma que,

As vozes da natureza dizem muito a respeito da vida, do movimento, da dinâmica de cada lugar e de cada circunstância [...]. Os sentidos aperfeiçoados dos índios eram capazes de perceber o que acontecia em torno. Provavelmente, os europeus passavam muitas vezes ao largo da atividade das plantas e dos animais que os cercavam. Sem a cooperação de guias e habitantes locais, as vozes da floresta permaneceriam ruídos sem sentido [...].

De acordo com Capozzi (2021, p.159), “[...] o contato com novas formas de vida e conjuntos naturais foram experiências que atravessaram tanto o olhar e os relatos dos missionários, exploradores, cronistas e viajantes que estiveram nas terras do Novo Mundo, quanto a forma de conhecer e estudar as especificidades naturais de cada um desses territórios”. Nesse sentido, percebemos que, ao longo dos capítulos da sexta parte da obra de Paucke, aspectos relacionados à hidrografia, relevo, clima, fauna e flora são explorados. Entretanto, notamos que o missionário constrói subdivisões autorais para dar conta da diversidade apresentada nessa natureza. Sendo assim, o jesuíta descreve as ervas comestíveis e medicinais; as plantas terrestres e dos bosques; as árvores frutíferas e as selvagens; as classes de palmeiras; os animais que vivem na água e na terra; os animais peçonhentos; as aves dos bosques, do campo e de rapina; os papagaios, tucanos e emas; as cobras, os porcos e outros animais de caça.

Essa constatação inicial nos permite compreender como o jesuíta criou suas classificações para poder descrever a natureza da região em que estava missionando. Seguindo essa linha de raciocínio, no próximo subcapítulo iremos construir um breve panorama de como essa natureza é, de fato, percebida, e como seus usos são descritos, a partir de cada um dos capítulos que compõem a última parte do seu relato. A ideia não é esgotar as possibilidades de análise existentes em cada um desses capítulos, mas trazer uma visão geral de como o missionário organizou e sistematizou os conhecimentos acerca do mundo natural do “Gran Chaco” do Setecentos.

#### **4.2 Percepções e usos que poderiam ser feitos da natureza do Chaco**

Em seu livro “O homem e o mundo natural – mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)”, Keith Thomas discute o predomínio do homem sobre o mundo animal e vegetal a partir da visão antropocêntrica de mundo, baseada nos fundamentos

teológicos. Segundo Thomas, “a teologia da época fornecia os alicerces morais para esse predomínio do homem sobre a natureza, que tinha se tornado, em inícios do período moderno, um propósito amplamente reconhecido da atividade humana” (2010, p.29). Não obstante, o autor coloca que “[...] é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas” (*Ibid.*, p. 20).

Portanto, a motivação que teria impulsionado o estudo da história natural, “foi de teor prático e utilitário. A botânica nasceu como uma tentativa de identificar os ‘usos e virtudes’ das plantas, essencialmente para a medicina, mas também para a culinária e a manufatura. [...] Também eram de ordem prática as intenções da zoologia” (*Ibid.*, p.35-36). Nessa perspectiva, “Ao traçar uma sólida linha divisória entre o homem e os animais, o principal propósito dos pensadores do início do período moderno era justificar a caça, a domesticação, o hábito de comer carne, a vivisseção [...] e o extermínio sistemático de animais nocivos ou predadores” (*Ibid.*, p. 55).

Ao longo deste subcapítulo, iremos retratar brevemente de que forma Paucke, inserido no contexto das concepções descritas acima, sistematizou os conhecimentos sobre o mundo natural chaquenho por meio dos capítulos que compõem a última parte da sua obra. As classificações por ele construídas, bem como a opção por pensar na utilidade de cada elemento natural, seja ele da flora ou da fauna, evidenciam aspectos característicos desse período da história. Sendo assim, iremos apresentar, neste primeiro momento, os capítulos em que Paucke descreve a flora do Gran Chaco, evidenciando a diversidade de árvores e plantas existentes.

No capítulo III, *De las hierbas que son comestibles o medicinales*, o religioso descreveu sobre diversas “hierbas”, sendo elas: cana, cebola, alho, salsão, sálvia, pimenta, entre muitas outras ilustradas na figura 5. Algo interessante a se destacar é a seguinte passagem: “En el contorno de mi reducción se halla una raíz para curar las heridas frescas como también la planta que crece de esa raíz; se llama por los españoles Hierba o Yerba Guacurú, esto es Guaicurus Kraut<sup>25</sup>” (*Ibid.*, p.553). Nela conseguimos perceber como Paucke buscou construir suas descrições evidenciando os usos que determinada erva possuía e, também, adicionando o seu nome vernáculo, o que confirma o diálogo constante que ele teria com os indígenas Mocoví.

---

<sup>25</sup> A palavra “kraut” é alemã e significa erva. A utilização de uma palavra do seu país de origem evidencia, também, a preocupação com um leitor de fala alemã, outro ponto interessante de ser analisado.

Figura 5 – Ervas comestíveis e medicinais (Lâmina XLV)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocabíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

No capítulo IV, *De las plantas terrestres y raíces [tubérculos]*, o missionário escreve sobre diversas plantas que ele só conhece através da denominação indígena, por exemplo “*Ebagyole* es una pequeña raíz blanca, no tan grande como un rabanillo pero muy semejante a él; tiene un sabor dulce y me servía comúnmente para ensalada” (*Ibid.*, p.555, grifos do autor). Boa parte desse capítulo é dedicada para registrar sobre outra planta, a mandioca, domesticada pelos nativos das terras baixas americanas:

propia del país y ahora se planta con ahínco en campos y jardines, es mandioca, la cual habría sido indicada a los indios por el santo apóstol Tomás para comidas al igual que la yerba o té de paracuaria para bebida. Estas raíces se cultivan amplia y bastamente en Paracuaria y especialmente los portugueses en el Brasil se aplican a plantarla abundantemente; ella es una excelente comida para las gentes y se usa y prepara de diversas maneras (*Ibid.*).

Além desta, o jesuíta aponta características de outras classes de raízes, como as batatas e, segundo ele, “Hay dos clases diferentes en Paracuaria; redondas y también alargadas; las redondas tienen una cascarita colorada o rojo violácea, pero las alargadas una pardo amarilla” (*Ibid.*, p.556-557). Paucke fala também sobre o amendoim, afirmando que “se hace también buen aceite de ellos” (*Ibid.*).

No capítulo IV, *De las frutas terrestres que crecen de por sí en la tierra silvestre*, o jesuíta inicia escrevendo sobre os porongos: “Los *pluzer*, que los españoles llaman *porongos* [y] los mocovíes *Capaga*, existen en Paracuaria en muchas clases de diferente tamaño, figura y uso. Ellos no son comibles porque saben muy amargos, también porque algunos por venenosos son nocivos al hombre” (*Ibid.*, p.559, grifos do autor). A figura 6 ilustra esses diferentes tipos de porongos encontrados no Chaco, com dimensões, formatos e cores que os caracterizam.

Figura 6 – Tipos de porongos encontrados no Chaco (Lâmina XLVIII)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. *Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocovíes, 1749-1767*. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

Ainda nesse capítulo, Paucke explora as diferentes classes de abóbora e melão, que de acordo com ele “[...] son muy harinosas, dulces y agradables de comer si primero se asan” (*Ibid.*, p.559). Por meio da sua aquarela (figura 7), conseguimos ter uma dimensão da diversidade das espécies existentes no território chaquenho. Só esse aspecto renderia uma boa análise, isso porque Paucke cita cada uma delas, evidenciando suas semelhanças e diferenças.

Ao longo do capítulo VI, *De las plantas de bosques y de campo que dan frutos*, o jesuíta descreve cinco espécies de *higueras indias*, chamada pelos indígenas de *Dayamic*, *Decobie*, *Amapic*, *Etuginiguiló* ou *Coile*, de acordo com a sua classe. Paucke informa que “La fruta es muy desemejante a los otros higos; las hojas tienen un ancho de dos o uno y medio jemes, un largo de dos cuartos de vara y aun más, [y] el grueso de un dedo meñique. Ellas tienen tanto en





Figura 8 – *Higueras Indias* (Lâmina LII)

FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

No capítulo VII, *De otras plantas terrestres en el Paraguay*, o missionário apresenta duas classes de algodão: uma branca e a outra parda clara. De acordo com ele, “[...] la semilla de algodón de América fuera notablemente más grande que la que se halla entre el algodón de Turquía” (*Ibid.*, p.574), afirmação que contraria as ideias de inferioridade propagadas por Buffon. O jesuíta descreve o cultivo, os cuidados, o crescimento e a colheita dessa planta, e também cita as principais características do milho, do arroz e da produção de vinho.

Ao longo do capítulo VIII, *De los árboles frutales y de las plantas que se encuentran em Paracuaria al igual de Europa*, Paucke escreve sobre os limões, limas, laranjas, maçãs, pêsegos, romãs e figos. O jesuíta afirma que “[...] se plantan árboles de olivas u olivos en Paracuaria y ellos dan fruta abundante” (*Ibid.*, p.585). Também descreve o comércio existente entre Paracuaria e Chile, sendo que

Los que quieren pasar desde Paracuaria a Chile o comerciar para allá, deben trasmontar forzosamente la cordillera o la alta sierra grande y extensa por cuya causa los carros de carga paracuarios viajan con sus mercaderías sólo hasta Mendoza las que luego se colocan sobre los mulares y se llevan a través de la sierra (*Ibid.*, p.591).

No capítulo IX, *De los árboles que se encuentran desde el comienzo del valle Chaco de sus frutos, su uso y utilidade*, o jesuíta expõe as características das classes de alfarroba, chamadas de *espinillo* pelos indígenas, sendo que “Cuando esta algarroba madura, se hace la

cosecha que las indias con sus hijas realizan completamente solas; entonces cabalgan a los bosques todas las mujeres con sus hijas con grandes bolsas hechas de cuero de puercos monteses, juntan esta fruta y la transportan a su reducción” (Paucke [1774], 2010, p.593). Além disso, o missionário escreve que “Los indios hacen de esta fruta también una bebida embriagadora; por esto mientras tienen una provisión de esta fruta no cesan de beber en demasía; terminan de dormir una borrachera [cuando] ya beben para otra” (*Ibid.*, p.596). Ainda, Paucke descreve as características e utilidades de uma série de outras árvores que ele só conhece pela denominação vernácula, as quais iremos explorar ao longo do último capítulo deste trabalho.

No capítulo seguinte, intitulado *De los árboles de selva que se encuentran en este valle hacia más allá al Norte*, o jesuíta apresenta inúmeras árvores, sendo elas: guajacán (*uanalieaic* em Mocoví); quebracho vermelho (possui madeira roxa); quebracho branco (possui madeira branca e rosada); mora (possui madeira laranja); espinho da coroa (*nouvetic* em Mocoví); *vavacaic* (possui madeira amarela); lanza (madeira usada para fazer lanças); palo borracho “[...] los indios abaten de buen grado este árbol para hacer de él una artesa dentro de la cual dejan fermentar sus bebidas embriagantes, y a la que emplean como um napé” (*Ibid.*, p.612); lapacho (*enedagangat* laté em Mocoví); bitiribi; *netagguic* (possui madeira azul escura); cedros (possui madeira roxa escura); *ybirapigtá*; cebil; *acite* “[...] los indios la corteza, la machacan cuando está seca, ablandan en orina y pintan em particular los cuentos de nutrias, las cuales unen cosiéndolas para mantas y pellizas enteras” (*Ibid.*, p.622).

Além disso, o missionário fala de “Un árbol, diferente y muy medicinal es el que los españoles llaman *Palo santo*, los boticarios *lignum sanctum*, pero los indios *Enedagangat*. La madera es de color oliva, de olor balsámico como ya se sabrá. Los indios hacen de ella vasijas de beber en las que la bebida tiene muy agradable sabor” (*Ibid.*, p.613). Nessa passagem, é interessante perceber que Paucke traz as diferentes denominações de uma mesma planta, destacando, no entanto, a utilidade que ela teria para os indígenas Mocoví.

No capítulo XI, *De las palmeras y sus clases que yo he visto*, Paucke afirma que “Hay sólo cuatro clases de las que yo sé y he visto. Las dos clases más útiles son las que los mocovíes llaman *Atiavic* y *Atiavic laté*, la primera para la construcción, la segunda para el consumo de sus cocos” (*Ibid.*, p.623). Por meio da figura 9, conseguimos vislumbrar as palmeiras caracterizadas pelo missionário ao longo deste capítulo.

Figura 9 – Tipos de palmeiras (Lâmina LXI)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

Como pudemos ver, ao analisar os aspectos da flora, Paucke constrói sua escrita evidenciando as diferentes classes de uma mesma planta, destacando suas semelhanças e diferenças. Descreve, também, de que forma ocorre o seu plantio e quais são cuidados necessários para que o desenvolvimento ocorra. Ainda, apresenta os possíveis usos que podem ser feitos de cada planta, sejam eles comestíveis, medicinais ou artesanais, e estabelece relações com aspectos da flora europeia.

As análises realizadas até aqui permitiram constatar que, de fato, ao longo do século XVIII, os membros da Companhia de Jesus procuraram abandonar “los argumentos de la naturaleza maravillosa, llena de portentos y señales, escenario de la lucha contra el demonio, para iniciar la formulación de un pensamiento ilustrado y crear así sus propias nociones etnográficas y científicas del mundo americano” (Millones Figueroa; Ledzema, 2005, p.22). Nessa perspectiva, os jesuítas se opunham ao conhecimento sobre o Novo Mundo produzido na Europa por parte de alguns ilustrados, que “carecía del fundamento de la observación y de la experiencia, acentuada por ellos en sus obras” (*Ibid.*). Ou seja, ao mesmo tempo em que os jesuítas buscavam refutar as teses de inferioridade natural do Novo Mundo, conseguiam ressaltar as suas experiências particulares de “conocimiento y control sobre la naturaleza americana y sus habitantes” (*Ibid.*).

Com relação aos aspectos da fauna chaquenha, eles são explorados do capítulo XIII ao XXIV, os quais serão analisados a partir de agora. No capítulo XIII, *De los animales que viven parcialmente en el agua, parcialmente sobre la tierra*, Paucke começa afirmando que “[...] me ha gustado siempre lo más el *Seewolf* [lobo de mar]. Los españoles lo llaman *lobo marino* pero los mocovíes *Enelquiagae*” ([1774], 2010, p.631, grifos do autor). Sobre esse animal, o missionário explora aspectos da sua forma e cor, da sua vida noturna e dos usos da sua pele. Também são descritas características sobre capivaras, lontras e focas.

Ao longo do capítulo XIV, *De otros animales dañinos, serpientes y víboras en las aguas*, o missionário descreve aspectos sobre os crocodilos e as serpentes aquáticas. Com relação aos primeiros, coloca, ironicamente, que

Se dice que cuando los cocodrilos han matado un ser humano, lloran al muerto; si se quiere dar crédito a mi experiencia, puedo decir en verdad que jamás he visto llorar ni reír un cocodrilo ni he tenido una noticia referente a ello en Las Indias. De tal lloro parece provenir el refrán: *Crocodili lacrymae*. Lágrimas de cocodrilo que son más propias a las mujeres que a los cocodrilos. El refrán quiere significar: lágrimas falsas (*Ibid.*, p.639).

Já no capítulo XV, *De aves y otra volatería que viven sobre y al lado de las aguas*, Paucke afirma que “La gran cantidad y diversidad de las aves anatídeas que viven cerca de mi reducción en las aguas existentes en el contorno no me habría sido tan pronto digna de crédito si yo no tuviera un propio conocimiento de ellas” (*Ibid.*, p.641, grifos nossos)<sup>27</sup>. Essa abundância de patos e aves torna-se explícita em uma de suas aquarelas (figura 10), nela, o jesuíta ilustra as diferentes classes de patos que ele conheceu (*Dacavi*; *Bilili*; *Dalim*; *Juanás*; *Ogagni*) e, também, as classes de gansos (*Naquetetac*; *Natacole*).

No capítulo XVI, *De otras aves que se encuentran en los ríos y otras aguas*, o missionário descreve acerca de aves bonitas e grandes que, na sua opinião, possuíam cores de destaque. Paucke afirma que haviam três classes de cegonhas e muitas classes de garças (*atigmaec*) “grandes y chicas, de plumas grises y blancas, iguales en la figura a las europeas; [son] de largos picos, de largos pescuezos y patas y de carne flaca” (*Ibid.*, p.647).

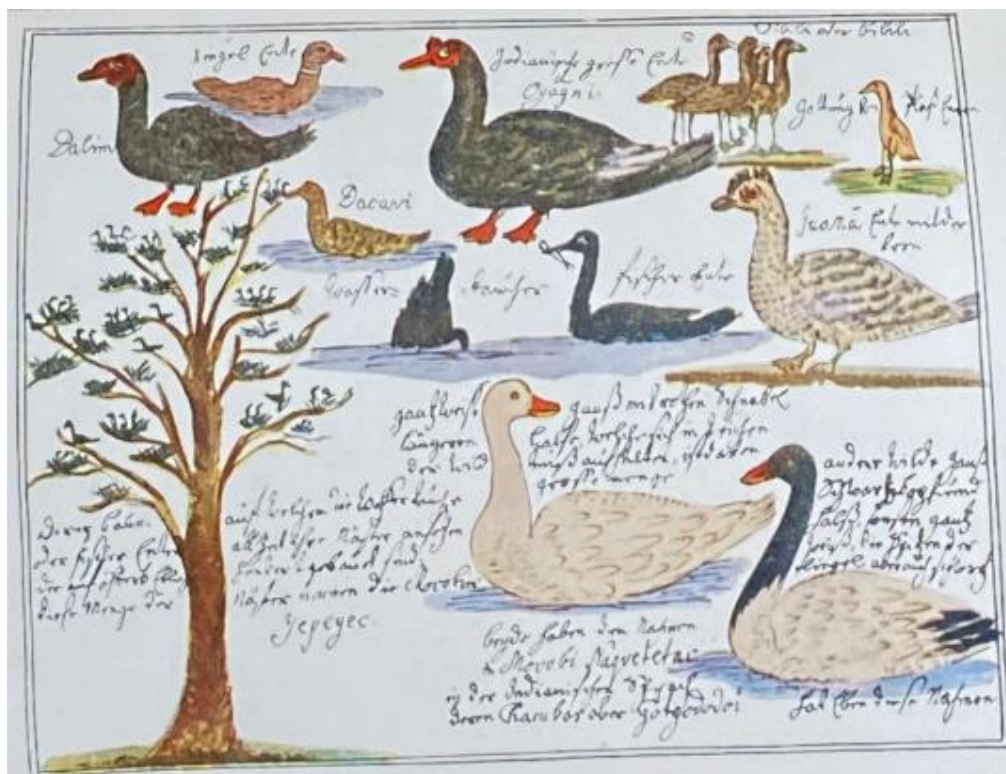
No capítulo XVII, *De las aves de rapiña en el pais*, o jesuíta escreve sobre corvos e aves carnívoras e coloca “[...] considero como una previsión especial de Dios que este país tenga tantas clases y de cada clase un número tan grande de aves carnívoras” (*Ibid.*, p.648). Além disso, os gaviões são citados pelo missionário como aves que “cazan muy astuta y

---

<sup>27</sup> O uso da palavra “anatídeas” por Paucke, revela que sua classificação da natureza americana é baseada no sistema taxonômico lineano. Nesse sentido, anatídea é uma família biológica de aves da ordem anseriformes que inclui patos, gansos e cisnes.

cuidadosamente las serpientes” (*Ibid.*, p.649). Para ele, a ave de rapina mais grande e importante seria o Condor, que vivia nas serras mais altas perto da Cordilheira dos Andes.

Figura 10 – Classes de patos e gansos (Lâmina LXVI)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

Ao longo do capítulo XVIII, *De otras aves de bosques y campos*, as descrições são feitas acerca das classes de perdiz e dos pombos selvagens. Além disso, Paucke escreve que teria “Otra ave grande con largas patas rojas y de un pico rojo de unas dos pulgadas de largo se presenta algo más adentro en la tierra silvestre hacia el poniente y el Norte. A ésta llaman los españoles *Faisán*, los mocovíes *Odagdag*, pero en nada es igual al faisán” (*Ibid.*, p.653, grifos do autor). Nesse sentido, a afirmação do missionário de que essa ave nada teria a ver com o faisão evidencia uma comparação na natureza chaquenha com o que conhece das terras europeias.

No capítulo XIX, *De los loros, del ave tunca [tucán] y los avestruces*, o jesuíta apresenta a abundância de papagaios, bem como os prejuízos que causavam nas plantações de milho. Por outro lado, coloca que “En cuanto a la carne gorda y el sabor agradable que tienen los loros, puedo afirmar que cada cual cambiaría muy gustoso por ellos un pájaro grande o un tordo” (*Ibid.*, p.654). Também são feitas descrições sobre uma ave chamada pelos Mocoví de *Cotaá*, sendo que ela possuía uma certa utilidade já que “[...] son las que en Paracuaria plantan la hierba común que beben los paracuarios, los peruanos, chilenos y quiteños” (*Ibid.*, p.657).

O jesuíta também dedica parte desse capítulo para falar da “*Straussvogel*, llamado por los españoles *avestruz*, por los mocovíes *Amanic*, por los abipones *Peú*” (*Ibid.*, p.663, grifos do autor). Por mais que essas aves (figura 11) fossem perseguidas e mortas pelos índios, os campos continuavam sendo muito povoados por elas, já que em um único ninho teria cerca de setenta ovos. Paucke escreve sobre o uso das suas asas e plumas, a forma de caça, o preparo para comer, a utilidade dos seus ossos e ovos, a criação e as características do som que emitem.

Figura 11 – Avestruz/*Amanic* (Lâmina LXXII)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. *Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocovíes, 1749-1767. Tomo III.* Universidad de Tucumán, Tucumán.

No capítulo XX, *De la volatería casera [europea]*, Paucke afirma que gansos e patos caseiros eram difíceis de ser encontrados em Paracuaria “[...] y si bien se encuentran de todas [clases] que se pueden encontrar en Europa porque los españoles las han transportado ahí por sobre el mar, pero sin embargo escasean en máximo grado porque los españoles no son muy afectos a gansos y pavos” (*Ibid.*, p.670). Ele havia recebido alguns casais de gansos e patos do seu comandante, porém coloca que “como yo no podía cuidarlos yo mismo y las indias eran demasiado haraganas para ello, perecieron pronto uno tras outro” (*Ibid.*).

No capítulo XXI, *De los animales silvestres que viven en este valle Gran Chaco*, o missionário descreve inúmeros animais, mas, principalmente, os tigres<sup>28</sup>. De acordo com ele, “Cuando se topa con un tigre en el campo donde la hierba está muy baja, no se debe temer de a caballo pues uno puede escaparle pronto porque el tigre se cansa pronto especialmente bajo el calor del sol a causa de su gran gordura que no le permite perseguir saltando sin cansancio ni unos trescientos pasos” (*Ibid.*, p.672). Por meio do relato de Florián Paucke, conseguimos perceber que esse era um animal bastante temido pela sua agilidade e força e pelo perigo que representava por ser muito presente no território chaquenho naquela época. Além disso, nesse capítulo, há uma passagem que reflete a concepção de superioridade dos europeus em relação aos demais:

Aquí debo hacer una pregunta: ¿si el tigre ya ha probado carne humana y se encuentra otra vez con gentes que no son todos españoles sino de razas diferentes, por ejemplo que fueren un español, un mulato y un negro que quisieren matar al tigre, a cuál de los tres asaltaría primero el tigre, y por qué a uno antes que al otro? La experiencia ha demostrado, como me han referido los españoles e indios, que el tigre asaltará siempre primero al negro que al mulato o español. Pero cuando ante él se encuentra un mulato o un español asaltará primero al mulato que al español. El motivo está en que el tigre come siempre con mayor agrado lo que más hiede. Ya he referido que el tigre no come el cadáver hasta que éste hiede fuertemente. Ahora como el negro hiede más que el mulato, también el mulato más que el español, él acomete primero al negro que al mulato y antes al mulato que al español (*Ibid.*, p.675-676).

Haveria também um animal chamado Huanaco, sendo que dentro dele cresceriam as pedras bezoares. Paucke afirma que “Los he observado por adentro y afuera. Por afuera son lisos cual una piedra pulida, de color de un suave verde que pasa algo al grisáceo, tiene una cáscara del grosor de un lomo de cuchillo, una sobre la otra” (*Ibid.*, p.690).

No capítulo XXII, *De otros animales de caza*, a escrita é dedicada para tratar sobre os veados (figura 12). De acordo com o missionário, “Los ciervos que los mocovíes llaman *Epelve* se hallan en abundancia en máxima cantidad junto a los ríos, grandes lagunas con cañaverales e islas [y los que] viven cerca del Paraná o en sus islas también vienen a la tierra firme” (*Ibid.*, p.692, grifos do autor). Os chifres dos cervos eram utilizados, já que o pó deles possuía um efeito medicinal, contra a disenteria. O jesuíta escreve que “Yo hice también de ellos la llamada piedra serpentina” (*Ibid.*, p.694), a qual “había fabricado en Indias tales piedras y con ellas había curado algunas mordeduras de serpientes, tumores y rasguños de garras de tigres” (*Ibid.*). Além disso, os indígenas utilizavam a ponta dos chifres dos cervos para produzir suas flechas.

---

<sup>28</sup> Esta é, na verdade, a denominação dada pelos missionários aos felinos [pumas, jaguares ou onças], da fauna da região platina (Fleck, 2014).

No penúltimo capítulo, *De los puercos monteses*, Paucke presenta três classes de porcos silvestres: *Jogongaec*, *Jölo* e *Alimagze*. Também são feitas descrições sobre as lebres que “No tienen nada parecido con las liebres europeas, salvo la cabeza, orejas y patas. Son mucho mas grandes que las otras liebres, tienen un vientre grueso y los pelos son como los de las corzuelas que por los mocovíes son llamadas *Avenca*” (*Ibid.*, p.700, grifos do autor). Teriam, ainda, três classes de macacos.

No último capítulo, *De la sabandija reptante*, o jesuíta apresenta diferentes tipos de cobras, sendo que “El nombre común de todas las víboras es Enonaic; sin embargo, junto con éste tienen su nombre propio que diferencia una clase de la otra” (*Ibid.*, p.703). O missionário coloca que há um tipo de cobra com a pele verde e que “Los mocovíes las llaman *Navaté*. Parecen estar forradas de terciopelo verde, se arrastran hacia arriba por los árboles y arbustos; por esto son difíciles de reconocerlas desde lejos y distinguirlas del follaje. Lo mejor es que ella no muerde ni tiene veneno” (*Ibid.*, p.705, grifos do autor). Na figura 13 é possível visualizar essa cobra e, também, uma outra classe denominada *caicala* que é completamente cinza e também não causava a morte.

Figura 12 – Cervos (Lâmina LXXVII)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán. p. 366.

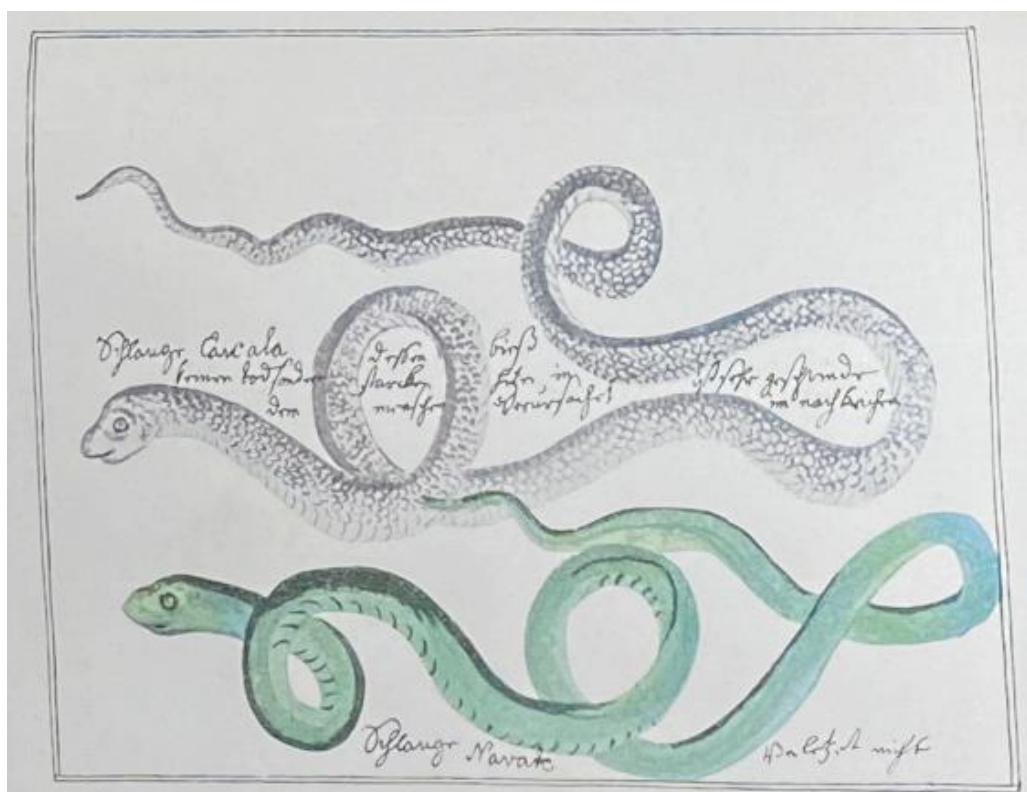


Ao elencar os aspectos da fauna chaquenha, Paucke constrói sua escrita evidenciando, assim como havia feito em relação à flora, as diferentes classes de um mesmo animal, destacando suas semelhanças e diferenças. Neste caso, o missionário também apresenta os seus possíveis usos, elencando a utilidade da pele, das plumas, da carne e dos membros do corpo, por exemplo. Percebemos que, para analisar a fauna, o jesuíta divide os animais em: aquáticos, terrestres, que voam, silvestres e peçonhentos.

Segundo Millones Figueroa e Ledzema (2005, p.23),

Las obras producidas por los jesuitas son un vivo testimonio del rol fundamental que la Compañía de Jesús concedió a las ciencias humanas y a la cultura en general. Como muestran los ensayos aquí presentados, en el vasto corpus de las historias naturales del Nuevo Mundo, los jesuitas crearon, en los dos siglos previos a su expulsión, un saber idiosincrásico del mundo natural y moral de las colonias americanas, fundamental para el estudio y comprensión de la historia y cultura del periodo colonial americano.

Figura 13 – Cobras (Lâmina LXXXIV)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocabíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán. p. 383.

Sendo assim, percebemos que o manuscrito de Paucke, construído a partir da sua própria experiência sensível, contestou, a partir de um esforço de interpretação objetiva e científica, autores e princípios europeus que norteavam as concepções da natureza americana da época. Logo, podemos considerá-la como uma obra importante para a reconstituição tanto

do ambiente natural em que o missionário esteve inserido, quanto do ambiente intelectual da época que, evidentemente, também se manifestava nos irmãos e padres jesuítas que estavam nas missões ou colégios dispostos pela América.

Além disso, nos dois primeiros capítulos dessa sexta parte, o missionário explora aspectos relacionados à hidrografia, clima e relevo. No capítulo I, intitulado *Del gran río Paraná y del Silberfluss [Río de la Plata]*, começa situando o leitor da dimensão que o Chaco possui: “Este valle que comienza en la ciudad de Santa Fe, se extiende hasta la Sierra Peruana en la longitud al Norte, y hasta la gran sierra y las fronteras del reino de Chile hacia el Oeste por el costado Este se limita por el Paraná” (Paucke [1774], 2010, p.526). Explica que o rio Paraná ao desembocar em Buenos Aires passa a se chamar Rio da Prata ou Silberfluss e que

[...] dicen algunos, como también se ve en los mapas, que se halla en la gran laguna o lago de los Xarayes. Los misioneros que han visto la fuente dicen que este famoso gran río mana hacia arriba desde debajo de un árbol de cedro inmensamente grueso; du rante el curso este río se tira desde peñascos muy altos hacia abajo a la profundidad, con un intempestuoso ruido que esto se oye muy bien a dos leguas españolas (*Ibid.*, p.527).

Além disso, informa que o rio Paraná possui

um gran brazo ancho y que se llama Río del Uruguay. A orillas de este río se hallan situadas siete reducciones que en los últimos tiempos debían ser permutadas junto con la Colonia SS. Sacramento de los portugueses. Entre estas poblaciones había la Reducción S. Nicolás o S. Nicolai de la cual se dijo que el Rey Nicolaus Primus<sup>29</sup> tenía su residencia allí (*Ibid.*, p.526).

A margem oeste do rio Paraná, segundo o jesuíta, era muito baixa, sem nenhuma pedra que pudesse ser utilizada para afiar as ferramentas. Por isso coloca que, “el aguzador de un indio en esta banda donde yo también tenía mi reducción es ya una costilla o un hueso del ganado vacuno ya un cuero seco y la planta del pie del indio; desparramando por encima un poco de polvo de tierra y pasando el cuchillo algunas veces por encima, éste ya corta de nuevo” (*Ibid.*, p.527). Já na outra margem, as águas eram profundas e nelas poderiam ser encontradas “las más bellas y diáfanas piedras de yeso como yo mismo he cargado hasta diez y más barcas con estas piedras y las he llevado a mi reducción, he enlucido no sólo mi casa y la iglesia sino he revocado por completo las paredes” (*Ibid.*).

Quanto à qualidade da água desse rio, Paucke afirma que era “[...] muy buena para beber y conveniente al estómago porque ayuda mucho a la digestión. Si se bebe a suficiencia uma

---

<sup>29</sup> Ao longo do capítulo VI, *Del seudo rey Nicolao*, da primeira parte da obra de Paucke, o missionário escreve apenas sobre essa suposta lenda de Nicolau I, que teria sido Rei em Buenos Aires no ano de 1753. Por meio da sua escrita, o jesuíta deixa clara sua dúvida com relação a isso e busca refutar a existência deste rei.

buena cantidad, opera abertura [de vientre]” (*Ibid.*). Além disso, essa água teria uma espécie de efeito petrificante, transformando uma madeira em pedra, por exemplo:

Escribo esto por propia experiencia porque más de tres veces he navegado río arriba por este río al Norte, en cuyo viaje he encontrado en una ocasión un pedazo de un grueso árbol de álamo que a mitad yacía afuera, a mitad adentro del agua. La mitad que se hallaba en el agua era piedra como un guijarro, pudo empleársela muy bien para dar fuego (*Ibid.*, p.527-528).

Com relação a esse fenômeno de petrificação que ocorria na margem leste do rio Paraná, Paucke faz questão de colocar que “Dejo [la tarea de] indicar la causa a los actuales naturalistas que quieren dedicarse a investigar todo” (*Ibid.*, p.528). Ainda, escreve que os Mocoví “[..] navegaron siempre con placer sobre este río pues ellos encontraban piedras blancas completamente redondas que les eran muy útiles para sus boleadoras, las que jamás podían encontrar en nuestra banda del Oeste” (*Ibid.*). Também, na região nordeste do rio Paraná eram encontradas pedras ovais: “Yo mismo he poseído una vasija semejante dentro de la cual cabían bien seis buenas jarradas. La piedra es pardo negra, la vasija es también muy excelente para mantener fresca en ella durante el verano la bebida como si se la hubiera sacado de una fuente fresca” (*Ibid.*, p.530). Os jesuítas davam grande importância para o reconhecimento das possibilidades de navegação dos rios a fim de buscar rotas que pudessem unir as missões por esse meio.

Além disso, aspectos como a perigosa navegação em determinados lugares do rio Paraná, por conta da presença de tigres e das árvores que ficavam encravadas no meio do rio, ocasionando o naufrágio dos barcos em caso de impacto, são relatados pelo missionário. Não obstante, ele escreve sobre a possível existência de uma espécie de tigre aquático,

[...] un animal muy peligroso que vive sólo en ciertos lugares y es muy perjudicial a las gentes como al ganado. Los guaraníes lo llaman Jaguaro [a la alemana Yaguaró], los mocovíes ladoco love, esto denota: de largos dientes; pero no es tan peligroso por sus dientes que por sus garras. En realidad yo no he visto tal animal pero los indios me han dado noticia de él. En cuanto un hombre o un animal penetra al agua donde él para, desaparece en seguida, sólo se ve subir por el agua tripas y entrañas. Él tiene tan agudas y largas uñas, que desgarran con gran rapidez los animales y las gentes. Él cava grandes cuevas en la orilla para dentro de la tierra [y] espía a los viajeros; en cuanto nota que los viajeros descansan sobre su cueva, trabaja hacia arriba, de modo que la tierra se derrumba, y hace su presa. Así me ha sido referido (*Ibid.*, p.537).

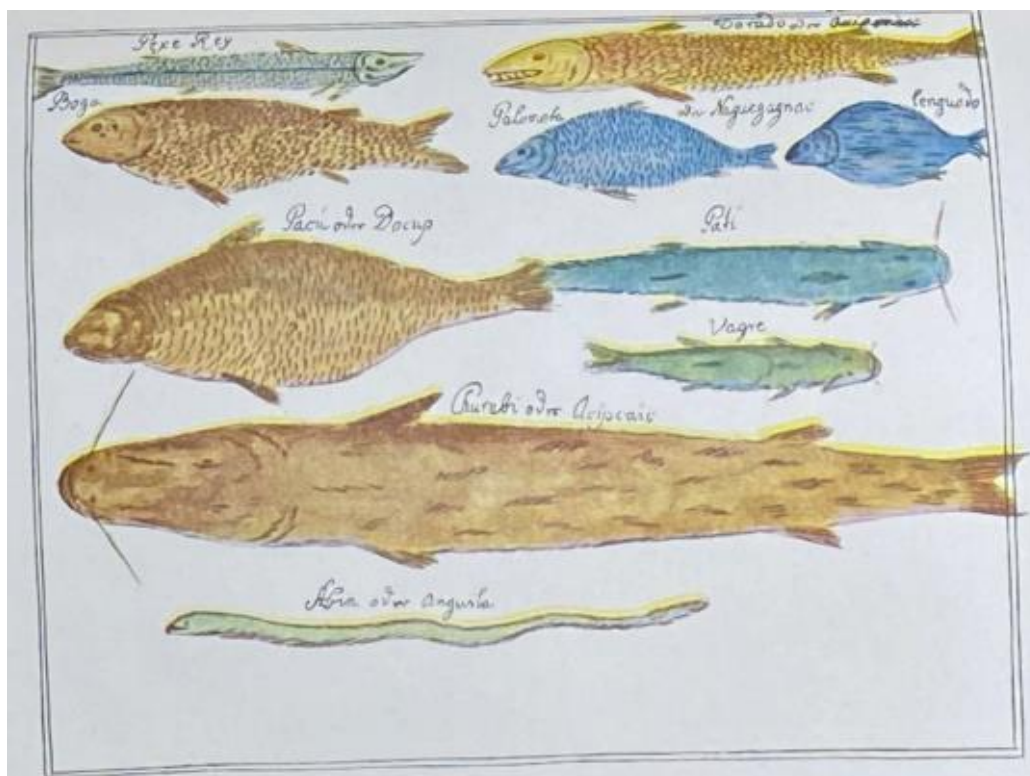
O jesuíta escreve que “he visto en este río diversas clases de peces que todos son buenos por excelencia para consumirlos” (*Ibid.*, p.538) e, nesse sentido, apresenta cada uma dessas “classes” de peixes existentes no rio Paraná, colocando suas características físicas, a qualidade, o período em que estavam disponíveis e os possíveis usos e formas de preparo. Essa

classificação torna-se ainda mais visível a partir de uma das suas aquarelas (figura 14), em que essa variedade de peixes existentes é ilustrada.

No capítulo II, *De la calidad del terreno en el valle Chaco*, Paucke afirma que “Fácilmente puede reconocerse que el suelo debe ser muy fértil a causa de la gran cantidad de bosques y de la hierba, que por sí solo basta para producir en corto tiempo una gordura en el ganado astudo, caballos y otra caza silvestre” (*Ibid.*, p.543). O período de arado das terras ocorria de abril até julho e, além de ser feito com ferramentas, contava também com a ajuda dos bois. Ademais, a colheita do trigo tinha o auxílio dos cavalos na parte da debulha. Na opinião do missionário,

Lo mejor en Indias es esto que cada cual donde quiere establecerse, pueda sin el menor impedimento pescar en los lagos, talar leña en los bosques, cazar salvajina o lo que sea; él puede usar como él quiera praderas, campos y lo que sea útil para el cultivo y no debe temer que algo le sea vedado salvo que a um español le plazca ésa o aquella situación (*Ibid.*, p.544).

Figura 14 – Classes de peixes (Lâmina XXXII)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobies, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán. p. 164.

No capítulo XII, *Del clima, vientos y tormentas en el Paraguay*, é possível perceber o esforço de abstração feito pelo jesuíta, ao afirmar que o clima não era nada uniforme e, a partir dessa colocação, tecer uma pergunta retórica bastante interessante:

Si en Europa las provincias que no distan ni cien leguas unas de otras, son tan desemejantes, ¿qué diferencia no se encontrará en um país que cuenta sus cuatrocientas o quinientas leguas? Hay allá una gran diferencia en el clima, en enfermedades, en modo de vivir, usos e idiomas como en otros países extensos (*Ibid.*, p.626).

Paucke mostra ter bastante medo dos temporais, principalmente quando coloca que “Es casi imposible que aun la más mínima lluvia no traiga consigo una tormenta; puede chispear lo menos que fuere que ya truena y graniza y hay tempestad que uno se atemoriza; frecuentemente, ¡más!, comúnmente tras un refucilo, ocurre uma descarga” (*Ibid.*). As chuvas mais intensas e de larga duração ocorriam no início da primavera e durante o inverno inteiro, e, por vezes, chegavam a matar animais nos campos.

As estações do ano eram bastante perceptíveis, sendo que o religioso descreve-as partindo de um raciocínio comparativo:

[...] debe saberse que cuando hay invierno en Europa, hay verano allá. Lo determino según los meses: en Europa se tiene en noviembre, diciembre, enero el tiempo de invierno más crudo, pero en Paracuaria hay el verano más fuerte pues allá en seguida tras Navidad hay la corta [del trigo] y en enero hay los días caniculares. Febrero, marzo, abril son aquí la primavera, pero en Paracuaria son otoño. Mayo, junio y julio corresponden aquí al verano, en Paracuaria hay invierno. Agosto, septiembre, octubre son aquí otoño pero allá primavera, pues en el mes de agosto todos están [ocupados] en sembrar los campos de cultivos (*Ibid.*, p.627, grifos nossos).

De acordo com Thomas (2010, p. 71-71), “[...] toda a observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais com que nós, os observadores, classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor [...] e é sabido que, uma vez aprendidas essas categorias, passa a ser bastante difícil ver o mundo de outra maneira”.

Sendo assim, a partir dessa breve descrição dos 24 capítulos da sexta parte do relato de Paucke, torna-se possível compreender melhor suas opções narrativas, as aquarelas e a classificação que faz do Gran Chaco. Quanto às aquarelas, elas ampliam o entendimento das suas descrições e tornam possível a visualização dos inúmeros detalhes apresentados, os quais serão abordados no próximo subcapítulo.

Também é importante ressaltar que os jesuítas ocupavam, de certa maneira, uma posição privilegiada, fosse ela missionária ou não, “na produção e divulgação do conhecimento científico e etnográfico americano” (Fleck, 2019, p. 466). De acordo com Del Valle, esses religiosos estavam na América “conviviendo com los indígenas y en um medio ambiente lleno de objetos naturales ‘novedosos’ y por lo tanto esperando su catalogación” (2009, p. 52). Nesse sentido, os seus escritos refletem, também, esses privilégios que foram fundamentais para que as suas escritas pudessem contrapor à *Querrela da América*, por exemplo.

### 4.3 As aquarelas como representação

A obra de Florián Paucke foi escrita cerca de sete anos após o seu regresso à Europa devido à expulsão dos jesuítas<sup>30</sup> da América Espanhola. Os jesuítas foram expulsos das áreas coloniais do Império, em 1767, e suas propriedades foram confiscadas, em cumprimento do Decreto de 27 de fevereiro, assinado por Carlos III. Nesse sentido, teoricamente, todas os bens do missionário teriam sido confiscados. Paucke escreve que

Yo tenía muchos libros que en parte había traído conmigo desde Europa, en parte adquirido en Las Indias o había recibido de regalo por buenos amigos. Yo tenía tres lindos fusiles de los cuales uno solo había costado veinte y cinco pesos fuertes; yo tenía también muchos instrumentos musicales desde Europa como ser violín, flauta travesa, mandora, viola d'amour y otros más los que los presentes se repartieron entre ellos; a la par de éstos tenía yo mucha herramienta para trabajos de ebanista y escultor. Todo esto junto con aquello que yo tenía de otras cosas como ser instrumentos matemáticos un instrumental entero con el círculo proporcional [...] ([1774], 2010, p.470).

No entanto, nessa mesma passagem o jesuíta também coloca:

[...] sólo se me dejaron el crucifijo, un antiguo breviario y dos pequeños libretos eclesiásticos. Yo pedí que me dejaran por lo menos dos libritos más grandes en cuarto que eran propios míos y en los cuales la vida de Christi estaba representada en contemplaciones, pero yo no recibí respuesta de don Pedro de Miura, porque él temía los testigos presentes; si éstos no hubieren estado presentes, el diputado me hubiera dejado todo cuanto de mis cosas yo hubiera querido guardar, pero ¿para qué?, todo me hubiera sido quitado en el camino por otros españoles. Como don Pedro de Miura nada respondió a mi pedido, los que eran testigos tomaron estos dos libritos y me los alcanzaron de soslayo; el diputado lo notó muy bien y disimuló, pero yo comprendí que le gustó lo hecho por los otros pues él temía ser delatado únicamente cuando él me admitía algo, pero como lo hicieron ellos mismos, estuvo seguro de no ser acusado (*Ibid.*, p.471, grifos nossos).

Por meio da passagem acima, o missionário revela ter ficado com um crucifixo, um breviário, dois livros eclesiásticos pequenos e, também, teria conseguido manter sob sua posse dois livros maiores que eram de sua autoria e que teriam, segundo ele, contemplações sobre Cristo. De qualquer forma, essas passagens nos fazem supor que, possivelmente, suas ilustrações e descrições não tenham sido feitas somente a partir da sua memória, já que as suas

---

<sup>30</sup> Os padres do Vice-reinado do Rio da Prata teriam sido os últimos a deixarem as suas residências entre junho e agosto de 1768. Os documentos encontrados com os jesuítas foram confiscados para que pudessem ser encontradas evidências sobre suas atividades [*sobre atividades que a coroa entendia serem condenatórias*], razão pela qual foram autorizados a viajar somente com suas roupas e breviários. Foram levados, em precárias condições, para Córsega, de onde foram enviados, em sua maioria, para as cidades de Faenza, Ravena, Brisighella e Ímola. Em uma carta datada de 21 de agosto de 1768, de Puntales (Cádiz), encontra-se uma lista de 150 jesuítas que partiram de Buenos Aires, em uma fragata, de nome Esmeralda, que os levaria de volta para a Europa, sob responsabilidade do comandante Matheo Collado Neto (Fleck, 2015, p.30). No caso de Paucke, ele retornou à Europa e passou a viver no mosteiro de Neuhaus, na Boêmia, onde escreveu sua crônica.

observações, anotações e, até mesmo, algumas aquarelas, poderiam estar nesses livros que teriam ficado sob sua posse.

De acordo com Pierre Nora, “A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (1993, p. 9). Desta forma, a escrita de Paucke, tenha ela sido baseada em algumas anotações prévias, ou construída a partir das suas memórias, foi instruída pelo grupo ao qual pertenceu, isto é, a ordem jesuíta. De acordo com Silva (2019, p. 15),

A Paucke foi conferido, por seus superiores hierárquicos, o dever de não esquecer e fazer de suas memórias uma afirmação de unicidade dos processos civilizatórios prestados à coroa espanhola pela Ordem Jesuítica. Ele foi assim imbuído do dever moral da memória, a fim de fazer “justiça” aos trabalhos desenvolvidos pela Companhia de Jesus.

Mencionar esses aspectos é fundamental para compreendermos que a obra de Paucke, composta por cerca de setecentas páginas e mais de cem aquarelas, é fruto do entrelaçamento desses contextos. O próprio missionário informa que não seria capaz de lembrar de tudo:

Nadie extrañe por ello que yo sienta una notable merma de mi memoria en el 59º año de mi vida, después de haber sufrido mucho calor solar y tantos debilitamientos en los viajes, y después de veintiún años de labores en Paracuaria sin haberme llevado aun un papel siquiera antes cuando estuve en aquellos países, u otro breve apunte; más bien me admiro por haber conservado totalmente presentes en mi memoria aun tantas cosas que escribo (Paucke [1774], 2010, p.596).

O filósofo Sérgio Cardoso (1988, p. 348) faz uma diferenciação entre o “ver” e o “olhar”, sendo que o primeiro “conota ingenuidade no vidente” enquanto que o segundo “deixa sempre aflorar uma certa intenção”. Para ele

[...] o universo do olhar tem outra consistência. O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. [...] o olhar não acumula e não abarca, mas procura; [...] Ao invés, pois, da dispersão horizontal da visão, o direcionamento e a concentração focal do olho da investigação, orientado na verticalidade. [...] O olhar pensa; é a visão feita interrogação (*Ibid.*, p.347).

Com relação à obra de Paucke, percebemos, portanto, que dentre estes dois verbos, aparentemente análogos, seus escritos e ilustrações estariam na categoria do “olhar”. Para Cardoso “[...] as viagens revelam inequívoco parentesco com a atividade do olhar [...]. As viagens, na verdade, parecem ampliar — intensificar e prolongar — o mesmo movimento que cotidianamente verificamos no exercício do olhar...” (*Ibid.*, p. 598). Ou seja, os olhos do

missionário buscaram explorar a alteridade, no intuito de investigar e compreender para, posteriormente, descrever, classificar e ilustrar. Nesse sentido, é possível vislumbrar o manuscrito do jesuíta considerando que “o passado não é um momento que deixamos para trás, mas uma configuração perdida do sentido, excluída, pois vertida e vazada no presente, passada nele, e apenas existente nas dobras desta nova evidência, nos traços de uma outra configuração” (*Ibid.*, p. 355).

No subcapítulo anterior, buscamos evidenciar, a partir de uma breve análise dos 24 capítulos da sexta parte da sua obra, de que forma o jesuíta descreveu e classificou a natureza chaquenha. Foi possível, também, visualizar por meio da inserção de algumas das suas ilustrações, o diálogo existente entre a imagem e a escrita do missionário. As aquarelas de Paucke constituem-se como textos não verbais, próprias do campo imagético e que demandam interpretações específicas, já que foram feitas para comunicar algo. Nesse sentido, o nosso objetivo não foi realizar uma análise iconográfica ou iconológica<sup>31</sup>, mas pensar essas ilustrações enquanto um produto cultural a partir do conceito de representação desenvolvido por Roger Chartier.

No livro “O que é história cultural?”, o autor Peter Burke afirma, logo no início, que as fronteiras desse campo se ampliaram tanto nos últimos anos que “está ficando cada vez mais difícil dizer exatamente o que elas encerram” (2021, p.9). No entanto, coloca também que “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações” (*Ibid.*). Nesse sentido, é por meio do conceito de representações que o historiador francês Roger Chartier busca configurar um projeto para a história cultural.

Cerca de 70% das aquarelas de Florián Paucke ilustram a natureza chaquenha, descrita na sexta parte da sua obra. Nesse sentido, optamos por pensar, nesse último subcapítulo, a produção iconográfica do missionário a partir da perspectiva fornecida pelo conceito de representação, de Roger Chartier. Esse conceito diz respeito à função simbólica que há nas coisas, sendo ela “uma função mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, quer opere por meio dos signos linguísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos do conhecimento científico” (1990, p.20). Ou seja, refere-se a todas as categorias e processos que constroem o mundo como representação.

---

<sup>31</sup> O termo iconografia, em sua raiz etimológica: eikon, imagem; grafia, descrição, é o estudo descritivo das imagens que busca classificações, comparações, tradições, meios de circulação, a identificação dos elementos visuais e dos significados interno através dos significados externo das imagens. O termo iconologia (eikon, imagem; logia, estudo), surgiu antes que o termo iconografia. A iconologia se dedica a analisar a iconografia de um modo interpretativo no contexto histórico e social e não apenas estético (Silva, 2019, p.97).



Chartier propõe que se utilize esse conceito considerando dois pontos: “por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém” (*Ibid.*). Sendo assim, o primeiro ponto evidencia a representação como “[...] instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”, enquanto que o segundo trata da relação simbólica que “[...] consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais” (*Ibid.*). Sendo assim, é possível pensar nas aquarelas de Paucke a partir da primeira perspectiva, já que elas não deixam se ser a representação de algo ausente.

A representação é compreendida, portanto, “como relacionamento de uma imagem presente e de um objecto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme [...]” (*Ibid.*, p.21). Roger Chartier busca, portanto, pensar em

uma história cultural do social que tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos - ou, por outras palavras, das representações do mundo social - que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (*Ibid.*, p.19).

Nesse sentido, as aquarelas de Paucke não são neutras, mas, sim, uma representação do mundo em que estava inserido construída a partir das suas visões e, desta forma, precisamos considerar que “A relação de representação é assim confundida pela acção da imaginação [...] que faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é” (*Ibid.*, p.22). Isso não quer dizer que suas descrições e ilustrações sejam fictícias, mas, sim, que evidenciam uma representação do real; logo, é construída a partir dos seus interesses e contextos de inserção, os quais foram estudados nos capítulos anteriores.

A imagem, assim como o texto, é polissêmica: ela elucida aspectos que o texto não consegue expressar e, ainda, comunica de forma rápida detalhes de um processo complexo que o texto escrito levaria maior tempo para descrever (Burke, 2017, p. 125). Percebemos isso no manuscrito do jesuíta, já que uma aquarela é capaz de elucidar os detalhes de um processo que, por vezes, precisou ser descrito ao longo de inúmeras páginas. Tanto é que a obra de Paucke conta com cerca de setecentas páginas, enquanto possui apenas 150 aquarelas.

Desta forma, podemos compreender as representações como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real, sendo elas variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais. Por mais que aspirem à

universalidade, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. As representações não são, portanto, discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas (Chartier, 1990, p. 17). Logo, a obra de Paucke evidencia os interesses da ordem jesuíta que, naquele contexto, buscava impor a sua autoridade, com relação à produção de conhecimento, diante do contexto da Ilustração da Europa e, sobretudo, das teorias que buscavam inferiorizar a natureza americana.

O autor Denis Cosgrove, por meio do seu artigo “Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista”, também traz considerações importantes para a nossa análise final. Segundo ele “[...] la vista, la visión y el propio acto de ver —como implican estas palabras tan variadas— traen consigo mucho más que una simple respuesta de los sentidos, es decir algo más que la huella pasiva y neutra de las imágenes formadas por la luz en la retina del ojo. La vista humana es individualmente deliberada y está culturalmente condicionada” (2002, p.69). Ou seja, o ato de ver/observar é uma atividade gerada culturalmente, não há como dissociar o olhar da cultura em que foi constituído.

Nessa perspectiva, “El uso del sentido de la vista está conformado tanto por imágenes vistas en el pasado, por experiencias individuales, recuerdos e intenciones como por las formas físicas y los espacios materiales ante nuestros ojos” (*Ibid.*, p.69). Nesse sentido, por mais que a visão evidencie aspectos individuais daquele que vê, grande parte dela é social, redigida por convenções acerca do que deve ser visto (*Ibid.*). Além disso, Cosgrove (2002) traz observações importantes acerca do “sentido europeo de la vista”, em que as formas de enxergar uma mesma paisagem podem ser diferentes de acordo com as identidades sociais e individuais; ou seja, Paucke olha o mundo através das suas lentes/experiências, tanto é que faz constantes comparações da natureza chaquenha com o que conhece na Europa.

As aquarelas de Florián Paucke, somadas às suas descrições, revelam a riqueza e a diversidade da natureza americana, especificamente o Gran Chaco do século XVIII, frente ao contexto da *Querela da América*. Por meio dessa obra temos acesso à representação da flora e da fauna construída por um missionário jesuíta que vivenciou o processo de evangelização, entre os indígenas Mocoví, e também a expulsão da ordem em 1767. A construção do seu relato evidencia um diferencial, se o comparamos a outros manuscritos de História Natural, que é a forma como ele classifica a natureza para depois analisá-la. Por meio dessa classificação, conseguimos apreender que o jesuíta dialoga com teorias científicas vigentes na época, ao mesmo tempo em que busca construir uma narrativa empírica que se contrapõe às visões de inferioridade da América vigentes naquele período. Enquanto o jesuíta descreve e classifica a

natureza chaquenha, fazendo teoricamente um relato sobre algo externo, aspectos individuais e do seu contexto histórico também são evidenciados<sup>32</sup>.

De acordo com Millones Figueroa e Ledzema (2005, p.19) “La labor misionera y educadora de los jesuitas se enmarcaba, como ya hemos señalado, dentro de un proyecto intelectual que pretendía colmar el espacio geográfico y cultural no europeo con una particular visión del mundo”. Diante da difusão das ideias de naturalistas como Buffon e De Pauw, que deram origem à chamada Disputa do Novo Mundo, os jesuítas tiveram que descrever sobre a diversidade da natureza americana, sendo que “A esta tarea se añadía la necesidad de argumentar y defender contra los filósofos europeos ilustrados, las nociones sobre el conocimiento del mundo natural americano que la corporación jesuita había recabado en los dos siglos de experiencia misionera e intelectual americana” (*Ibid.*, p.20).

Nesse sentido, a relevância da obra do missionário está justamente em ser uma fonte valiosa que torna possível a reconstituição tanto dos aspectos da vida dos grupos indígenas observados, quando da natureza do local em que ele missionou. A contribuição dos jesuítas e de Paucke para o conhecimento no século XVIII é bastante significativa, já que seus escritos possibilitaram uma vasta circulação de conhecimentos não só sobre as populações nativas americanas, mas também sobre a fauna e a flora de diferentes regiões da América.

No próximo tópico, analisamos detalhadamente 6 aquarelas que ilustram algumas das árvores descritas no capítulo IX, da sexta parte do relato de Paucke, com o objetivo de melhor evidenciar a aplicação do conceito de representação extraído de Chartier. Por meio desse exercício, que parte das ilustrações e descrições apenas das árvores que se encontram na região do vale, ficará mais evidente qual representação Paucke construiu sobre a natureza chaquenha.

#### **4.4 “De los árboles” e a representação da natureza chaquenha**

Ao final do Tomo III da obra de Paucke, edição de 1944, há diversos índices e, dentre eles, um denominado *Índice de las láminas de botánica* (figura 15, 16 e 17). Por meio desse índice é possível identificar qual planta descrita por Paucke foi por ele ilustrada em uma determinada aquarela (circulamos as aquarelas que serão analisadas). Com o objetivo de explorar com maior profundidade as representações feitas pelo missionário sobre a natureza chaquenha, a partir da perspectiva de Chartier, analisamos 6 aquarelas que retratam algumas

---

<sup>32</sup> Quando falo em “contextos” me refiro à tradição de escrita da Companhia de Jesus, Polêmica do Novo Mundo e Ilustração Católica, porque sem o entendimento desses aspectos não seria possível compreender a escrita de Florián Paucke.

das árvores apresentadas ao longo do capítulo IX, intitulado *De los arboles que se encuentran desde el comienzo del valle Chaco, de sus frutos, su uso y utilidad.*

Figura 15 – Índice de las láminas de botânica I

**ÍNDICE DE LAS LÁMINAS DE BOTÁNICA**

(Los nombres científicos y los vulgares actualmente en uso, están impresos en bastardilla)

XX Arbol llamado Netagguie por los indios.....	t. II°, 164/165
<i>Caesalpinia melanocarpa</i> Griseb., n. v. guayacán	
XLI Nombre indígena Atagat.....	t. III°, 182/183
<i>Chusquea</i> sp., n. v. tacuarembó	
XLII .....	» 182/183
<i>Chusquea</i> sp., n. v. tacuarembó	
XLIII Nombre indígena Tacuará.....	» 182/183
<i>Guadua angustifolia</i> , n. v. caña tacuara o tacuarará	
XLV .....	» 184/185
1. Cebolla campestre	
2. Ajo campestre	
3. Apio campestre	
<i>Apium</i> sp.	
4. Nombre indígena Evagyao leté	
5. Cumbari	
6. Fefferoni, pimiento	
7. Nombre indígena Apalogo	
Fam. <i>Compositae</i> , n. v. cardo	
8. Nombre indígena Itimagdaye, n. v. aji	
9. <i>Capsicum</i> sp., n. v. pimiento del monte	
XLVI .....	» 186/187
1. Orosus	
2. Otra clase de orosus	
3. Higuerrilla	
<i>Dorstenia brasiliensis</i> , n. v. higuerrilla	
4. Nombre indígena Guayeurú	
Fam. <i>Rubiaceae</i>	
5. Azafrán	
<i>Chusquea chrysantha</i> Griseb., n. v. azafrán silvestre	
6. Otra clase de azafrán	» 192/193
XLVII .....	
1. Mandioca	
<i>Manihot utilisima</i> o <i>M. dulcis</i>	
2. Nombre indígena Betacayolo	
<i>Arachis hypogaea</i> , n. v. mani	

FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocabies, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán. p. 423.

Ao longo do capítulo IX, as árvores descritas e, também, ilustradas em aquarelas são: *Apagquic*, *Amapic*, *Apignic*, *Clagye locoic*, *Nainic*, *Doic*, *Sangre de Drago*. Sendo assim, a partir de agora, faremos uma análise pensando em como Paucke traduz e visibiliza estas espécies da flora chaquenha por meio de suas representações. Chartier nos lembra que as representações estão no lugar de um ausente “o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado” (1990, p.20).

Figura 16 – Índice de las láminas de botánica II

— 424 —

3. Nombre indígena Pezelagze Planta de la Fam. <i>Umbelíferae</i>	
4. Batatas <i>Ipomaea</i> sp.	
XLVIII Nombre indígena Copagal.....	t. III*, 194/195
Fam. <i>Cucurbitaceae</i> (diversos frutos), n. v. calabazas	
XLIX Nombre indígena Loguili.....	» 196/197
Gen. <i>Lagenaria</i> et <i>Cucumis</i> , n. v. sandía, melón, zapallo, etc.	
L Nombre indígena Dayami (frutos).....	» 200/201
<i>Opuntia</i> sp., n. v. tuna	
LÍ.....	» 202/203
1. Nombre indígena Dayamic <i>Opuntia</i> sp., n. v. tuna	
2. Nombre indígena Docovic <i>Opuntia</i> sp., n. v. tuna	
LII.....	» 202/203
1. <i>Opuntia</i> sp., n. v. tuna	
2. Nombre indígena Etaguiguiniglio <i>Opuntia</i> sp., n. v. tuna	
LIII.....	» 204/205
1. Fam. <i>Compositae</i> , n. v. cardo	
2. Fam. <i>Compositae</i> , n. v. cardo	
3. <i>Ipomaea batata</i> , n. v. batata, camote	
LIV Nombre indígena Nevate lelac.....	» 204/205
<i>Prosopis nigra</i> Hieron., n. v. algarrobo negro	
LV.....	» 206/207
1. <i>Aloe saccotriac</i> <i>Aloe saccotriac</i> f., n. v. aloe	
2. <i>Bromelia serra</i> o <i>Puya spathacea</i> , n. v. caragald	
3. Ananás hortense <i>Ananas sativus</i> , n. v. ananá	
4. <i>Pseudananas (macrodonia</i> f.) sp., n. v. ananá silvestre o icira	
LVI.....	» 206/207
1. <i>Cereus Terscheckii</i> f., n. v. cacto	
2. <i>Cereus pasacana</i> f., n. v. cacto	
LVII Fam. <i>Gramineae</i> , n. v. caña o bambú.....	» 208/209
LVIII Aroma, Nombre indígena Apagquic.....	» 228/229
<i>Acacia</i> sp., n. v. aroma	
LIX Algarrobo, Nombre indígena Amapic.....	» 238/239
<i>Prosopis alba</i> f., n. v. algarrobo blanco	
LXI.....	» 274/275
1. Nombre indígena Atlavie <i>Copernicia alba</i> Mor. f., n. v. carunday	
2. Nombre indígena Atlavie lata <i>Cocos yatai</i> Mart. f., n. v. yatai	
3. <i>Trihrinae brasiliensis</i> o <i>T. campestris</i>	
4 y 5. Nombre indígena Lachiaquic <i>Arcastrum Romanzoffianum</i> Becc. f., n. v. piandó	
6 y 7. Dos árboles palmeras de especie irreconocible	

FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán. p. 424, grifos nossos.

Figura 17 – Índice de las láminas de botánica III

— 425 —

8. <i>Aerocoma Totai</i> Mart. †	
9. Palmas que llevan dátiles	
LXXXVIII Lapacho, nombre indígena Enedagangat.....	t. III*
<i>Tabebuia Ipé</i> Mart. (Standley), n. v. <i>lapachorosado</i>	
LXXXIX	
1. Palo de leche, nombre indígena Doic.	
<i>Sapium haematospermum</i> Muell. Arg., n. v. <i>leche-</i>	
<i>rón</i> o <i>curupí</i>	
2. Sangre de drago	
<i>Croton urucurana</i> Baill., n. v. <i>sangre de drago</i>	
XC	
1. Tazes, nombre indígena Lobagge (frutos)	
<i>Morrenia odorata</i> (Hook. et Arnold) Lindley,	
n. v. <i>doca</i> o <i>tasi</i>	
2. Granadilla (frutos), flor de la pasión	
<i>Passiflora coerulea</i> L., n. v. <i>mbarucuyá</i> o <i>flor de</i>	
<i>la pasión</i>	
XCI	
1. Fam. <i>Leguminosae</i>	
2. <i>Tabebuia argentea</i> (Burm. et K. Schum.) Britton,	
n. v. <i>lapacho amarillo</i>	
XCII	
1. <i>Gleditschia amorphoides</i> (Griseb.) Taub., n. v. <i>coro-</i>	
<i>sillo</i> o <i>espina de corona</i>	
2. Irreconocible	
XCIII Sin leyenda e irreconocible	
XCIV Sin leyenda e irreconocible	
XCV Paja cortadera, nombre indígena Apaloy.....	
<i>Panicum prionites</i> , n. v. <i>cortadera</i>	
XCVI Ceibo, nombre indígena Mainic.....	
<i>Erythrina crista-galli</i> L., n. v. <i>ceibo</i>	
XCVII Nombre indígena Ybajay (guarans) u olagyo Locovie	
(mocobí).....	
<i>Eugenia Myrcianthes</i> Niedenzu, n. v. <i>Ybajay</i>	
XCVIII Sin leyenda.....	
<i>Arundo Donax</i> †, n. v. <i>caña</i>	
XCIX	
1. Cardones	
<i>Cereus</i> sp., n. v. <i>cacto</i>	
2. Sin leyenda	
<i>Echinopsis</i> sp., n. v. <i>cacto</i>	
3. Nombre indígena Notegogzco	
<i>Harrisia</i> sp., n. v. <i>cacto</i>	
C Palo borracho.....	
<i>Chorisia</i> sp., n. v. <i>palo borracho</i>	
CI Sin leyenda e irreconocible.....	
CII Sin leyenda.....	
<i>Protopis Kuntzei</i> Harms †, n. v. <i>Itia</i> o <i>barba de</i>	
<i>tigre</i> . (Por las ramificaciones parece tratarse de	
esta especie, aunque las hojas recuerdan más	
bien una palmera)	
CIV Espinillo, nombre indígena Apiguio.....	
<i>Protopis Naudubay</i> Lor. †, n. v. <i>ñandubay</i>	

Al final de la 2ª parte

FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán. p. 425, grifos nossos.

A árvore denominada *Apagquic* (figura 18), pelos Mocoví, era conhecida como *espinillo negro* entre os espanhóis. Paucke a caracteriza como sendo de “escasa altura y grosor

pues es un árbol bajo, delgado y generalmente torcido [...] lleno de espinas blancas, tiene gruesas chauchas pardi-rojas de un dedo de largo” ([1774], 2010, p.600). Sem demora, o missionário também escreve sobre os aspectos da madeira que “estando seca es muy quebradiza y rompible, pudre pronto en la tierra, es muy inservible para quemar porque estalla mucho y chispea y no sirve para otra cosa que para carbón de herrería” (*Ibid.*). Coloca, ainda, que essa árvore “florece el primero en la primavera; antes de que brote una hojita, se halla cubierto por completo com flores anaranjadas” (*Ibid.*) e que “los gusanos de seda silvestres son muy afectos a este árbol” (*Ibid.*, p.601).

Paucke escreve, ainda, que

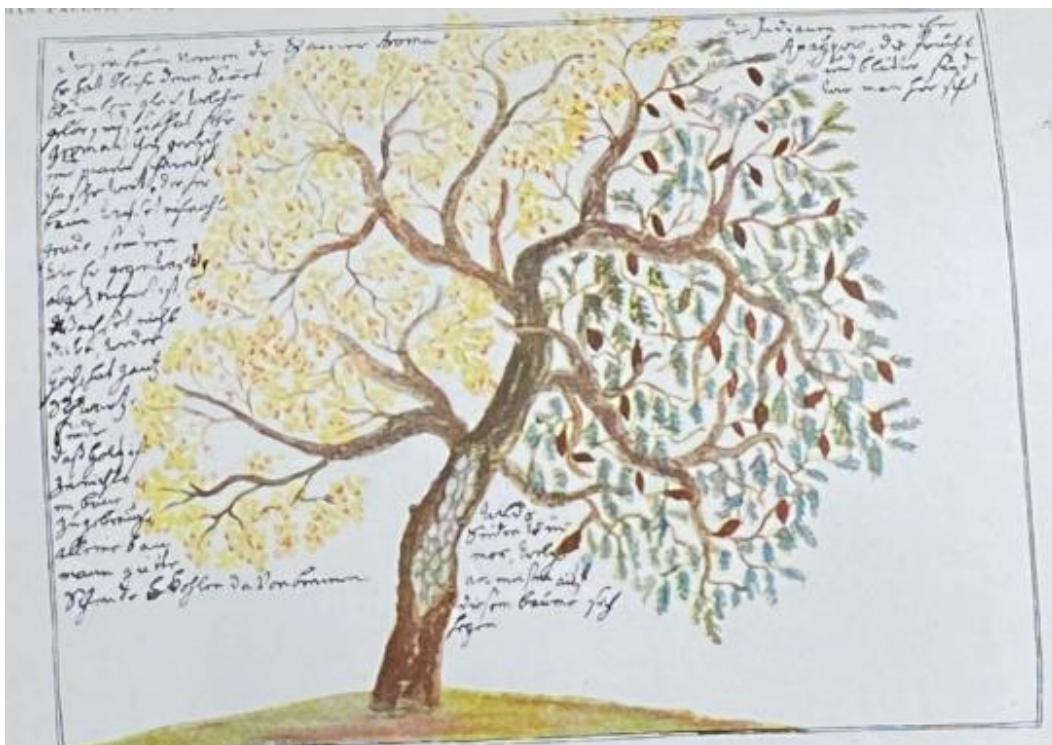
Estos árboles exudan también una bella goma que en parte es completamente amarilla y diáfana, en otra también blanca. Cuando él exuda pende de esta goma cual un pegote de cola de carpintero en la corteza pero cuando se endurece asemeja al ámbar de la cual se pueden hacer los más bellos rosarios iguales a los de ámbar; sólo se toma un pedacito de Pimbsen [junco] o uma espina de este árbol, se envuelve esta goma mientras está blanda en su derredor [y] después que se la ha formado en coral redondo, se hace secar y queda el grano ya com su agujerito (*Ibid.*, p.601, grifos nossos).

Por meio da citação acima, é possível perceber que o jesuíta atenta para a utilidade da cola que é produzida por esta árvore e explica até o processo através do qual se poderia fazer um rosário com ela. Além disso, compara essa cola/resina com a que é produzida pelo âmbar, conhecido na Europa. Veremos que algumas de suas aquarelas, como é o caso da que ilustra essa árvore, possuem verbetes explicativos à moda das enciclopédias ilustradas o que evidencia, mais uma vez, o diálogo da Companhia de Jesus com homens de ciência e com o que estava sendo estabelecido pela ciência daquele período.

Outra classe de árvore descrita por Paucke neste capítulo é a *Amapic* (Figura 19), chamada pelos espanhóis de algarrobo blanco. De acordo com ele, “estos árboles son gruesos, no son muy altos, puede que se encuentre alguno que crece en altura como una encina<sup>33</sup>” (*Ibid.*, p.593). Sobre a utilidade da madeira, o jesuíta escreve que “es muy parecida a la madera de encina en calidad y resistencia pero el color no [es] tan amarilla sino más azulada” além de ser também “bastante similar a los robles pero las hojas se diferencian por completo de las hojas de robles” (*Ibid.*).

---

<sup>33</sup> A nota de rodapé 508, da obra do Paucke (edição de 2010), coloca a “encina” como sendo a planta *Steineiche* (em alemão), que seria a árvore carvalho verde em português.

Figura 18 – *Apagquic* (Lâmina LVIII)

FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

#### Legenda da Imagem:

“Los Españoles llaman Aroma a este árbol, los índios denominam *Apagquic*, la fruta y hojas son como se ve aqui. El tiene flores iguales a las ‘florcitas de terciopelo’ a las cuales son amarillas, tiene olor muy aromático y se le siente muy lejos. Este árbol no crece jamás derecho sino [en la forma] como há sido dibajado al presente. No crece grueso ni alto, tiene una corteza completamente negra. La madera no es utilizable en la construcción, únicamente puede quemarse com ella um buen carbón para herrerla. [Sobre el tronco una lista blauca a cuyo lado se lee]: gusanos de seda silvestres que em mayría se colocan sobre este árbol” ([1774], 1944, p.228).

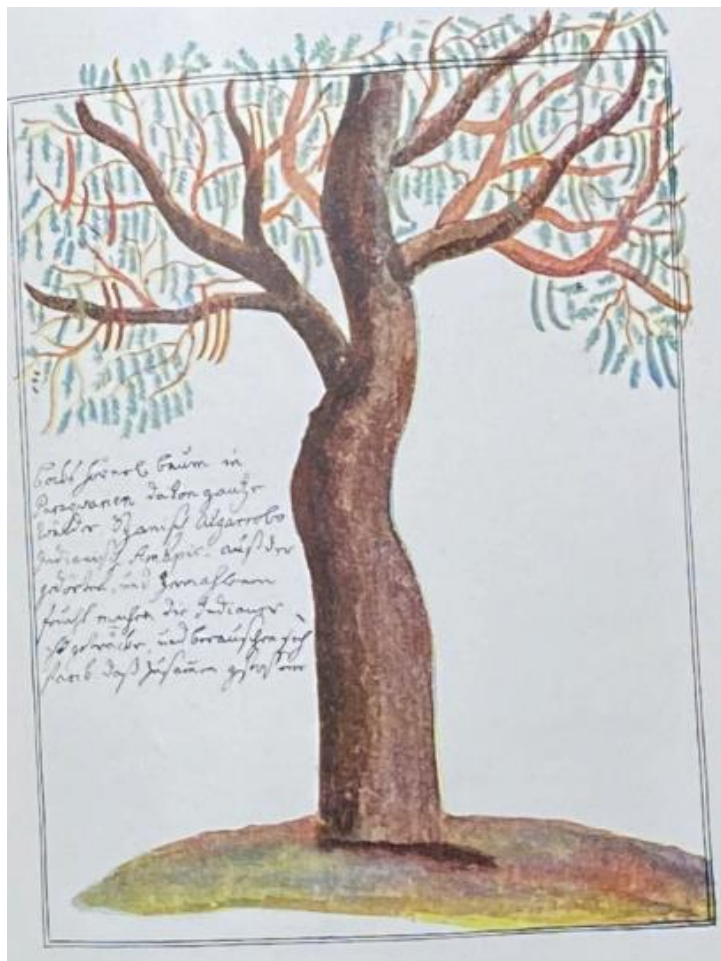
A fruta produzida pela árvore *Amapic* era chamada, pelos Mocoví, de *Amap*, a qual era “muy abundante y consiste en unas chauchas amarillas de un largo de un buen jeme” (*Ibid.*). O missionário coloca que “Cuando están aún verdes, es imposible comerlas pues ellas contraen mucho la boca y tienen el sabor más amargo al igual del pan de San Juan inmaturo pero cuando maduran bien, son harinosas y dulces” (*Ibid.*). Paucke afirma que “Los caballos cimarrones, puercos y otra salvajina, se reúnen en los bosques debajo de estos árboles y engordan mejor con esta fruta caída que el ganado cerdudo con las bellotas en nuestros países” (*Ibid.*). Além disso, “generalmente se encuentran pendientes de las ramas de tal árbol, tres, también cuatro nidos” de pequenos papagaios verdes (*Ibid.*, p.598).

A colheita dessa fruta, quando madura, era feita somente pelas mulheres e suas filhas nos bosques, e por ser tão abundante precisava ser armazenada em lugares secos, como cabanas, caso contrário a umidade começava o processo de fermentação. Paucke relata que “ha



ocurrido que mis indios han sido despojados de las frutas juntadas pero por los españoles que con carros han marchado a los bosques cercanos de la ciudad y a los indios les han vaciado muchos de estos trojes” (*Ibid.*, p.594). Essa passagem expõe as críticas feitas pelo missionário em relação à conduta dos espanhóis.

Figura 19 – *Amapic* (Lâmina LIX)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocoibies, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

**Legenda da Imagem:**

“El árbol de cuernitos de chivo en Paracuaria [hay] bosques enterros. Em español [se denomina] algarrobo e em índio *Amapic*. Los índios hacen de la fruta secada y mollida sus bebidas y se emborrachan fuertemente” ([1774], 1944, p.238).

A fruta *Amap* era apreciada pelos espanhóis pela sua utilidade, já que faziam farinha com ela e, posteriormente, uma espécie de massa, a qual teria “un sabor muy dulce” (*Ibid.*, p.594). Além disso, havia um outro modo de preparo que consistia em deixar “sobre la fruta machacada una cantidad mayor de agua, la dejan fermentar por veinticuatro horas hasta que forma una capita, cuelan el agua, agregan un poco de canela y azúcar y la beben. Tiene buen

sabor y es muy diurética” (*Ibid.*, p.595). Por outro lado, os Mocoví também realizavam outro tipo de preparo que consistia em colocar a fruta esmagada em um recipiente grande derramando um pouco de água e, posteriormente, mexendo. Depois disso, eles retiravam as frutas e bebiam o líquido que ficava com o seu sabor. Sobre esse preparo Paucke expressa: “¡Puf, cuán apetitoso!” (*Ibid.*).

Os indígenas faziam, também, uma espécie de “queso amarillo y lo comen por pedazos. Yo he hecho hacer muchos de tales quesos para mí y me han gustado mucho pero en frecuentes veces este comistrajo me repugnaba a causa de su dulzor [...]” (*Ibid.*). Paucke escreve que “Los españoles llaman *Patay* a este queso harinoso redondo, pero yo le daba el nombre de un *Pumpernikl* [pan de Westfalia] índio” (*Ibid.*). Por meio dessa passagem vislumbramos mais uma de suas comparações com práticas e alimentos que o jesuíta já conhecia. O missionário coloca, ainda, que “La semilla es extraordinariamente fértil, pues cuando ellos tiran las vainas sorbidas en cualquier parte del campo, brotan [éstas] a los pocos días aunque la semilla es dura” (*Ibid.*).

Dessa fruta, os Mocoví faziam uma bebida embriagante, conhecida como chicha entre os espanhóis, sendo que seu preparo ocorria da seguinte forma:

[...] la fruta de algarroba se seca de nuevo a la sombra para que se quiebre con menos fuerza, se machaca bien, se cava un buen hoyo en tierra que forran con un cuero crudo de buey o vaca, vuelcan adentro la algarroba machacada, echan agua encima basta arriba, dejan fermentar bien todo durante dos, también tres días, según cómo el calor sea más débil o más fuerte, o colocan cuatro palos en tierra, cuelgan de ellos un cuero de sus cuatro puntas de modo que semeje una bolsa; ahí dentro vuelcan la sustância machacada, sobre ella agua y síguese así (*Ibid.*, p.596).

De acordo com Paucke, essa bebida “es muy diurética y a la vez alimenta bien [...] tiene un olor repugnante [...] La causa del hedor de la chicha está en que los indios dejan fermentar demasiado la algarroba” (*Ibid.*, p.597). Além disso, ao colocar que ela “expele la orina, purifica al cuerpo de malos humores y flujos duros, de substancias de piedras y arenas y también alimenta bien” (*Ibid.*), o jesuíta evidencia o conhecimento e aplicação dos preceitos medicinais hipocrático-galênicos em voga no Setecentos.

Não obstante, o *Amap* também era utilizado para tingimento: “Cuando los españoles desean que la lana tejida o sin tejer llegue a tener um hermoso [color] rojo, fabrican la más fuerte chicha que les sirve en lugar del alumbre” (*Ibid.*, p.598). Por outro lado, as folhas desta árvore “son buenas a los indios cuando los dientes se hacen contráctiles o débiles luego de haber comido la fruta ácida” (*Ibid.*). A madeira “[...] sirve para forro de ventanas y puertas y para tirantes sobre ventanas y puertas cuando se hace la pared con tierra pisoneada para que la

pared superior que sobrepasa a la ventana y puerta descansa sobre ella” porém, de acordo com o missionário, “la madera de algarrobo no es tan buena como la del laurel porque ésta tiene más vetas tejidas entre sí, pero el algarrobo [tiene vetas] parejas y es más quebradizo” (*Ibid.*).

Outra árvore descrita por Paucke é o espinillo blanco, chamado pelos indígenas de *Apigni* (figura 20). De acordo com o jesuíta, “Las chauchas son más largas y más gruesas que [las de] la algarroba negra pero matizadas o también en rojo y azul o geschäkig y tampoco pueden ser comidas secas pues originan bocas torcidas [muecas]” (*Ibid.*, p.600). Com relação à madeira “es pesada y dura como hueso, negriroja, muy lisa y brillante, sirve mejor debajo de tierra donde endurece aun más. Se usa también para cercos del ganado [...]. Su mayor utilidad es para palizadas en las fortalezas [...]” (*Ibid.*). Os Mocoví usavam “en la agricultura esta madera para hacer las puntas de los arados, hacen puntas para sus flechas, fuertes garrotes para matar, también palas de puntear para cavar la tierra” (*Ibid.*). Cabe destacar que as informações que Paucke insere na própria ilustração se constituem em uma espécie de sistematização das características descritas com maior profundidade ao longo da obra.

Figura 20 – *Apigni* (Lâmina CIV)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

**Legenda da Imagem:**

“Este árbol se denomina Espinillo por los Españoles, *Apignic* por los índios. Su fruta es como la de los cuernitos de chiva (Algarroba): no se puede comer, pues contrae em demasia la boca. Su madera, por su dureza, puede echar a perder muchas hachas. El corazón de este árbol es tan duro, que no se halla expuesto a la pudrición por cuarenta a cincuenta años. Aunque la madera exterior se pudra, el centro no sólo queda incólume dentro de la tierra, sino que aún se endurece más. Las frutas son unas vainas, entreveradas de color verde, rojo-violeta y también muy rojo no pueden ser comidas porque son de acro amargura ([1774], 1944, p.402).

Há também uma outra classe de árvores que, segundo Paucke “son iguales a un peral alto” denominadas pelos espanhóis de Ybajai, e pelos Mocoví *Clagye locoic* (figura 21). As folhas dessa planta eram “[...] angostas, de um largo de dos pulgadas, verdes como las hojas de olivos, por abajo ásperas y blancas tienen una buena madera blanca y flerte” (*Ibid.*, p.601). Por outro lado, a fruta era “como un gran huevo de gallina, amarilla como naranja, cubierta por una corteza delgada, tiene en el medio un carozo como de avellana, es muy jugosa y agridulce es muy refrescante” (*Ibid.*, p.602). Os espanhóis “exprimen el jugo como de los citrones lo hierven con azúcar purificado que ellos llaman almíbar, hervido lo conservan cual syrup [jarabe] claro y lo usan a guisa de sorbete refrescante cual una limonada” (*Ibid.*). Com relação à madeira, Paucke coloca que “al principio es buena para su empleo, no tiene sin embargo persistencia y pudre en pocos años aun cuando no esté debajo de tierra sino que se use sólo para la edificación, ventanas o puertas” (*Ibid.*).

Entre os rios Dourados e Paraná havia um tipo de árvore com “una corteza áspera, cuyas ramas son como puros palos que abajo son gruesos pero poco a poco terminan puntiagudas, en derredor tienen espinas que son como las de bayas del cambrón, pero de doble tamaño y en su vista como garras de tigre” (*Ibid.*). Essa árvore era chamada de ceibo pelos espanhóis, e *nainic* pelos Mocoví (figura 22), sendo que a aquarela que a retrata ilustra a capa deste trabalho.

Paucke escreve que “Lo más agradable en este árbol es la florescencia que es de un rojo subido y dá flores como la ginesta pero algo más grandes en la figura. La florescencia no está dispersa por todo el árbol sino que es un gajo verde que por una tertia pende de la rama”, sendo que essas flores teriam “uma semejanza de um largo leminisco [leminisco] colorado” (*Ibid.*). Com relação às folhas, o jesuíta coloca que “tiene bellas hojas verdes pero que no visten tan copiosamente sino moderadamente al árbol, es muy agradable ver cómo a estos rojos arbustos han sido mezcladas tan moderadamente las bellas hojas verdes semejantes a las hojas de naranjas” (*Ibid.*). Nesta passagem, conseguimos observar e até sentir o deslumbramento do missionário jesuíta diante do florescimento desta árvore.

O missionário menciona, ainda, que com as flores da *nainic* “Los niños indios se hacen de ellos muy bellas coronas y pasean con ellas en la aldea también arrancan las flores y las

chupan pues tienen en el mango un jugo dulce” (*Ibid.*). Com relação à madeira, Paucke afirma que “no sirve a ninguna otra cosa que para las partes anteriores y posteriores de los recados porque estando seca es muy liviana; las tablas de esta madera podrían emplearse en la mejor forma para cajones de comercio y otros embalajes livianos” (*Ibid.*). Além disso, o jesuíta coloca que “el tigre cuando está furioso y airado mitiga únicamente em este árbol el veneno de sus garras y rasguña y rompe la corteza toda en derredor del árbol. Yo lo he visto muchísimas veces con mis [propios] ojos” (*Ibid.*, grifos nossos). Paucke faz questão de ressaltar, ao longo do seu relato, os efeitos da experiência e da observação *in loco* como uma forma de legitimar e dar credibilidade àquilo que estava escrevendo.

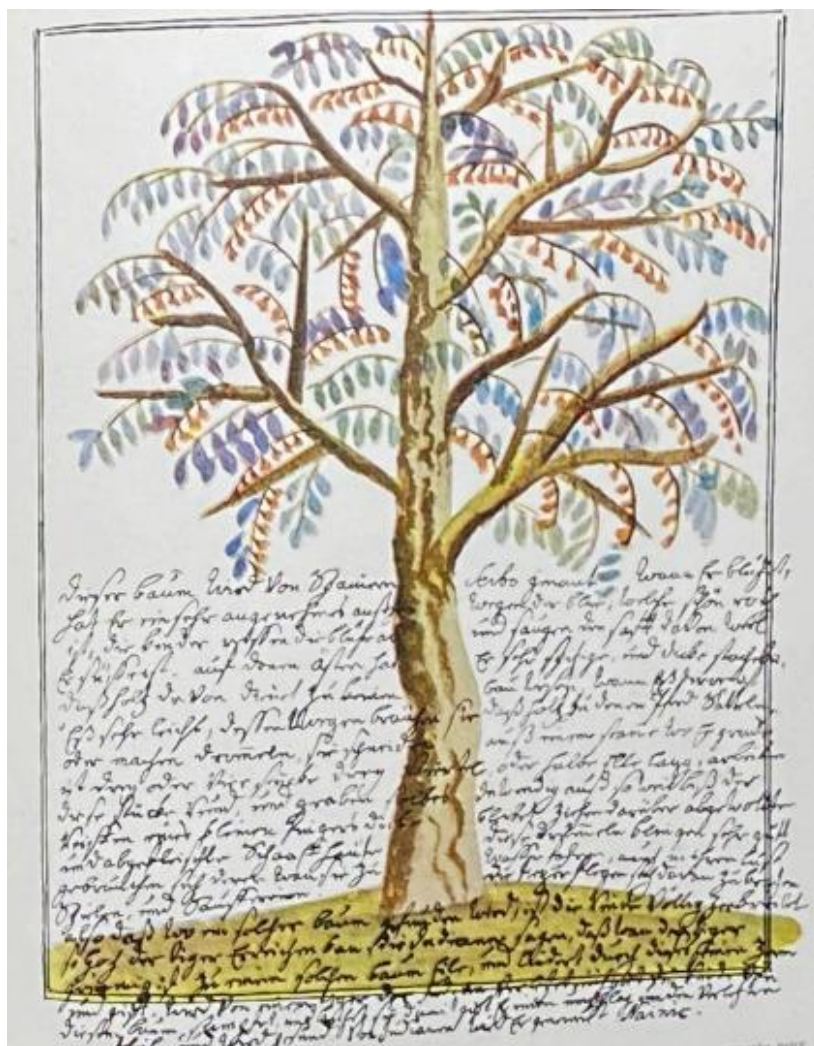
Figura 21 – *Clagye locoic* (Lâmina XCVII)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocabíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

**Legenda da Imagem:**

“Este árbol se llama Ybajaí por los guaraníes, *Clagye locoic* por los Mocabíes. Rinde una fruta roja em la figura de um huevo de gallina, adentro llena de jugo tiene um carozo pequeno. Es em realidade de un sabor agreste, pero tiene un mal olor a chinche que el jugo perde con el tiempo. De este jugo puede hacerse también um buen vinagre. La madera es apta para tirantes como también para las varas de los carros de carga” ([1774], 1944, p.394).

Figura 22 – *Nainic* (Lâmina XCVI)

FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocoibies, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

#### Legenda da Imagem:

“Este árbol se denomina ceibo por los Españoles. Al florecer tiene un aspecto muy agradable a causa de la flor que es de bello color rojo. Los niños arrancan flor y sorben el jugo por ser dulce. Sobre las ramas tiene espinas muy pontiagudas y duras. Su madera no sirve para construcción alguna. Cuando está seca, es muy liviana, por lo cual se usa la madera para recados de caballos o se hacen tambores. Ellos cortan de un tronco donde está recto, tres o cuatro pedazos en una longitud de tres cuartos o de media vara, redondean estos pedazos y los excavan en el interior hasta quedar del grossor de un anillo de un dedo meñique. Sobre esto estiran pieles lanares esquiladas y descarnadas. Estos tambores suenan muy bien y los usan cuando viajan por agua, también en sus diversiones y beberajes. Les tigres suelen rascarse contra ellos [los ceibos] de modo que donde se haya semejante árbol, la corteza está completamente raída en la altura hasta donde puede llegar el tigre. Los indios dicen que cuando el tigre está furioso, acude a semejante árbol y aplaca con esto su ira y veneno. Si el indio queda herido por um tigre, toma la corteza de este árbol, la machaca y con esta pone um fomento sobre la parte herida y sana” ([1774], 1944, p.393).

Por fim, Paucke descreve duas árvores que foram ilustradas em uma única aquarela (Figura 23). A árvore da esquerda era denominada pelos espanhóis de *palo de leche*, e pelos Mocoví como *Doic*. O caule dessa planta oferecia um líquido que parecia com leite, sendo que

“Esta leche es tan retentiva que yo la he dado em lugar de liga para [cazar] pájaros a mis muchachos indios que con ella han cazado avecillas” (*Ibid.*, p.603). Além disso, as folhas eram “largas como las de sauces, verdemar y abajo blancuzcas” e a madeira “blanca, seca y muy liviana, la corteza blanco gris, sólo sirve para lo que sirve el ceibo” (*Ibid.*). Com relação à árvore da esquerda, ela era denominada pelos espanhóis como *sangre de drago*. Paucke não a menciona ao longo do capítulo IX, então o que se sabe a seu respeito é somente o que consta na descrição feita na própria aquarela.

Figura 23 – Doic e Sangre de drago (Lâmina LXXXIX)



FONTE: Paucke, F. 1942, 1943, 1944. Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocabíes, 1749-1767. Tomo III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

**Legenda da Imagem (árvore da esquerda):**

“Este árbol se denomina Palo de leche o Milchbaum a causa de que al hacerse con el cubillo un tajo su corteza, mana de ahy en seguida una humedad o jago igual a una leche que se vuelve tan pegajosa y tenaz que con ella se pueden cajar pájaros. Su madera es blanca y estando seca muy leviana. Los indios llaman este árbol *Doic*” ([1774], 1944, p.386).

**Legenda da Imagem (árvore da direita):**

“Este árbol se denomina por los españoles sangre de drago. *Drachenblut*, a causa de que al hacerse con un enchillo um tajo en su corteza, mana de alá un jugo igual a la más bella [verdadera] sangre. Este jugo endurece en corto tiempo cual una goma. Puede ser pulverizado prunto y se le puede usar muy bien para pintar y barnizar. Es excelente para tomarlo contra la disenteria roja. El árbol tiene entreveradas hojas rojas y verdes, es de bello aspecto. Yo había hecho una buena provisión de este jugo” ([1774], 1944, p.386).



A fim de sistematizar as representações de Paucke sobre as árvores chaquenhas descritas acima, construímos a tabela abaixo (tabela 2), ordenando as informações dadas pelo missionário a partir dos seguintes critérios: adjetivos empregados para descrever, utilidades ressaltadas, comparação com algo existente Europa, associação com uma sensibilidade dócil/selvagem? Considerando a afirmação de Chartier (1990, p.20) de que “a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”, essa tabela irá nos ajudar a evidenciar melhor as representações que são feitas dessa natureza pelo missionário e, também, da sua inserção no discurso utilitarista e de afirmação da natureza americana características desse período.

Tabela 2 – Representações da natureza por Florián Paucke

Árvore	Adjetivos	Utilidade	Comparação	Dócil/Selvagem?
<i>Apagquic</i> Figura 18	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>Bajo, delgado, torcido</u>;</li> <li>- Espinas <u>blancas</u>;</li> <li>- Chauchas <u>pardi-rojas</u>;</li> <li>- Corteza <u>negra</u>;</li> <li>- Olor muy <u>aromático</u>;</li> <li>- Madera <u>quebradiza y rompible</u>;</li> <li>- Goma <u>blanca, amarilla y diáfana</u>.</li> </ul>	<p><u>Madera</u>: no es utilizable en la <u>construcción</u>. Inservible para <u>quemar</u>;</p> <p><u>Goma</u>: cuando se endurece se pueden hacer los más belos <u>rosarios</u>.</p>	<p>Flores iguales a las “<u>florcitas de terciopelo</u>” (refere-se à flor Celosia Cristata, que pertenece à família Amaranthacea);</p> <p>Cuando a goma se endurece asemeja al <u>ámbar</u>.</p>	<p>“Las flores [...] expiden um olor <u>dulce</u> muy agradable que se <u>siente alegremente</u> desde lejos” (p.600).</p>
<i>Amapic</i> Figura 19	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>Gruesos</u>, no son muy altos;</li> <li>- Madera <u>azulada, de calidad y resistencia</u>;</li> <li>- Corteza áspera y rugosa;</li> <li>- Fruta <u>abundante</u>, unas <u>chauchas amarillas</u>;</li> <li>- Semilla: <u>extraordinariamente fértil</u>;</li> <li>- Chicha: <u>diurética, alimenta bien, hedor fuerte</u>;</li> </ul>	<p><u>Animais</u>: los gusanos de seda silvestres se colocan sobre este árbol; los caballos cimarrones, puercos y outra salvajina engordan mejor com esta fruta caída; los pequeños loros verdes hacen nidos;</p> <p>La <u>fruta</u> se usa para teñir lana y también por los españoles y indios en diferentes recetas, incluyendo la chicha que era buena para la salud.</p>	<p>Madera similar a da planta de <u>encina</u> e de los robles;</p> <p>Cuando las frutas están aún verdes tienen el sabor más amargo al igual del <u>pan de San Juan</u> (refere-se à árvore alfarrobeira);</p> <p>La madera de <i>Amapic</i> no es tan buena como la del <u>laurel</u> (refere-se à árvore de louro);</p>	<p>“[...] <u>he visto con admiración</u> que en el lugar abandonado había crecido todo un pequeño bosque de algarrobos en algunos años” (p.595).</p>



		Las <u>hojas</u> cesan la contractibilidad entre los dientes.		
<i>Apigni</i> Figura 20	- Chauchas: <u>gruesas</u> , <u>largas</u> , matizadas en <u>rojo y azul</u> ; - Madera: <u>pesada</u> y <u>dura</u> , <u>negriroja</u> , muy <u>lisa</u> y <u>brillante</u> ; - Frutas: de <u>color verde</u> , <u>rojo-violeta</u> ;	<u>Madera</u> : para cerco del ganado y palizadas en las fortalezas. Los Mocoví usan para hacer puntas de los arados y para sus flechas.  Las <u>frutas</u> son unas vainas que no pueden ser comidas porque son de acro amargura.	Las chauchas son más largas y más gruesas que las de árbol <u>algarroba</u> .	“Sería una <u>hermosa madera</u> para trabajo de revestimiento en mesas, cajones de ropa [cofres y semejantes [usos]]” (p.600).
<i>Clagye locoic</i> Figura 21	-Hojas: <u>angostas</u> , <u>verdes</u> , <u>ásperas</u> y <u>blancas</u> ; -Fruta: <u>amarilla</u> como naranja, cubierta por una <u>corteza delgada</u> ; - Jugo: de un sabor agreste, mal olor;	La <u>fruta</u> es comestible, y los españoles hacen una bebida que llaman almíbar. Con este jugo se puede hacer un buen vinagre;  La <u>madera</u> es apta para tirantes como también para las varas de los carros de carga.	Las hojas son verdes como las hojas de <u>olivo</u> . Tiene un carozo como de <u>avellana</u> .	La fruta “es muy jugosa y agridulce es muy refrescante” (p.602).
<i>Nainic</i> Figura 22	- Corteza: <u>áspera</u> ; - Ramas: abajo son <u>gruesos</u> pero terminan <u>pontiagudas</u> , en derredor tienen <u>espinas</u> que son como las de bayas del cambrón; - Flores: rojo subido; -Hojas: <u>bellas hojas verdes</u> .	Con la <u>flor</u> los niños indios se hacen de ellos coronas, y también chupan las flores pues tienen un jugo dulce;  La <u>madera</u> estando seca es muy liviana, sirve solo para, tambores, cajones de comercio y otros embalajes livianos.	Las flores terian una semejanza de un <u>largo leminsko colorado</u> .	“Lo <u>más agradable</u> en este árbol es la <u>florescencia</u> ” (p.602);  “Es <u>muy agradable</u> ver cómo a estos rojos arbustos han sido mezcladas tan moderadamente las bellas hojas verdes semejantes a las hojas de naranjas” (p.602).
<i>Doic</i> Figura 23	Hojas: <u>largas</u> , <u>verdemar</u> y <u>blancuzcas</u> ; Madera: <u>blanca</u> , <u>seca</u> y <u>liviana</u> ; Corteza: <u>blanco gris</u> .	<u>Leche</u> dá liga para cazar pájaros.  La <u>madera</u> sólo sirve para lo que sirve el ceibo.	✘	✘

<p>Sangre de drago Figura 23</p>	<p>Hojas: <u>rojas y verdes</u>, de bello aspecto; Corteza: tiene un jugo <u>como sangre</u>.</p>	<p>Este jugo endurece cual una goma. Puede usar muy bien para pintar y barnizar. Es excelente para tomarlo contra la disenteria roja.</p>		
--------------------------------------	---	---	--	---

Com relação aos adjetivos, percebemos que Paucke buscou qualificar os diferentes aspectos apresentados em cada uma das árvores, dando bastante enfoque para a questão das cores, sendo elas representadas nas aquarelas também. Com relação à utilidade, o missionário tratou, sobretudo, das folhas, frutas, flores e madeiras, descrevendo quando algo não era tão útil também. O jesuíta estabeleceu comparações com árvores da Europa, o que demonstra a sua busca por descrever esse novo ambiente a partir de conhecimentos prévios.

Um ponto bastante interessante é o fato de o missionário trazer os nomes dados às plantas pelos Mocoví, o que demonstra também os efeitos do convívio e da experiência vivenciada por ele na América. Percebemos, ainda, que Paucke buscou representar uma natureza com enorme potencial, por meio de adjetivos que apontam para sua utilidade. Cabe ressaltar que nas 6 aquarelas que destacamos neste tópico, não há a presença de indígenas (homens, mulheres ou crianças), sendo que apenas a flora é representada.

Entendemos que as aquarelas que ilustram a obra do jesuíta Florián Paucke são fontes valiosas para a identificação de suas percepções sobre a flora chaqueña. As 6 aquarelas que selecionamos trazem informações sobre suas virtudes e utilização e, também, curiosidades sobre a própria origem dos nomes a elas atribuídos. Desta forma, além de contribuírem para a reconstituição dos biomas do Chaco, inserem-se no discurso utilitarista e de afirmação da natureza americana, abordados nos capítulos anteriores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo prevaleceu a visão de que o mundo ibero-americano e, sobretudo, a Companhia de Jesus estiveram em dissonância com as práticas científicas da época moderna. No entanto, apesar de habitarem regiões consideradas periféricas e somente receptoras de conhecimentos produzidos em outras partes do mundo, os missionários jesuítas foram figuras extremamente importantes na produção de conhecimentos de Histórias Naturais e Matérias Médicas. Essas obras, fundamentadas a partir de observações e experiências vivenciadas por esses indivíduos, evidenciam o diálogo que a ordem manteve com a ciência e com a filosofia vigentes naquele período (Fleck, 2021).

À medida em que fomos realizando a pesquisa, a partir da proposta de analisar, especificamente, quais as percepções/representações da natureza chaquenha do século XVIII, bem como os usos que dela poderiam ser feitos, presentes na sexta e última parte da obra *Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios Mocobíes 1749-1767*, escrita por Florián Paucke, nos deparamos com diversas questões importantes de serem exploradas. Nesse sentido, a inserção do manuscrito em seu contexto de produção e, também, no contexto das reduções da Companhia de Jesus na América Platina do setecentos foram aspectos fundamentais a serem estudados. Não obstante, a caracterização do Gran Chaco setecentista e a análise das descrições do missionário sobre a natureza chaquenha relacionadas a práxis do Século das Luzes também foram pontos desenvolvidos ao longo do trabalho.

O exercício de leitura do manuscrito de Paucke, que realizei ainda durante minha participação como bolsista IC no projeto desenvolvido pela professora Eliane C. D. Fleck<sup>34</sup>, me permitiu a identificação de um rico material iconográfico e descritivo acerca dos indígenas Mocoví e da natureza da região do Gran Chaco. Essa obra de História Natural, escrita, originalmente, em alemão, dividida em seis grandes partes e com a presença de cerca de 150 ilustrações, revela aspectos importantes das práticas sociais e culturais dos indígenas, bem como da flora, fauna e hidrografia da região em que o jesuíta se encontrava missionando. Entretanto, desde o princípio, foram os aspectos relacionados à natureza que me instigaram e fizeram com que eu optasse por dar continuidade à pesquisa sobre essa temática no meu trabalho de conclusão de curso.

---

<sup>34</sup> Projeto intitulado "A natureza americana, por seus usos e percepções: Ciência e História em obras manuscritas e impressas de Botânica Médica e História Natural (América Meridional, século XVIII)".

Em um primeiro momento, compreender a vida e a trajetória do jesuíta Florián Paucke nos territórios da Província do Paraguai/Paracuaria foi fundamental. Paucke era um missionário considerado estrangeiro, oriundo da Europa Central, mais especificamente da região da Silésia, que aportou nas terras americanas em dezembro de 1748. Foram quatro meses sobre o mar até a chegada na Colônia do Sacramento, além da viagem por rio até Buenos Aires, onde o jesuíta residiu por quatro meses. Através do seu relato é possível identificar a ânsia do missionário em chegar à América, mas, principalmente, em poder iniciar seu trabalho de evangelização junto aos indígenas.

Conhecer com mais profundidade sobre a região chaquenha também foi algo essencial para o desenvolvimento do trabalho. Naquele momento, a visão de um Chaco selvagem e feroz, baseado em mitos e lendas, povoava o imaginário dos indivíduos. Por isso, foi importante desmistificar esses estereótipos e vislumbrar esse lugar como sendo, além de extenso e multifacetado em termos de flora e fauna, extremamente plural etnicamente, já que diferentes grupos indígenas coexistiram com suas práticas e costumes particulares, sobretudo o grupo linguístico Guaicuru, formado pelos indígenas Mocoví, Toba, Payaguá, Abipone e Mbayas-Guaycurú.

Por meio da segunda parte do seu relato, intitulada *Mi estada y trabajo em Paracuaria*, Paucke nos apresenta, ao longo dos capítulos, descrições importantes que permitiram conceber como se deu a atuação do missionário junto aos indígenas Mocoví. Ele chegou na redução de San Javier quando ela já estava terminando de ser estabelecida, em 1750. O jesuíta descreve que teria iniciado a fundação de outra redução, a de San Pedro, mas que a sua conclusão não foi possível por conta da ordem de expulsão do rei Carlos III.

Além disso, não seria possível analisar de que forma o missionário jesuíta Florián Paucke apresentou a natureza americana, especificamente da região do Chaco, em sua obra, sem a compreensão de alguns contextos dos quais ele esteve inserido. A tradição de escrita da Companhia de Jesus, mantida desde os primórdios da ordem, bem como sua inserção na literatura religiosa da época moderna e a construção de uma Ilustração Católica são alguns deles. Escrever era tarefa fundamental para a Companhia, tanto para afirmar seu papel na Europa, como para justificar suas atividades nessas longínquas terras. A Companhia de Jesus deparou-se com diversas crises de legitimidade e, nessa conjuntura, a escrita foi utilizada pelos inicianos como uma forma de defender sua instituição e suas obras.

Nessa perspectiva, foi essencial, também, o entendimento das mudanças epistemológicas que começaram a ocorrer no final do século XVII e ganharam efervescência no XVIII, principalmente, nesse caso, pensando em como a transformação da mentalidade

afetou a forma com que se apreendia a natureza. O Setecentos será marcado, portanto, pelo nascimento do interesse do mundo natural, guiado pelos paradigmas iluministas. Nesse contexto, por meio da circulação de textos impressos, bem como da criação de academias de ciências, jardins botânicos, coleções particulares, surgem os gabinetes de História Natural. A ordem inaciana não ficou imune a esse fenômeno significativo e, nesse contexto, os membros da Companhia passaram a desenvolver trabalhos ricos em descrições e classificações da fauna e flora das colônias.

Concomitantemente, surge a chamada Polêmica do Novo Mundo, momento em que é atribuído à América o estado de imaturidade e inferioridade com relação à Europa. Autores como Conde de Buffon (Georges-Louis Leclerc) e de Pauw representariam um grupo de pensadores que defendeu a debilidade da natureza americana, evidenciada através de seus pequenos animais, especialmente os mamíferos, de sua umidade, da existência de uma grande quantidade de répteis, anfíbios e insetos (seres tidos como pestilentos e danosos), entre outros aspectos. Essas concepções se estendiam aos nativos, que eram vistos como degenerados.

Não obstante, a ordem, deparou-se com o anticlericalismo iluminista que considerava os padres conservadores e reacionários. Nesse momento, ocorreu a Ilustração Católica, que nada mais foi do que a leitura que a Companhia fez da Ilustração, apropriando-se seletivamente de algumas bases do discurso iluminista. Em suma, foi preciso compreender que com o início da alteração na *epistémê* no final do século XVII, ocorreram mudanças na sensibilidade frente às crônicas escritas até então, que passaram a determinar novas questões de credibilidade, o que vai automaticamente alterar o modo de conceber a natureza americana, pautadas agora nos novos paradigmas para a história natural.

A compreensão do processo de expulsão da Companhia de Jesus da América, decretado no dia 27 de fevereiro de 1767 pelo rei Carlos III da Espanha, também foi um ponto essencial a ser desenvolvido. Essa decisão fazia parte de um conjunto de mudanças realizadas pela Coroa espanhola, conhecidas como Reformas Bourbônicas, que visavam aumentar o controle do poder real sobre os domínios coloniais. Muitas obras foram produzidas pelos jesuítas durante seu exílio. Teriam eles sido movidos pela nostalgia, pelo tempo livre que dispunham ou pelo pedido de seus superiores? Será que esses missionários teriam escrito os mesmos livros caso a expulsão não tivesse ocorrido? Não haveria como dimensionar ao certo o que poderia ter sido se as circunstâncias fossem outras, o que é possível é tentar compreender como a escrita desses manuscritos durante o exílio refletiu a conjuntura daquele momento. A escrita de Paucke, ao se inserir no contexto da escrita de exílio, teve a memória como a matriz da sua narrativa, isso

porque os missionários, ao saírem dos territórios coloniais, teriam deixado tudo que era de sua propriedade.

O diferencial da obra analisada, se comparada a outras publicadas no mesmo contexto e período, é que, para além das descrições, o autor produziu uma rica iconografia que complementou a sua narrativa. Nesse sentido, essas ilustrações podem ser concebidas como textos que também podem ser lidos e que, sobretudo, auxiliam na construção do ponto de vista que o missionário desejou construir.

A fim de analisar quais as percepções/representações da natureza feitas por Paucke ao longo da última parte do seu manuscrito, realizamos um estudo da classificação e das categorias criadas pelo jesuíta para tratar sobre a natureza desse local, bem como das relações entre os conhecimentos europeus e os conhecimentos indígenas dessa região, a fim de compreender como essas descrições poderiam ter relação com os saberes científicos em voga nesse período. Também, sistematizamos as concepções de Paucke sobre os aspectos naturais da região em que estava inserido, elencando os principais pontos descritos em cada um dos vinte e quatro capítulos que compõem a parte analisada.

Por fim, analisamos a produção iconográfica do missionário a partir da perspectiva fornecida pelo conceito de representação, de Roger Chartier. Como vimos, por representação Chartier (1990) entende o modo como os indivíduos constroem intelectualmente seus mundos, sua realidade circundante, sendo que essa construção não é inocente, mas algo intencional e ligada a necessidades concretas. Nesse sentido, Paucke construiu intencionalmente a sua representação acerca da natureza chaquenha do Setecentos e, evidentemente, ao fazer isso nos forneceu informações sobre os tantos contextos que se entrelaçaram e permearam as entrelinhas do seu manuscrito.

A produção deste trabalho permitiu constatar que tanto as descrições quanto as ilustrações de Florián Paucke foram produzidas em defesa do mundo natural americano e suas potencialidades e, por outro lado, em contraposição à interpretação científica europeia em voga no Setecentos, disseminada pelo Conde de Buffon entre outros representantes do pensamento ilustrado, que detravam a natureza do Novo Mundo. Por mais que o seu manuscrito seja uma representação da realidade, uma construção evidentemente intencional, sua obra, mais do que um inventário do mundo natural e dos indígenas Mocoví, descortina interações entre diferentes agentes do saber daquele período. Em razão disso, por meio da análise da obra de Paucke, é possível a reconstituição, tanto dos aspectos da vida dos grupos indígenas observados, quando da natureza do local em que ele missionou.

## REFERÊNCIAS

AIMINO, Matías. Lenguajes, taxonomías e ilustraciones en la obra del naturalista jesuita Florián Paucke. **Bibliographica Americana** – Revista Interdisciplinaria de Estudios Coloniales, nº15, dez/2019. p.86-98.

ARENZ, Karl-Heinz. Missões jesuíticas no Maranhão e Grão-Pará. **IHU – On-Line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, RS, ano X, edição 348, p.30, out.2010.

ARNAUT, César; RUCKSTADTER, Flávio M. M. Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540). **Maringá**, v. 24, n. 1. 2002, p. 103-113.

ASÚA, Miguel. A história natural e da ciência como valor missionário. **IHU – On-Line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, RS, ano XVIII, edição 530, p.54, out.2018.

BAJO, Eduardo F. La obra del Padre Florian Paucke S.J. **Centro de Estudios Avanzados de la Universidad Nacional de Cordoba**. Estudios; No 5. Julio 1995.

BARCELOS, Artur H. F. Os jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII. **Revista Complutense de História da América**. 2000, 26: 93-116.

BRINGMAN, A. **Pe. F. Paucke, O grande missionário dos mocovís**. Tradução Arthur Rabuske- 1. ed. São Leopoldo-RS, Editora Unisinos, 2005.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 3ª ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular – O uso de imagens como evidência história**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAMPOS, Márcia. As cartas jesuíticas como fonte de estudo da ação missionária. **Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**. V. 6, N. 3 (set./dez. 2014) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2014. p.68-79.

CAMPOS, Rafael Dias da Silva. O Conde de Buffon e a Teoria da Degenerescência do Novo Mundo no Século XVIII. In: V Fórum de Pesquisa e Pós-Graduação em História da UEM & XVI Semana de História, 2010, Maringá. **Caderno de Resumos do V Fórum de Pesquisa e Pós-Graduação em História da UEM & XVI Semana de História**. Maringá: Eduem, 2010.

CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, p. 17-83.

CAPOZZI, Rebeca. **Experiência e descrição: os animais da frança equinocial entre a atividade franciscana e a filosofia natural (1612-1615)**. 262f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2021.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 347-360.

CARGNEL, Josefina G. La escritura de la Orden en la provincia jesuítica del Paraguay. **XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche. 19p, 2009.

CARGNEL, Josefina; PAZ, Carlos D. Crónicas de la barbárie: categorías y formas de organización de la política nativa chaqueña, analizadas y narradas por la compañía de Jesús. **Revista Digital de la Escuela de Historia** – año 4, nº7. Rosario, 2012. p.9-33.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CONCEIÇÃO, Gisele C. da. Natureza Ilustrada: Estudos sobre Filosofia Natural no Brasil ao longo do século XVIII. In: BRACHT, Fabiano; POLÓNIA, Amélia; CONCEIÇÃO, Gisele C; PALMA, Monique (Organizadores). **História e Ciência: Ciência e Poder na Idade Global**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2016, p.142-179.

COSGROVE, Denis. Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. **Boletín de la A.G.E.** N.º 34 - 2002, págs. 63-89.

COSTA, Maria de Fátima. De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico. **Revista do Ieb**. n.45, set 2007. p.21-36.

CYPRIANO, Doris C. A. **Os Toba do Chaco: Missão e Identidade. Séculos XVI, XVII e XVIII**. 2000. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2000.

DEL VALLE, Ivone. **Escribiendo desde los márgenes: colonialismo y jesuitas en el siglo XVIII**. México: Siglo XXI, 2009.

DOMINGUES, Beatriz H. A Disputa Entre “Cientistas Jesuítas” e “Cientistas Iluministas” no Mundo Ibero-Americano. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 5 n. 2, p. 129-154. 2010.

FELIPPE, Guilherme Galhegos. A lógica do mito e o lugar do Outro entre os índios do Chaco. **História Unisinos**: 20(2):120-130, Maio/Agosto 2016.

FELIPPE, Guilherme Galhegos; PAZ, Carlos Daniel. Interseção de subjetividades: a presença indígena na escrita afetada dos jesuitas. **Historia da Historiografia**. v. 12, n. 30, maio-ago, ano 2019, p. 198-232.

FERNANDES, Eunícia (Org.). **A Companhia de Jesus na América**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. 2013, 288p.

FLECK, Eliane. Sobre inventários do mundo natural e intercâmbios locais e globais: a Companhia de Jesus e a circulação de conhecimentos científicos na Época Moderna. **Antíteses**, Londrina, v.14, n. 28, p. 378-403, jul-dez. 2021.



FLECK, Eliane. **Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América Platina, séculos XVII e XVIII)**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014. 559p.

FLECK, Eliane C. D. **As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos: o Paraguay Natural Ilustrado do padre José Sánchez Labrador (1771-1776)**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2015.

FLECK, Eliane C. D. A ciência no exílio e o Paraguay por escrito. Um estudo sobre a produção científica de José Sánchez Labrador SJ. (América platina, século XVIII). In: **Jesuitas en las Americas – Presencia en el tiempo**. Marcia Amantino e Jorge C. T. Melean (orgs.). – La Plata: Jorge Cristian Troisi Melean, 2019. 550f. p.415-472.

FLECK, Eliane D. El Paraguay Natural Ilustrado, de José Sánchez Labrados SJ: entre la experiencia americana y el exilio. In: **Sociedades em movimento: Os impérios ibéricos e as reformas ilustradas (XVIII-XIX)**. Org: Marcia Amantino, Enrique Normando Cruz e Luisa Consuelo Soler Lizarazo. San Salvador de Jujuy: Editorial de la Universidad Nacional de Jujuy - EDIUNJU, 2020. 324p. 115-137.

KURY, L.B. As mil vozes da natureza. In: Lorelay Kury (Org.). **Representações da fauna no Brasil, séculos XVI-XX**. Ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2014, v.1, p.160-199.

JUSTO, María de la Soledad. Testigos directos de la naturaleza paraguaya. Novedad y tradición en las historias y crónicas jesuitas entre el renacimiento y la ilustración. **Revista digital de la escuela de historia** – / año 4 – n° 7 / Rosario, 2012.

JUSTO, Maria de la Soledad. “Que no es todo para todos”. El deber de escribir en la Compañía de Jesus. **Actas Y Comunicaciones Del Instituto De Historia Antigua Y Medieval**, V. 9, 2013.

JUSTO, María de la Soledad. Maravilla, horror y curiosidad en la naturaleza paraguaya. Literatura de viajes y relato misional en las Crónicas jesuíticas de Paraguay. **XIV Jornadas Interescuelas**, 2013, pp. 1-24.

JUSTO, María de la Soledad; ZUBIZARRETA, Ignacio. **Antología de la Antigua Compañía de Jesús: carisma, instituciones y reducciones em Paraguay, siglos XVI-XVIII**. Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa, 2017.

FIGUEROA, Luis Millones; LEDZEMA, Domingo. Introducción: los jesuitas y el conocimiento de la naturaleza americana. In: **El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo**. v.12. 2005. p.9-26.

LUCAIOLI, Carina P. **Abipones en las fronteras del Chaco**. Una etnografía histórica sobre el siglo XVIII. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 2011. 352 p.

MAEDER, Ernesto J. A; GUTIÉRREZ, Ramón. **Atlas territorial y urbano de las misiones jesuíticas de guaraníes. Argentina, Paraguay e Brasil**. [coord. de la ed., Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico; colabora, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Brasil (IPHAN)]. - Sevilla: Consejería de Cultura, 2009. 114p.

MARTINS, Maria C. Bohn. Uma jornada pela América Meridional e de volta à Europa: Charles Marie de La Condamine e o relato de sua expedição pelo Amazonas. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 38, n. 2, p. 303-324, jul./dez. 2012.

MOURA, Gabriele R. “Escrevo à tu curiosa erudicion una buena parte del nuevo mundo”: a prática historiográfica na obra **Historia de la Conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán, de Pedro Lozano, S.J. (c. 1745)**. 2009. 309f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

NESIS, Florencia Sol. **Los Grupos Mocovi en el Siglo XVIII**. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, - 1a ed., 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e História - A problemática dos lugares**. Projeto História: São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Flavia P. G. Epistemologia, Crônicas e Natureza: uma reflexão sobre a chamada Polêmica do Novo Mundo. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011, São Paulo.

OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de. Um estilo jesuítico de escrita da história: notas sobre estilo e história na historiografia jesuítica. In: **História da Historiografia**, número 7, nov./dez. 2011, pp. 266-278.

PAGE, Carlos A. A literatura dos jesuitas expulsos da provincia do Paraguai: Memórias de um labor intenso. Coletânea: **Jesuítas e Ilustração: Rupturas e continuidades** / coordenadores: José Eduardo Franco. [Et al.]; prefácio de Pierre Antoine Fabre. - São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2019. 399-440.

PAUCKE, Florian. **Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes**. Santa Fe: Ministerio de Innovación y Cultura de la Provincia de Santa Fe, – 1ª.ed. 2010.

PAUCKE, Florián. 1942, 1943, 1944. **Hacia allá y para acá. Una estadía entre los indios Mocobíes, 1749-1767**. Volumen I, II y III. Universidad de Tucumán, Tucumán.

PAZ, Carlos. Las borracheras y sus pre-textos. El beber indígena en la literatura jesuítica sobre Chaco del siglo XVIII. **Revista Brasileira Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 9, n. 17, jan.-jun. 2017, p. 50-72.

PENHOS, Marta. Entre el infierno y el paraíso: el Chaco y sus habitantes en las ‘escrituras jesuíticas’ del siglo XVIII. **V Encuentro sobre Barroco**. Entre cielos e infiernos, La Paz, 2010. p.237-242.

Penhos, Marta. “Cuerpos de fiesta: entre el desfile y la Borrachera en el testimonio del jesuita Florián Paucke (1749-1767)”, **Memoria del IV Encuentro Internacional sobre Barroco**. La Fiesta, La Paz, 11-14 abril, La Paz, 2011. Unión Latina, pp. 181-192.

PEREIRA, Ione A. M. C. A Companhia de Jesus nas Fronteiras da América Espanhola. **Revista História e Diversidade**, Vol. 8, nº1 (2016). p.107-125.

ROCA, María Victoria. El jardín de los jesuitas desde la obra del padre Florián Paucke. Análisis, similitudes y diferencias con las misiones de guaraníes. **Revista del Museo de La Plata**, nº 2: 582-601, vol.5, 2020. p.581-601.

RODRIGUES, Bruno Campos. **A pena do Espírito e o Corpo de Papel: Narrativa e Conhecimento sobre o Corpo Indígena no Chaco (Século XVIII)**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, 100f.

ROSSO, Cintia N. El Confluir medicinal: (des)encuentros en las “medicinas” europeas e indígenas em las reducciones chaquenãs meridionales durante el siglo XVIII. **Revista de Estudios Marítimos y Sociales**, 11, julho/2017, p. 81-113.

ROSSO, Cintia Natalia. La Etnobotánica Histórica: El caso mocoví em la Reducción de San Javier em el siglo XVIII. **Etnobiología** 11 (3), 2013. 54-65.

ROSSO, Cintia; CARGNEL, Josefina. “Historiadores e etnógrafos”: escrituras jesuíticas em el siglo XVIII. Los casos Lozano y Paucke. **Anuário de La Escuela de História Virtual** – Año 3, nº 3, 2012, p.62-77.

ROSSO, Cintia N; MEDRANO, Celeste. El nãndú (rhea americana) y los guaycurúes em el siglo XVIII: un abordaje etnobiológico histórico em el Gran Chaco Argentino. **Revista Chilena de Ornitología**, 22 (1), p. 19-29. 2016.

SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 29, nº 57, p. 91-114 – 2009.

SCARPA, Gustavo; ROSSO, Cíntia. Plantas empleadas como amuletos de animales entre guaycurúes del Gran Chaco argentino: una praxis de la homologación ontológica animista. **Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano**. 31 (1): 1-22 (2022).

SCARPA, Gustavi; ROSSO, Cíntia. etnobotánica del “coro” (nicotiana paa, solanaceae): un tabaco silvestre poco conocido del extremo sur de sudamérica. *Bonplandia*, 20(2), 2011. p.301-404.

SILVA, Scheilla G. S. **A produção iconográfica do jesuíta florian paucke: um registro visual dos mocovís no século XVIII**. 134f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

SCHALLENBERGER, Erneldo. Conflitos coloniais e as missões: uma avaliação das estruturas sócio-econômicas do Paraguai (Séculos XVI e XVII). **Estudos Ibero-Americanos**, II (1984). p. 69-91.

JUSTO, María de la Soledad. Maravilla, horror y curiosidad em la naturaleza paraguaya. Literatura de viajes y relato misional em las Crónicas jesuíticas de Paraguay, **XIV Jornadas Interescuelas**, 2013, pp. 1-24.

THOMAS, Keith. **O homem o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 537f.

VITAR, Beatriz. La Subversión del Orden Jesuítico: Las Ancianas Indígenas Y Su Resistencia a la Acción Misionera en el Chaco. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**: Vol.1; n.1; jan-jun, 2015. p.58.

VITAR, Beatriz. Jesuitas, mujeres y poder: el caso de las misiones de las fronteras del Chaco (siglo XVIII). **Memoria americana**: cuadernos de etnohistoria (nº12). Buenos Aires, 2004. p. 39-70.

VITAR, Beatriz. La evangelización del chaco y el combate jesuítico contra el demônio. Universidad Nacional de Salta Salta, Argentina. **Andes**, núm. 12, 2001.

XAVIER, Newton da Rocha. **No solo regado a sangue e suor: A cartografia da Província Jesuítica do Paraguai (Século XVIII)**. 2012. 173f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ZANETTI, Susana. Las Memorias de Florian Paucke: Uma crónica singular de las misiones jesuítas del Gran Chaco Argentino. **América sin nombre**, nº 18 (2013), p. 178-189, 2013.